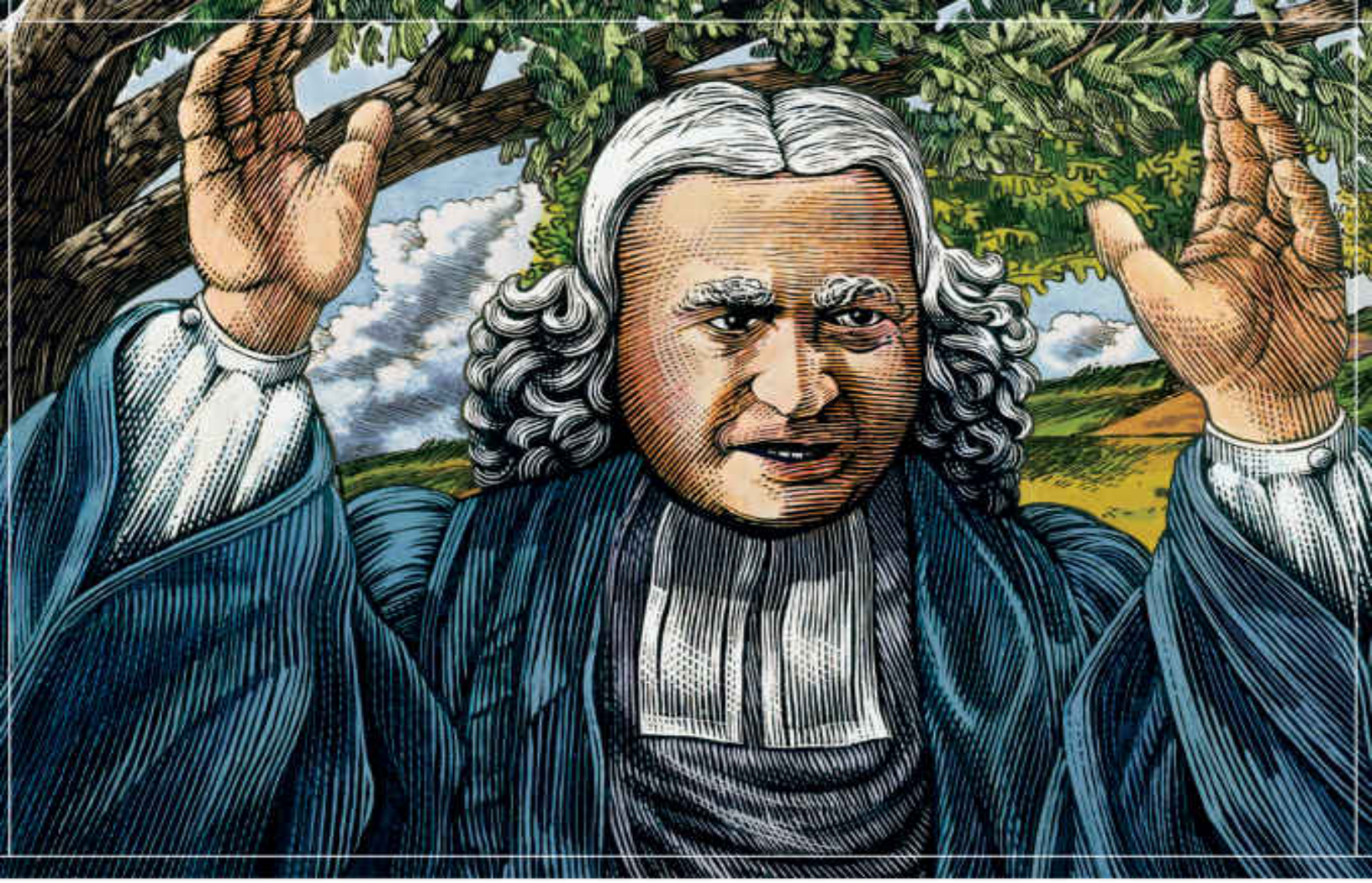


O Zelo Evangelístico *de* George Whitefield

STEVEN J. LAWSON

FIEL Editora

UM PERFIL DE HOMENS PIEDOSOS

STEVEN J. LAWSON

O Zelo Evangelístico *de* George Whitefield

UM PERFIL DE HOMENS PIEDOSOS

FIEL Editora

"O que amo nos livros de Steven Lawson é a escrita de pregador, com olhos e ouvidos aguçados para detalhes que demonstram o papel vital que as grandes pregações desempenharam no avanço do evangelho, no crescimento e fortalecimento da igreja, e no testemunho coletivo do movimento evangélico. Este volume sobre George Whitefield é mais um exemplo majestoso da abordagem que Dr. Lawson faz da história e biografia. Ele destaca as principais nuanças doutrinárias, qualidades da personagem, os talentos naturais e dons espirituais que ajudam a explicar por que Whitefield foi pregador tão poderoso e figura tão monumental na história da igreja. Este livro foi escrito de modo envolvente, pessoal, trazendo à vida a figura de Whitefield. Será difícil deixar de lado um livro como este."

DR. JOHN MACARTHUR
Pastor, Igreja Comunidade da Graça.
Presidente, The Master's College and Seminary,
Sun Valley, Califórnia

"O evangelismo efetivo é humanamente impossível. Tomar a verdade da Bíblia, colocá-la no coração, fazer com que rompa em chamas de amor, e levar suas brasas vivas para outro coração — nenhum homem tem poder para tanto. Requer unção do céu. Deus deu essa unção a George Whitefield e o usou para incendiar milhares de almas. Steven Lawson nos atrai para junto desse fogo neste livro inspirador e informativo. Que muitos leiam e clamem para o alto, para que a chama desça novamente!"

DR. JOEL R. BEEKE
Presidente, Puritan Reformed Theological Seminary
Grand Rapids, Michigan

"Quando Whitefield vinha à cidade, tudo parava e todos escutavam. O que eles ouviam? Como Dr. Steven Lawson deixa claro, ouviam o evangelho proclamado de maneira simples, poderosa e persuasiva. Leia este livro e aprenda a surpreendente história de George Whitefield — para então orar com o intuito de que Deus use este livro para levantar novos Whitefields em nossos dias."

DR. STEPHEN J. NICHOLS
Professor Pesquisador de Cristianismo e
Cultura Lancaster Bible College
Lancaster, Pennsylvania

"Não há dúvida de que George Whitefield seja um dos mais notáveis pregadores na história do Cristianismo: a sua pregação foi central para o Grande Despertamento que remodelou a sociedade britânica dos dois lados do Atlântico; empolgando a mente e imaginação de tantos de sua época, levando à conversão de milhares de pessoas; e mais importante, apresentando o evangelho bíblico simples e fielmente. Sermos lembrados de tudo isso e muito mais pelo novo estudo de Dr. Lawson sobre Whitefield como pregador é imprescindível para nossos dias, quando muitos que se professam cristãos depreciam a pregação e questionam aspectos-chave do evangelho de Cristo conforme pregado por Whitefield."

DR. MICHAEL A. G. HAYKIN
Professor de História da Igreja e de Espiritualidade Bíblica
The Southern Baptist Theological Seminary
Louisville, Kentucky

O Zelo Evangelístico de George Whitefield –
Um perfil de Homens Piedosos Traduzido do original em inglês “The Evangelistic Zeal of George Whitefield”
por Steven Lawson

Copyright © 2013 por Steven Lawson •

Publicado por Reformation Trust, Uma divisão de Ligonier Ministries,

400 Technology Park, Lake Mary, FL 32746

•

Copyright © 2014 Editora Fiel Primeira edição em português: 2014

Todos os direitos em língua portuguesa reservados por Editora Fiel da Missão Evangélica Literária PROIBIDA A REPRODUÇÃO DESTE LIVRO POR QUAISQUER MEIOS, SEM A PERMISSÃO ESCRITA DOS EDITORES, SALVO EM BREVES CITAÇÕES, COM INDICAÇÃO DA FONTE.

•

Diretor: James Richard Denham III Editor: Tiago J. Santos Filho Tradução: Elizabeth Gomes
Revisão: Marcia Gomes
Capa: Chris Larson (ilustração: Kent Barton) Diagramação: Rubner Durais
Adaptação da Capa: Rubner Durais Ebook: Yuri Freire

ISBN: 978-85-8132-216-2

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

L425z Lawson, Steven J.

O zelo evangelístico de George Whitefield / Steven J. Lawson; [tradução: Elizabeth Gomes]. – São José dos Campos, SP : Fiel, 2014.

2Mb ; ePUB – (Um perfil de homens piedosos)

Tradução de: The evangelistic zeal of George Whitefield.
Inclui bibliografia e referências bibliográficas.
ISBN 978-85-8132-216-2

1. Whitefield, George, 1714-1770. 2. Evangelização. I. Título. II. Série.

CDD: 248.5

FIEL Editora

Caixa Postal, 1601
CEP 12230-971
São José dos Campos-SP
PABX.: (12) 3919-9999
www.editorafiel.com.br

Para Kent Stainback,
amigo dedicado e fiel,
cuja paixão pelo evangelho
reflete o zelo evangelístico
de George Whitefield, e
cuja influência espiritual
ajudou a lançar o
Ministério *One Passion*.

ÍNDICE

Apresentação: Seguidores dignos de serem seguidos

Prefácio: Raios de um céu sem nuvens

Capítulo 1: Uma força para o Evangelho
- Nascimento e novo nascimento
- Dos púlpitos aos campos
- Atravessando o Atlântico
- Oposição e oportunidades
- Um incansável itinerante

Capítulo 2: Uma vida de dedicação singular
- Imerso na Escritura
- Saturado pela oração
- Focado em Cristo
- Revestido de humildade
- Lutando por santidade

Capítulo 3: Uma teologia de graça soberana
- Depravação total
- Eleição incondicional
- Expiação limitada
- Vocação eficaz
- Perseverança dos santos

Capítulo 4: Um Evangelho sem comprometimentos
- Expondo o pecado
- Exaltando a cruz
- Requerendo a regeneração
- Intimando a vontade
- Apontando para a eternidade

Capítulo 5: Uma paixão que consumia
- Profundas convicções
- Sinceridade a prova de sangue
- Zelo ardente
- Amor fervoroso
- Diligência intensa

Capítulo 6: Um mandado do Senhor
- Soberanamente chamado
- Implacavelmente impelido
- Espiritualmente energizado
- Divinamente consolado
- Sobrenaturalmente efetivo

Conclusão: Queremos pessoas da estirpe de Whitefield novamente!

Notas

Bibliografia

APRESENTAÇÃO

Seguidores Dignos de Serem Seguidos

Através dos séculos, Deus providencialmente tem levantado uma longa linha de homens piedosos, os quais têm usado de modo poderoso em momentos estratégicos na história da igreja. Estes valorosos soldados da cruz vieram de todos os tipos de vida –– desde os prédios cobertos de hera das melhores escolas de elite até as empoeiradas salas dos fundos de pequenos artesãos. Surgiram de todos os pontos deste mundo –– desde locais de alta visibilidade, em cidades densamente populosas, a obscuros vilarejos dos mais remotos lugares. A despeito dessas diferenças, essas figuras fundamentais têm muito em comum.

Cada um desses homens possuía não somente uma fé inabalável no Senhor Jesus Cristo, mas também, tinham profundas convicções sobre as verdades que exaltam a Deus, conhecidas como *doutrinas da graça*. Embora tivessem diferenças secundárias em questões de teologia, andavam ombro a ombro na defesa dos ensinamentos bíblicos que engrandecem a soberana graça de Deus na salvação. Eles sustentavam a verdade fundamental de que "a salvação é do Senhor" (Jonas 2.9; Sl 3.8).

Qualquer avaliação de história da igreja revela que aqueles que assumiram estas verdades reformadas tiveram confiança extraordinária no seu Deus. Longe de paralisar esses gigantes espirituais, as verdades da soberana graça lhes deram coragem para levantar e avançar a causa de Cristo sobre a terra. Com visão ampliada de sua graça salvadora, com ousadia, eles deram passos adiante e realizaram, muitas vezes, a obra de

vinte homens. Subiram com asas como águias e sobrevoaram o seu tempo. As doutrinas da graça os fortificaram para que servissem a Deus na hora divinamente determinada, deixando uma influência piedosa sobre gerações futuras.

Esta série, *Um Perfil de Homens Piedosos*, destaca personagens principais da procissão de homens da graça soberana através dos séculos. O propósito da série é examinar como essas personagens utilizaram os dons e habilidades dados por Deus para impactar seu tempo e difundir o reino do céu. Sendo eles corajosos seguidores de Cristo, os seus exemplos são dignos de serem imitados hoje.

O presente volume enfoca o grande evangelista britânico George Whitefield. No século XVIII, tempo infestado pela ortodoxia morta, Whitefield rompeu no cenário com poder e paixão. Em dias marcados por grande declínio espiritual, Whitefield pregava com unção sobrenatural e intensa ousadia, tornando-se o principal catalisador da entrada de dois reavivamentos simultâneos, um no Reino Unido e o outro nas colônias da América do Norte. À medida que o Senhor lhe dava forças, a voz de clarim de Whitefield conclamava homens e mulheres aos pés da cruz. Quem sabe não tenha havido outro arauto do evangelho que fosse usado tão efetivamente, em tantos lugares, durante período tão extenso de tempo. Por estas e inúmeras outras razões, George Whitefield permanece eminentemente digno de ter seu perfil nesta série.

Que o Senhor use grandemente este livro para dar coragem a uma nova geração de líderes, a fim de que eles, como Whitefield, deixem uma indelével marca por Deus neste mundo. Por meio deste perfil, que você se fortaleça para andar de modo digno de seu chamado. Que você seja cheio da Escritura e, portanto, zeloso em seu empenho evangelístico, para a exaltação de Cristo e o avanço de seu reino.

Soli deo gloria!

– *Steven J. Lawson*
Editor da Série

PREFÁCIO

Raios de um céu sem nuvens

> *O evangelho deveria ser recuperado para as nações, e Deus havia preparado Whitefield para pregá-lo.*[1]
>
> — Iain H. Murray

Se eu pudesse ser qualquer figura da história da igreja, desejaria ser George Whitefield. Digo isso, não por sua grande habilidade de oratória nem sua fama mundial, mas principalmente por seu ardente zelo evangelístico. Preeminentemente, Whitefield instilou em mim uma paixão pela pregação.

Fui motivado a buscar maior ousadia pela verdade por meio de Martinho Lutero. Adquiri maior desejo de pregar a Escritura de maneira sequencial, expositiva, através de João Calvino. Fui desafiado em termos de disciplina na vida cristã por meio de Jonathan Edwards. Aprendi a necessidade de um intenso foco no evangelho em cada sermão através de Charles Spurgeon. Mas, quando chego a George Whitefield, sou cativado por seu zelo ímpar na proclamação da mensagem do evangelho até os confins da terra.

Neste livro, é meu desejo desvendar o coração de um homem que ardia por realizar a obra de Deus. Minha sincera esperança é que o exemplo de George Whitefield renove a sua paixão por levar o nome de Cristo às

nações. Oro para que este livro mova uma nova geração de pregadores do evangelho, que avancem nos campos do mundo, brancos para a colheita. Mas, antes de examinar a vida e o ministério desse homem extraordinário, permita-me estabelecer primeiramente o ambiente histórico no qual ele viveu.

Para o mundo de língua inglesa, o século XVIII foi um período monumental de despertamento espiritual. Martyn Lloyd-Jones chamou este tempo de "a maior manifestação do poder do Espírito Santo desde os dias apostólicos".[2] Essa era provou ser tempo sem precedentes de esforços evangelísticos e renovação espiritual. Seus efeitos se estenderam por dois continentes e foram especialmente dramáticos, dada a letargia espiritual que permeava a igreja e a cultura da época. Este tempo provou ser nada menos que uma "segunda reforma".

Desde o século XVII a pregação do evangelho havia se esfriado em toda a Europa, mas especialmente na Inglaterra. A igreja estatal já estava em declínio espiritual. O presbiterianismo havia se enfraquecido, e os batistas gerais começavam uma escorregadia descida do arminianismo para o unitarianismo.

Diversos fatores causaram tais dias de sequidão. Muitas igrejas não exigiam mais uma membresia regenerada e eram descuidadas quanto a quem admitiam à Mesa do Senhor. O puritanismo sofreu um golpe devastador quando o parlamento aprovou o Ato de Uniformidade em 1662, que dividiu permanentemente a Igreja da Inglaterra de todas as demais igrejas protestantes, dali em diante conhecidas como "Dissidentes".[3] Debaixo de Carlos II, este decreto determinou uma forma mais católica de orações públicas, o sacerdócio, os sacramentos, e outros ritos na Igreja da Inglaterra. Pastores puritanos foram obrigados a abandonar as suas ordenações originais e serem reordenados sob essa nova forma da igreja do estado.

A crise que se fomentava chegou ao ápice em 24 de agosto de 1662, no dia de São Bartolomeu, quando dois mil ministros puritanos foram enxotados de suas igrejas. Em um só dia, a maior geração de pregadores do evangelho foi despedida do púlpito e proibida de pregar. Esses pastores puritanos sofreram restrições ainda maiores com a aprovação do *Ato De Conventicle*, em 1664. Foram banidos da pregação em campos ou condução de cultos particulares de adoração nos lares dos párocos. Restrições ainda maiores vieram com o *Ato das Cinco Milhas*, em 1665, que proibia os pastores expulsos de chegar mais perto que cinco milhas das suas antigas igrejas, bem com de qualquer cidade ou vilarejo em que tivessem pastoreado anteriormente.

Essa perseguição foi retirada em 1689 pelo *Ato de Tolerância*, sob Guilherme e Maria [William e Mary], mas até chegar esse tempo, a maioria dos principais pastores puritanos já havia morrido. Proibidos de serem enterrados em cemitérios adjacentes às igrejas inglesas, muitos pastores puritanos foram sepultados em um cemitério separado, não conformista, em *Bunhill Fields*, fora de Londres. Incluídos nesse cemitério desprezado estavam pessoas de renome como John Bunyan, John Owen, Isaac Watts e Thomas Goodwin. Considerados párias indignos, estes homens de Deus eram sepultados fora dos limites da cidade. A influência puritana havia declinado fortemente.

Ao mesmo tempo, muitos púlpitos anglicanos altamente estimados ensinavam uma corrupção moralista e legalista da justificação pela fé. Tal declínio doutrinário deixava a igreja inglesa com pouco apetite pela pregação da Palavra. Havia desvanecido qualquer interesse pelos perdidos. Como os apóstolos no jardim de Getsêmane, os pastores ingleses tinham deixado de vigiar e eram acalantados em profundo sono. As convicções bíblicas foram substituídas pelas filosofias seculares prevalecentes. Havia verdadeira fome na terra por ouvir a Palavra de Deus.

Foi nesse vazio espiritual que Deus levantou o evangelista inglês George Whitefield. Como um raio vindo de um céu sem nuvens, Whitefield subiu ao palco mundial como o mais eloquente arauto do evangelho desde os dias do Novo Testamento. Deus deu poder a Whitefield para se tornar como uma lâmpada de chamas fortes, colocada sobre uma montanha, no meio do negro império de Satanás.

Esta figura poderosa, de incomum fervor evangélico, encabeçou um ressurgimento cristão sem precedentes. Sua retumbante voz foi catalisadora de despertamento espiritual, à medida que sua pregação tomou conta das Ilhas Britânicas como tempestade, dando choques elétricos às colônias americanas. Através de seu zelo evangelístico, Whitefield atiçou as chamas do avivamento até que se espalhassem no coração de incontáveis homens e mulheres. Pode-se afirmar que mediante a sua pregação, as Ilhas Britânicas foram salvas do que seria equivalente à Revolução Francesa. E do outro lado do Atlântico, uma nação nasceria com o despertar de sua proclamação do evangelho.

Dados os muitos males que contaminam a igreja de hoje, a presente geração necessita uma forte dose de George Whitefield. Ao olharmos o cristianismo dos dias atuais, existe muito pelo qual ser grato, especialmente à luz do ressurgimento reformado dos anos recentes. Contudo, tem se tornado uma tendência para muitos deste movimento se afastar em uma clausura calvinista, tendo pouco impacto sobre o mundo a seu redor. Whitefield, mediante seu intenso envolvimento com o mundo e sua fervorosa proclamação do evangelho, tem muito a nos ensinar sobre aquilo que tem de ser desesperadamente recobrado.

Temos muitos apologetas pobres, dando palestras inócuas em nossos púlpitos hoje em dia. A necessidade da hora é de calorosos *proclamadores* de Deus e de sua graça salvadora – não apenas explanadores filosóficos. É muito fácil nos emaranharmos nas teias das pressões sociais e políticas que deslocam nosso dever principal de pregar a Cristo. Na presente hora, é

necessário recuperar a profunda crença de Whitefield na soberana graça de Deus, junto com um desejo zeloso de chamar os perdidos ao arrependimento e fé em Cristo. Whitefield via como maior necessidade do ser humano o estar bem diante de Deus. Whitefield cumpria o chamado de Deus, de conclamar com paixão a um mundo perdido que perecia, para que cressem no evangelho. Nós também precisamos fazer o mesmo.

Antes de continuar considerando a vida de George Whitefield, tenho de agradecer a equipe de publicações de *Reformation Trust* por seu compromisso com essa série *Um Perfil de Homens Piedosos*. Continuo grato a Chris Larson, que tem sido instrumental na supervisão desta série. Sou grato pela influência contínua de meu ex-professor e amigo atual, Dr. R. C. Sproul.

Sou devedor à Igreja Batista Comunidade de Cristo de Mobile, Alabama, onde sirvo como pastor titular. Não consigo imaginar que qualquer outro pastor tenha recebido tanto encorajamento para servir a Cristo, em escala de tão grande alcance, quanto eu. Sou extremamente grato pelo apoio dos meus colegas presbíteros e de minha congregação, que continuamente me estimulam em meu extenso ministério por todo o mundo.

Quero expressar minha gratidão por minha assistente executiva, Kay Allen, que digitou este documento, e Dustin Benge e Keith Phillips, co-pastores na Comunidade de Cristo, que me ajudaram a preparar este manuscrito.

Agradeço a Deus por minha família e seu apoio em minha vida e ministério. Minha esposa, Anne, e nossos quatro filhos, Andrew, James, Grace Anne e John, permanecem como colunas de força para mim.

Que o Senhor use o exemplo de Whitefield, quer você seja leigo quer pregador, para dar-lhe coragem em seu compromisso com a causa de Cristo e o expandir de seu evangelho. Nestes dias, quando há gritante necessidade de coragem, tanto no púlpito quanto nos bancos da igreja, que

possamos ver a restauração até a pureza cristalina da igreja de Cristo mediante uma nova reforma.

— Steven J. Lawson
Mobile, Alabama
Agosto 2013

CAPÍTULO 1

Uma força para o Evangelho

> *Outros homens parecem estar apenas vivos pela metade, mas Whitefield era totalmente vida, fogo, asas, força. Meu modelo pessoal, se for possível algo assim em subordinação a meu Senhor, é George Whitefield. Com passos desiguais, deverei seguir o seu glorioso caminho.*[1]
>
> — Charles Spurgeon

Alcançando de um lado a outro do Oceano Atlântico, o ministério expansivo de George Whitefield (1714–1770) permanece inigualável até os dias atuais. Implacável em seu ímpeto e fervoroso de alma, esse "Grande Itinerante" foi o instrumento escolhido nas mãos de nosso soberano Deus para o ajuntamento de incontáveis milhares ao seu reino. Atingindo as Ilhas Britânicas, de Londres a Edimburgo, e as colônias norte-americanas, de Boston até Savannah, este arauto ungido do evangelho foi a força por trás do movimento evangélico britânico e do primeiro Grande Despertamento.

Existiram outros pregadores ao ar livre antes de Whitefield. No século XIII, os Valdenses circularam pela Europa central propagando o evangelho. Durante o século XIV, um bando de corajosos pregadores, conhecidos como os Lolardos, foi enviado por João Wycliffe (c. 1320–1384) a proclamar Cristo às vilas e aos campos da Inglaterra. Howell Harris (1714–1773),

contemporâneo de Whitefield, havia pregado ao ar livre no País de Gales. Mas *nunca antes* houve alguém como Whitefield, em termos de escopo e poder. Na verdade, desde as viagens missionárias do Apóstolo Paulo, no primeiro século, nunca a pregação evangelística tinha sido levada de forma tão direta às massas do mundo.

Em seus trinta e quatro anos de ministério, Whitefield pregou cerca de dezoito mil sermões, muitas vezes a múltiplos de milhares. Se forem incluídas mensagens informais, como em lares particulares, este número chega facilmente a trinta mil sermões, talvez mais. Era comum pregar três sermões por dia; não era raro quatro. Estimativas conservadoras são que ele tenha falado mil vezes a cada ano, durante mais de trinta anos. Somente nos Estados Unidos, estima-se que oitenta por cento dos colonos o ouviram pregar. Isso quer dizer que Whitefield foi visto por muito mais colonos americanos do que George Washington. O nome de Whitefield era mais amplamente reconhecido pelos habitantes coloniais norte-americanos do que qualquer outra pessoa viva, com exceção da realeza britânica. Acredita-se que Whitefield tenha pregado a mais de dez milhões de pessoas no decurso de seu ministério, um número inacreditável.

Tendo feito diversas difíceis viagens à América, Whitefield atravessou o Oceano Atlântico treze vezes com o propósito expresso da pregação do evangelho. Passou quase três anos de sua vida em um navio com o fim de pregar a Palavra de Deus. Ao todo, cerca de oito anos de sua vida foram passados na América. Fez quinze viagens à Escócia, duas à Irlanda, e uma a Gibraltar, Bermuda e Holanda. Desse alcance sem paralelos, Whitefield podia dizer de verdade: "O mundo inteiro é minha paróquia. Onde quer que o Mestre me chame, estou pronto a ir e pregar o evangelho eterno."[2] Desde o tempo dos Apóstolos, os anais da história da igreja não documentam nenhum outro indivíduo que possuísse tanta ambição pelo evangelho e incansável determinação.

Os contemporâneos de Whitefield nunca encontraram outro igual. O grande compositor de hinos, o inglês William Cowper, se maravilhava porque em Whitefield, "os tempos apostólicos parecem ter voltado para nós".[3] Outro famoso hinólogo, John Newton, declarou: "Como pregador, se alguém me perguntasse quem é o segundo melhor que eu tenha ouvido, eu não saberia dizer; mas quanto ao primeiro, o Sr. Whitefield excede tanto a todos os demais homens de meus tempos que eu não hesitaria em dizer."[4] O renomado compositor de hinos, Augustus Toplady, o elogiou como "príncipe dos pregadores, o apóstolo do Império Inglês, e mais útil ministro que surgiu desde os dias dos apóstolos."[5]

Os maiores pregadores da história são os mais fortes admiradores de Whitefield. J. C. Ryle, notável pregador e escritor, afirmou: "Creio que nenhum pregador inglês tenha possuído uma combinação tão completa de excelentes qualificações quanto Whitefield. [...] Repito a minha opinião: Whitefield permanece único."[6] O indisputável *Príncipe dos Pregadores*, Charles Spurgeon, testificou:

> Frequentemente, ao ler sobre sua vida, fico consciente de distinto reavivamento em qualquer direção que olhe. Ele *vivia*. Outros homens parecem estar apenas vivos pela metade, mas Whitefield era totalmente vida, fogo, asas, força. Meu modelo pessoal, se for possível algo assim em subordinação a meu Senhor, é George Whitefield. Com passos desiguais, deverei seguir o seu glorioso caminho".[7]

O único mentor de Spurgeon na pregação foi Whitefield. Em seu livro dos sermões de Whitefield, ele escreveu: "C. H. Spurgeon, que admira a Whitefield como chefe dos pregadores."[8]

O famoso expositor Martyn Lloyd-Jones, maravilhado por este célebre pregador, disse: "George Whitefield é, sem dúvida, o maior pregador em língua inglesa de todos os tempos... Esse homem era simplesmente

fenomenal."[9] Ian Paisley, fundador da Igreja Presbiteriana Livre de Ulster, asseverou: "Sem dúvida alguma, George Whitefield foi o maior pregador de sua geração ou de qualquer geração subsequente."[10] Os estudantes de homilética colocam Whitefield no topo de suas listas. O historiador Edwin C. Dargan disse: "A história da pregação, desde os apóstolos, não contém nome maior ou mais digno que o de George Whitefield."[11] O historiador da Universidade de Yale, Harry Stout, escreveu que Whitefield foi o "primeiro herói cultural da América". Acrescentou ainda: "Antes de Whitefield, não havia pessoa ou evento intercolonial unificador. [...] Mas, em 1750, quase todo norte-americano amava e admirava a Whitefield, e o via como seu campeão."[12]

Como foi com Moisés no Egito, Paulo em Roma ou Lutero em Witenburgo, Deus coloca os seus servos escolhidos em épocas decisivas da história, quando é necessária uma voz para promulgar a causa de seu Reino. Nos poderosos reavivamentos do século XVIII, um tempo de renovação espiritual diferente de qualquer outro na história da igreja, Whitefield foi essa voz, acordando a igreja de seu sono espiritual e fortificando a sua fé no Deus vivo.

O que tornou Whitefield um evangelista tão efetivo na propagação do evangelho de Jesus Cristo? Da perspectiva divina, Deus soberanamente escolheu usar a George Whitefield, simplesmente porque isso o agradou. Mas em termos humanos, quais eram as virtudes dadas por Deus que qualificaram este incansável pregador para ser usado de maneira tão poderosa? Antes de tratar dessas questões, consideremos uma visão geral deste homem extraordinário.

Embora pudesse ser defendido como o maior pregador da era cristã, ironicamente, Whitefield permanece um enigma para a maioria das pessoas. Uma revisão de sua vida e realizações torna-se necessária porque, como disse certa vez Lloyd-Jones, Whitefield seria o "homem mais negligenciado em toda a história da igreja".[13] Lloyd-Jones lamentou ainda

que: “Whitefield é um homem desconhecido, e parece que as pessoas jamais tenham ouvido a grande história sobre ele.”[14] Por esta razão, ouçamos novamente a história deste herói não celebrado, o “Pai do Evangelicalismo”.

NASCIMENTO E NOVO NASCIMENTO

Nascido em 16 de Dezembro de 1714, em Gloucester, Inglaterra, George Whitefield era filho caçula, o sexto de Thomas e Elizabeth Whitefield, proprietários da hospedaria Bell Inn. Seu pai faleceu quando Whitefield tinha apenas dois anos de idade. Ele foi criado por sua mãe até ela se casar novamente, quando ele contava oito anos de idade. Infelizmente, esse novo casamento não foi feliz e acabou em divórcio. Dentro de tanta inquietação, George se envolveu em furtos, mentiras e xingamentos de baixo calão. Ele possuía conhecimento do pecado nesses anos formativos, mas não tinha o mínimo conhecimento de Cristo.

O verdadeiro interesse do jovem Whitefield estava no palco do teatro. Ator e orador nato, George entretinha os hóspedes da pousada com sua habilidade dramática. Desenvolveu a capacidade de orador e os poderes da elocução que seriam aperfeiçoados e usados em seu futuro ministério. Possuindo mente notável, aos dezesseis anos George começou a ler o Novo Testamento grego e também obteve proficiência no latim. Durante todo esse tempo, porém, sua alma inquieta permanecia não convertida.

Aos dezoito anos, Whitefield entrou na faculdade *Pembroke College*, da Universidade de Oxford. Para subsidiar o custo de seus estudos, trabalhava como *servidor*, atendendo às necessidades dos estudantes mais ricos — limpando seus quartos, lavando suas roupas e preparando as suas refeições. Em meio às crescentes exigências dos estudos, e lutando com uma consciência culpada, Whitefield buscava ardentemente estar em boa posição diante de Deus. Em desesperada luta espiritual, orava três vezes ao dia e jejuava, mas não encontrava paz para sua alma atribulada.

Perto do final do primeiro ano de Whitefield em Oxford, Charles Wesley (1707–1788), futuro escritor de hinos, o apresentou a um pequeno grupo de estudantes conhecidos como “Clube Santo de Oxford”. Incluído nesse

grupo estava o irmão de Charles, John Wesley (1703–1791), e dez outras pessoas que se reuniam para buscar uma vida religiosamente moral. A despeito de sua rígida disciplina na leitura e estudo bíblico, oração, jejuns e serviço cristão, nem um sequer desses jovens estudantes era convertido. Tão exigente era Whitefield em seus esforços de justiça própria para merecer a salvação, que sua severa disciplina fez com que sofresse uma fraqueza física que durou por toda sua vida.

Na urgente procura de ser aceito por Deus, Whitefield recebeu um livro de Charles Wesley na primavera de 1735. Era sobre o novo nascimento, e tinha o título: *The Life of God in the Soul of Man*, [A vida de Deus na alma humana], escrito por Henry Scougal. Ali, Whitefield aprendeu que o caminho da salvação não era por suas próprias obras religiosas, mas tão somente pela regeneração divina. Sob tremenda agonia e convicção, reconheceu: "Preciso nascer de novo ou serei condenado!"[15] Aos vinte e um anos de idade, Whitefield foi regenerado pelo Santo Espírito, e depositou sua fé em Cristo. Confessou:

> Um homem pode frequentar a igreja, fazer suas orações, receber o Sacramento, e, no entanto, [...] não ser cristão. [...] Senhor, se eu não for cristão, se eu não for um cristão autêntico, por amor de Jesus Cristo, mostra-me o que é o cristianismo, para que eu não seja condenado em última instância. Leio um pouco adiante, e o engano foi descoberto. Oh, diz o autor, os que conhecem alguma coisa da religião sabem que é uma união vital com o Filho de Deus, Cristo formado no coração. Oh, que raio de vida divina rompeu então sobre minha pobre alma.[16]

Uma sofrida busca por aceitação da parte de Deus, que durou cinco anos, agora foi cumprida. Nascer de novo seria o tema repetido de todo seu futuro ministério. Ele declarou:

> Finalmente, Deus se agradou de remover o pesado fardo, de fazer com que eu me apropriasse de seu amado Filho com viva fé, e dar-me o Espírito de adoção, selar-me, conforme humildemente espero, para aquele dia de eterna redenção. Mas, oh! Com que alegria — alegria indizível — mesmo a alegria plena e grande de glória, minha alma se encheu, quando o peso do pecado foi removido.[17]

Whitefield, totalmente convertido, estava tomado por um desejo que consumia tudo: conhecer a Cristo mais intimamente. Em humilde submissão, começou a ler sua Bíblia de joelhos e devorava a *Exposição do Antigo e do Novo Testamento*, de Matthew Henry. Esse saturar da verdade bíblica imediatamente o fundamentou na fé reformada, a qual moldaria profundamente a sua pregação.

Os irmãos Wesley, ainda não convertidos, saíram para o campo missionário na colônia americana de Geórgia, deixando Whitefield como líder do Clube Santo. Com zelo a inflamar sua alma, ele evangelizava seus colegas estudantes e colocava novos crentes em pequenos grupos de estudos. Essa rígida disciplina no estudo bíblico levou muitos a rotular os membros do Clube Santo com o termo pejorativo de “metodistas”.

DOS PÚLPITOS AOS CAMPOS

Ao formar-se pela universidade de Oxford em 1736, Whitefield retornou a Gloucester, onde foi ordenado diácono da Igreja da Inglaterra. "Conclamo céus e terra como testemunhas", Whitefield relembra, "que quando o bispo impôs suas mãos sobre mim, eu me entreguei como mártir para aquele que foi pendurado na cruz por mim."[18] Mas havia algo incomum preparado por Deus para ele.

Quase que imediatamente, Whitefield sentiu o chamado de Deus a pregar, e uma semana mais tarde entregou o seu primeiro sermão na Igreja *Saint Mary of the Crypt*, Gloucester, onde tinha sido batizado. Quando retornou a Oxford para mais estudos, a compulsão de pregar cresceu ainda mais. Nos próximos dois meses, Whitefield sentiu-se desejoso de preencher púlpitos em Londres. Foram imediatamente reconhecidos os dons homiléticos incomuns desse novo pregador. Os santuários ficaram cheios de pessoas para ouvir esse jovem fenômeno da pregação.

Inesperadamente, chegou uma correspondência de John e Charles Wesley, da Geórgia, instando com Whitefield a ajudá-los em sua nova obra missionária. "Ao ler isto, meu coração saltou em mim, como se exultasse ao chamado",[19] disse ele. Estava resolvido a navegar até as colônias americanas para ajudar nesse novo empreendimento. Antes de partir, Whitefield voltou a Gloucester para despedir-se de sua família, aproveitando a oportunidade de pregar novamente para enormes multidões que se juntavam sob o grande poder da Palavra.

Ao retornar a Londres, Whitefield estava pronto para fazer sua jornada inaugural até as colônias americanas, mas seu navio foi detido. Aproveitando plenamente a demora, Whitefield aceitava convites para pregar em Gloucester, Bristol, Bath e Londres. Onde quer que estivesse, a notícia sobre o jovem prodígio no púlpito se espalhava. Os prédios das

igrejas ficavam superlotados, os corações eram comovidos, e almas eram convertidas. Em uma era conhecida por sermões secos, moralistas, sem um pingo de emoção, Whitefield surgiu com proclamações abrasadoras do evangelho, despertando as pessoas à sua necessidade de Cristo. Esse desconhecido de vinte e três anos de idade foi de repente aclamado por toda parte. Ele escreveu:

> A maré da popularidade agora estava em alta. Em pouco tempo, eu não podia mais andar a pé como de costume, mas fui constrangido a ir de um lugar a outro de carruagem, para evitar as hosanas da multidão. Eles se tornavam extravagantes em seus aplausos. Não fosse pelo meu compassivo sumo sacerdote, a popularidade teria me destruído. Costumava instar com ele para que me tomasse pela mão e me levasse incólume no meio dessa fornalha ardente. Ele ouviu meu pedido e deu-me ver a vaidade de todas as comendas, com exceção daquela que provém dele. [...] eu era de tal forma sobrepujado pelo senso da infinita majestade de Deus que me constrangia a lançar-me ao chão, oferecendo minha alma como vazia em suas mãos, para que nela ele escrevesse o que era do seu agrado.[20]

Durante os primeiros dezoito meses da pregação de Whitefield, seu trabalho inicial era realmente surpreendente. Rompeu no cenário proclamando a Palavra com maior fervor, como jamais ouviram antes, e isso moveu a alma de milhares de pessoas na Inglaterra, tirando-os de sua letargia espiritual. Transbordando, congregações estavam ansiosas por ouvi-lo pregar.

Finalmente, em 28 de dezembro de 1737, o *Whittaker* estava pronto a navegar até a colônia americana de Geórgia. Embora o tempo adverso atrasasse ainda mais a partida, Whitefield finalmente chegou a Savannah, Geórgia, em 7 de maio de 1738, para descobrir então que John Wesley deixara a colônia sob acusação formal por um supremo tribunal. O trabalho da missão estava totalmente destruído. Enquanto Whitefield

olhava o cenário, viu grande número de órfãos, e sentiu-se compungido a construir um orfanato. Porém, um projeto ambicioso assim requereria fundos substanciais. Whitefield voltou para a Inglaterra a fim de levantar os recursos necessários em 28 de agosto, ali chegando três meses mais tarde, em 30 de novembro.

Com seu retorno, Whitefield descobriu que os irmãos Wesley haviam se convertido e assumido a liderança do novo movimento emergente conhecido como Metodismo. Enquanto Whitefield e os Wesley pregavam, este dinâmico trio enfatizava a necessidade do novo nascimento. Insistiam até em dizer que muitos ministros na Igreja da Inglaterra não eram convertidos, o que causou grande celeuma. Tal ousada afirmação levou muitos líderes eclesiásticos a resistir ao seu trabalho. Panfletos maldosos foram circulados em oposição e rumores foram espalhados, manchando o nome de Whitefield. Portas das igrejas foram fechadas contra ele, forçando uma ousada nova estratégia. Ele evitaria completamente os edifícios de igrejas e pregaria ao ar livre.

Em 17 de fevereiro de 1739, Whitefield pregou pela primeira vez ao ar livre em *Kingswood*, um campo nos arredores de Bristol. Ficou em pé sobre um pequeno outeiro no campo, pregando para um ajuntamento relativamente pequeno de mineiros de carvão e suas famílias, cerca de duzentas pessoas. Whitefield declarou a graça salvadora de Jesus Cristo, e os que assistiram ficaram comovidos pelo poder do evangelho. Ele comentou sobre essa ocasião:

> Não possuindo nenhuma justiça própria a renunciar, eles se alegraram em ouvir sobre um Jesus amigo de publicanos, que não veio chamar os justos, mas sim, os pecadores ao arrependimento. A primeira descoberta de que foram tocados em seu ser foi ver os regos brancos feitos por suas lágrimas, que jorravam copiosas por suas bochechas enegrecidas, pois vinham diretamente dos poços de carvão. Centenas deles logo foram trazidos sob profunda convicção, que, como a ocasião provou, felizmente terminou em

> uma sã e completa conversão. A transformação foi visível a todos, embora os muitos escolhessem atribuí-la a a qualquer outra coisa senão ao dedo de Deus.[21]

Esse primeiro sucesso na pregação ao ar livre provou ser a mudança de direção, não apenas para o ministério de Whitefield, como também, em muito, para o evangelicalismo em geral. Ele pregava onde quer que conseguisse juntar uma multidão, quer em campo aberto, mercados alvoroçados, quer em velhos cemitérios nos quintais das igrejas ou a bordo de navios prestes a zarpar. Os relatos do próprio Whitefield sobre suas reuniões iniciais em Londres são realmente surpreendentes. Os seus Diários (*Journals)* estão repletos de entradas registrando multidões explosivas que vinham ouvir a mensagem do evangelho. Estima-se que Whitefield tenha alcançado cerca de 650.000 pessoas por mês durante o ano de 1739, que é igual a cerca de vinte e duas mil pessoas por dia.[22] Na sexta-feira, 1 de junho de 1739, ele escreveu:

> Preguei à noite em um lugar chamado *Mayfair*, perto da esquina do parque *Hyde*. Foi de longe o maior grupo a quem eu havia pregado até então. Em meu tempo de oração, havia um pouco de barulho, mas eles guardaram profundo silêncio durante todo o meu discurso. Um palanque alto e muito cômodo foi erguido para que eu pudesse ficar em pé diante deles; e embora em mim mesmo eu estivesse bastante fraco, Deus me fortaleceu para que eu falasse tão alto que a maioria pudesse ouvir, e com tanto poder, que a maioria conseguisse sentir o que se falava. Todo amor, toda glória sejam a Deus, por meio de Cristo![23]

Armado dessa nova abordagem, Whitefield resolveu: "A pregação nos campos é o meu plano; nisto estou sendo levado como que sobre asas de águias."[24] Ele asseverou ainda: "É bom ir às estradas e cercas. Pregação nos campos, pregação nos campos para sempre!"[25] Ele não se intimidava com a

oposição: “Minha pregação nos campos pode desagradar alguns homens temerosos, intolerantes, mas estou plenamente persuadido de que agrada a Deus — então, por que eu deveria temer qualquer outra coisa?”[26] Whitefield estava tão ligado à pregação no campo que certa vez comentou: “Ah, que eu possa morrer no campo!”[27] Dentro de poucas semanas, Whitefield estava pregando múltiplas vezes por semana a multidões nos milhares.

Em 25 de março, cinco semanas após seu primeiro sermão ao ar livre, Whitefield colocou-se diante de uma multidão de vinte e três mil pessoas para entregar seu último sermão em Bristol. Refletindo sobre a momentosa ocasião, Whitefield comentou:

> Como... eu havia apenas começado a ser pregador extemporâneo, isso muitas vezes ocasionou conflitos internos. Às vezes, tendo vinte mil pessoas à minha frente, eu não tinha, em meu próprio entendimento, uma palavra sequer a dizer a Deus ou a eles. Mas jamais fiquei completamente abandonado, e com frequência... fui de tal forma assistido que sabia de primeira mão, por feliz experiência, o que nosso Senhor queria dizer ao falar: “do seu interior fluirão rios de água viva” [João 7.38]. O céu aberto sobre mim, a vista dos campos adjacentes, com a visão de milhares e milhares, alguns em carruagens, outros a cavalo, outros subindo em árvores, às vezes todos eles juntos tocados e encharcados de lágrimas, a que às vezes era acrescentada a solenidade da noite que se aproximava, era quase demais para mim, e me sobrepujava.[28]

Esse sucesso inicial provocou muita oposição. Sentindo-se ameaçado, o bispo de Bristol acusou Whitefield de “fingir” ter recebido “revelações extraordinárias e dons do Espírito Santo”, que o bispo chamou de “uma coisa muito horrenda.”[29] Tal resistência não detinha o jovem evangelista. Com confiança crescente, ele voltou a Londres para pregar ao ar livre. Pregou em *Moorfields*, um parque público, a milhares que lá estavam para

se divertir. Pregou em *Kennington Common* a uma multidão de trinta mil pessoas, onde muitos foram profundamente convictos e voltaram-se a Cristo. Crendo que Deus estivesse com ele nos campos abertos, Whitefield pregou em *Hampstead Heath* e *Bedford* a números crescentes. Inacreditáveis oitenta mil pessoas se ajuntaram para ouvi-lo em *Hyde Park*. A sua pregação ao ar livre continuou em Cirencester, Tewkesbury, Bristol, Basingstoke, Rodborough, Stroud e Hampton Court.

Durante esse único verão, estima-se que em Londres e nos condados circunvizinhos, Whitefield tenha pregado a um milhão de pessoas. Toda Londres fervilhava de conversas sobre o reino de Deus. Surpreendentemente, esse sucesso ocorreu quando Whitefield tinha apenas vinte e quatro anos de idade. Um século mais tarde, o pastor escocês Robert Murray M'Cheyne exclamou: "Oh! Que tivéssemos a semana de Whitefield em Londres, quando vieram mil cartas!"[30] Mas, no ápice desse ministério, Whitefield tomou uma ousada decisão. Ao invés de navegar sobre essa onda de popularidade, ele resolveu, em agosto de 1739, tomar um navio e ir para a América. Este jovem evangelista estava determinado a entrar nas cidades grandes das colônias para trazer a mesma pregação evangelística e espírito reavivalista ao Novo Mundo.

ATRAVESSANDO O ATLÂNTICO

Após uma viagem de dois meses, Whitefield aportou em Lewes, Delaware, pronto a lançar uma nova campanha de pregação. Esta turnê evangelística pelas colônias é considerada por muitos a maior campanha de pregação jamais realizada. A influência de Whitefield na América, disse Martyn Lloyd-Jones, foi "simplesmente esmagadora".[31] Uma visita de Whitefield, J. I. Packer disse, era um "grandíssimo evento".[32] Onde quer que fosse, o comércio parava, as lojas fechavam, lavradores deixavam os arados e até os juízes adiavam suas audiências. Esse circuito de pregações atearia fogo ao cenário americano, com as verdades do evangelho e a necessidade da fé salvadora em Cristo. No devido tempo, uma nação incipiente surgiria das chamas.

Whitefield viajou primeiro até Filadélfia, a segunda maior cidade das colônias, onde pregou na Igreja de Cristo e em seguida mudou para o lado de fora. Dois dias mais tarde, falou a cerca de seis mil pessoas, mais ou menos metade da população de treze mil que moravam em Filadélfia. Whitefield viajou então para a cidade de New York, onde pregou para as maiores multidões que haviam se juntado nas colônias. Falou primeiro a oito mil pessoas em um campo, e no domingo a quinze mil pela manhã e, finalmente, a vinte mil à tarde. Jamais permanecia estacionado. Voltando para a região de Filadélfia, pregou novamente a números crescentes em Elizabeth Town, New Brunswick, Maidenhead e Neshaminy.

Em 24 de novembro, Whitefield entrou em Filadélfia com *momentum* crescente, tendo muitos milhares a assistir sua pregação. De manhã ele ficava em pé diante de seis mil pessoas, e ao entardecer, oito mil. As multidões aumentaram para dez mil, e chegando o domingo, vinte e cinco mil pessoas se ajuntaram para ouvi-lo pregar. Seu sermão de despedida atraiu mais de trinta mil, mais que duas vezes a população da cidade.

Benjamin Franklin, amigo chegado de Whitefield, documentou o que ele descreveu como números "enormes". Estimando a área coberta pela multidão e dando a cada pessoa sessenta centímetros quadrados, Franklin escreveu: "Computei que ele podia ser ouvido por mais de trinta mil pessoas. Isso me harmonizou com os relatos dos jornais, de ele ter pregado a vinte e cinco mil pessoas nos campos".[33] Esses vastos números cobriam mais que uma dúzia de quarteirões de uma cidade, e as almas foram impactadas para a eternidade.

Franklin se dispôs a tornar Whitefield famoso nas colônias. Imprimiu dez edições dos *Diários* de Whitefield, e obteve a assistência de onze gráficos para fazê-los campeões de vendas. Durante 1739–1741, mais de metade dos livros publicados por Franklin eram escritos por ou a respeito de Whitefield.[34]

Deixando Filadélfia em 29 de novembro, Whitefield viajou para o sul, até Savannah, Geórgia, onde pregou extensivamente e cuidou de seu orfanato. Em Abril de 1740 tomou um navio de volta a Lewes; de lá viajou até a Filadélfia e áreas circunvizinhas a fim de pregar. Cavalgou até New Jersey e cidade de New York, para então voltar a Filadélfia em maio, quando, em cada ocasião, obteve crescente sucesso.

Estimulado por esse efeito visível, Whitefield tomou novamente um navio e foi para Savannah, onde pregou inúmeras vezes com bênçãos incomuns durante todo o verão. Em setembro ele voltou de navio para o norte, dessa vez para Newport, Rhode Island, onde encontrou grande sucesso evangélico. Whitefield foi adiante ao norte, até Boston, pregando por mais de uma semana ali antes de subir e descer a costa da Nova Inglaterra, apregoando a Cristo em todo lugar. Quando retornou a Boston em outubro, "a própria face da cidade parecia ter sido estranhamente transformada".[35] O poder de Deus estava visivelmente com ele onde quer que fosse.

Jonathan Edwards (1703–1758), líder reconhecido da primeira onda do Grande Despertamento, convidou Whitefield a Northampton, Massachusetts, onde ele pregou quatro vezes em outubro de 1740. Esta seria a única vez em que os líderes desse poderoso movimento se encontrariam. Em 19 de outubro, Whitefield relatou em seu Diário: "Preguei hoje pela manhã, e o bom Sr. Edwards chorou durante todo o tempo do exercício. O povo foi igualmente tocado."[36] Edwards relatou que a pregação de Whitefield trouxe "grande alteração na cidade".[37] Whitefield e Edwards tornaram-se os dois instrumentos usados por Deus, de maneira poderosa, durante o Grande Avivamento Americano. Como Perry Miller disse tão habilmente: "Jonathan Edwards havia posto um fósforo no fuso, e Whitefield soprou a chama."[38]

Sem tempo a perder, no fim de outubro e começo de novembro, Whitefield voltou terceira vez a pregar na cidade de New York, seguida de uma quinta vez em Filadélfia. Em seguida viajou por terra até Savannah, uma longa e árdua viagem que levou mais de um mês. Ali ele labutou por quase outro mês. Durante essa excursão, Whitefield pregou um total de 175 vezes dentro de um período de setenta e cinco dias, e viajou quase dez mil quilômetros.[39] Foi usado divinamente como instrumento para reatear o fogo do avivamento que começara vários anos antes sob a pregação de Jonathan Edwards. Não houve, desde os tempos do Novo Testamento, um testemunho ao mundo de tão explosiva energia e extensão de alcance na pregação evangelística. Em 24 de janeiro de 1711, Whitefield embarcou na nau *Minerva* e deixou Savannah em uma viagem de dois meses de volta à Inglaterra.

OPOSIÇÃO E OPORTUNIDADES

De volta ao solo britânico, Whitefield foi confrontado imediatamente por uma inesperada controvérsia. Tendo saído da Inglaterra no auge de sua popularidade, voltou um ano mais tarde com apoio decrescente. Tal declínio era devido a uma crise criada por John Wesley sobre a crença de Whitefield na soberania de Deus na salvação. Antes do retorno de Whitefield, Wesley havia distribuído um folheto intitulado *Free Grace* [Graça Livre], uma amarga condenação das doutrinas da graça dirigida diretamente contra seu antigo amigo. Whitefield respondeu defendendo o ensino bíblico da eleição e predestinação por Deus. Contudo, o dano havia sido feito. A dolorosa separação desses líderes espirituais resultou numa divisão que afetou incontáveis pessoas.

Whitefield permaneceu firme. Enfrentando ataques cada vez maiores pela imprensa e zombadores em suas reuniões ao ar livre, ele perseverou na pregação por toda a Inglaterra. Permaneceu inabalável em face à oposição: "Fui honrado por terem sido jogados contra mim algumas pedras, bem como terra, ovos podres e pedaços de gatos mortos."[40] Certa vez, um homem tentou tirar a vida de Whitefield, tentando apunhalá-lo. Em outras ocasiões, foram contratados tocadores de tambores e cornetas para abafar a sua pregação com barulho. Ele foi atacado fisicamente e apanhou: "Recebi muitos socos e feridas; um foi especialmente grande, perto de minha têmpora. Pensei em Estêvão. [...] tinha grande esperança de que, como ele, eu fosse morto e chegasse em sangrento triunfo até a presença de meu mestre."[41]

A despeito dessa resistência crescente, Whitefield conseguiu ganhar de volta um crescente número de apoiadores. Foi levantado um grande prédio para ele em Londres, o Tabernáculo de Moorfields, onde poderia pregar sempre que estivesse na cidade. John Newton comentou que por volta de

cinco da manhã, as ruas da região de *Haymarket*, em Londres, eram tão acesas por tochas levadas pelas grandes multidões que iam ouvir Whitefield pregar, quanto à noite com as multidões que iam à ópera.[42]

Em meio às suas constantes viagens, Whitefield ansiava o companheirismo de uma esposa, alguém como a esposa de Jonathan Edwards, Sarah. Em 14 de novembro de 1741, ele apressadamente casou-se com Elizabeth James, uma viúva a quem quase não conhecia, que lhe fora apresentada no País de Gales. É provável que tivessem passado menos que uma semana juntos antes de se casarem. Com a nova esposa a seu lado, Whitefield pregou através de grande parte da Inglaterra a números imensos, com bênçãos aumentando a cada dia. Em seguida fez uma jornada de pregação de cinco meses pela Escócia, onde também recebeu sucesso contínuo. Os seus sermões, confessou, vinham com "muito poder" acompanhado por "mui grande… choro."[43] A mão de Deus estava sobre ele para o seu bem.

No começo de 1744, Whitefield enfrentou estresse financeiro que exigia atenção imediata. Ele instruiu sua esposa a sair de Londres com seu filhinho recém-nascido, John, e mudar-se para uma pequena casa em Gales, para reduzir as despesas. Viajando em uma carruagem sem aquecimento, mãe e filho pararam na metade do caminho em Gloucester, para passar algumas noites na Pousada Bell Inn, de seus pais. No caminho, o pequeno John, de quatro meses, foi vencido pelo frio e morreu. Em estranha providência, o filho de Whitefield faleceu exatamente na casa em que o próprio George nascera, e como ele confidenciou, "foi colocado na igreja onde eu havia sido batizado, feito minha primeira comunhão, e preguei pela primeira vez".[44] Como o martelo forja o metal sobre a bigorna, assim Deus usou essa dolorosa aflição para moldar Whitefield ainda mais à imagem do salvador sofredor por quem ele foi chamado a pregar.

Mais dificuldades surgiram quando Whitefield sobreviveu a uma bem orquestrada trama de assassinato, em que ele foi atacado de noite, quando estava em sua cama. Reconhecendo a soberana proteção de Deus, mais tarde ele diria: "Somos imortais até que nossa obra na terra esteja completa."[45] Deus ainda tinha trabalho eterno para seu servo escolhido realizar, e Whitefield, mesmo em face de crescente oposição e tragédia pessoal, não desanimou.

Novamente a América veio à sua visão, e em 1744, Whitefield, acompanhado de sua esposa, embarcou em sua terceira viagem às colônias. Esta foi a única viagem feita por ela até a América. Como uma tempestade colossal soprando sobre a costa da Nova Inglaterra, Whitefield trouxe chuva torrencial sobre uma terra espiritualmente seca. Esse extenso ministério acenderia ainda mais uma onda de avivamento. Ele chegou em péssimo estado de saúde devido a uma doença que contraíra a bordo, e passou a lançar uma turnê de quatro anos de pregações. Em condições físicas cada vez mais precárias, em 1748, Whitefield navegou até Bermuda para se recuperar. Pregou em Bermuda por dois meses e rapidamente recobrou a saúde, virtualmente pregando a si mesmo de volta ao fortalecimento. Mais tarde naquele ano, Whitefield voltou à Grã-Bretanha a fim de desmentir a notícia de que ele tivesse morrido na América.

Nos próximos três anos (1748–1751), esse incansável servo laborou por toda a Inglaterra. Porém, seu coração era pesaroso devido às crescentes dívidas do Orfanato Betesda, na Geórgia. Durante um período de grande carência financeira, Whitefield providencialmente entrou em contato com uma rica participante da classe superior da Inglaterra, Selina Hastings, Condessa de Huntingdon, que o comissionou como seu capelão pessoal. Lady Huntingdon tornou-se fiel mantenedora dos empreendimentos evangélicos de Whitefield e aliviou suas pressões financeiras. Mais importante, tal relacionamento deu a ele a oportunidade de pregar a muitos aristocratas britânicos em seus múltiplos palácios.

Ao reconhecer a sua necessidade de entregar-se mais inteiramente à obra de evangelismo, Whitefield renunciou sua liderança organizacional na *Sociedade Metodista Calvinista*, em 1749. A sua renúncia deu a John Wesley pleno controle do movimento evangélico emergente e diminuiu mais a tensão com os irmãos Wesley. Isso permitiu a Whitefield pregar com maior regularidade no *Tabernáculo de Moorfields*, em Londres. Focado inteiramente em sua pregação, Whitefield viajou pelas ilhas britânicas, primeiro a Gales, depois para a Irlanda, e finalmente para a Escócia, levando o evangelho a áreas mais populosas.

Whitefield tomou o navio para o Novo Mundo pela quarta vez em outubro de 1751. Assumindo mais uma extensa jornada de pregações, chegou primeiro na Geórgia para inspecionar as necessidades do Orfanato Betesda. Ali descobriu renovadas faltas financeiras, problema que o seguiria por muitos anos. Após apenas seis meses nas colônias, ele foi forçado a cortar a pregação para voltar à Inglaterra e levantar o dinheiro necessário para seu orfanato. De volta à Inglaterra, Whitefield reassumiu suas extensas pregações. Conduziu mais uma turnê ministerial pelo País de Gales e viajou pela sétima vez até Edimburgo. Retornou a Londres para a abertura do recém-reconstruído *Tabernáculo de Moorfields*, com lugar para quatro mil pessoas. Em 1743, mais um tabernáculo foi construído em Bristol, para acomodar as grandes multidões que clamavam por ouvir o grande evangelista pregar.

UM ITINERANTE INCANSÁVEL

Em uma quinta turnê na América, em 1754, Whitefield pregou novamente pelas colônias, em meio a crescente popularidade. Esta viagem evangelística se estendeu desde as partes do nordeste da Nova Inglaterra até ao alcance sul da Georgia. Uma visita de Whitefield era um evento de maior importância, atraindo multidões maiores que de qualquer outro pregador. Próximo a Filadélfia, a recém-formada *College of New Jersey*, mais tarde denominada de Faculdade de Princeton, conferiu a ele grau honorário de mestre de artes, em reconhecimento de seus esforços por levantamento de fundos para a escola. Ele retornou à Geórgia, mas foi acometido de doença devido a seu estado enfraquecido, causado pelas pesadas exigências sobre ele. Após apenas um ano nas colônias, Whitefield foi forçado a voltar para a Inglaterra em 1755 para se recuperar fisicamente.

Whitefield labutou na Inglaterra nos próximos oito anos devido à Guerra dos Franceses e Índios, que o impedia de voltar para a América. Sob intenso peso de ministério, ele pregou por todas as ilhas britânicas em lugares como Bristol, Gloucester, Edimburgo, Dublin, Glasgow e Cardiff. Contudo, com essa popularidade elevada, veio também oposição cada vez maior, que prejudicou ainda mais sua já frágil saúde. No entanto, com determinação infatigável, continuou a pregar. Enquanto continuava o avivamento na Inglaterra, mais um tabernáculo no qual Whitefield pudesse pregar foi construído, o *Tottenham Court Road Chapel*, no centro de Londres. Subsequentemente, ele abriu uma casa de ajuda a viúvas na mesma área.

Em 1759, depois de mais de vinte anos, finalmente Whitefield pôde pagar a dívida do Orfanato Betesda. A despeito de retirar esse pesado fardo, o frágil evangelista estava cada vez mais fraco. John Wesley

escreveu: “Mr. Whitefield... parecia ser um homem muito idoso, por ter sido esgotado a serviço de seu Mestre.”[46] O ministério prolixo de Whitefield exigia uma alto preço. Whitefield viajou até a Holanda para recuperar sua saúde. Depois da saúde estabilizada e o fim da guerra na América, voltou a tomar um navio rumo às colônias uma sexta vez.

Chegando na Virginia, Whitefield começou sua jornada de pregação de dois anos pela costa norte-americana, de 1763 a 1765. Inicialmente, viajou para o norte, até Nova York, então mais para cima para a Nova Inglaterra. Em seguida, foi para o sul, na Geórgia, onde pregou a grandes e receptivas multidões. Foi então ao norte, até Filadélfia, onde encontrou mais sucesso para o evangelho. Dali partiu para a Inglaterra, para o que seria seu ministério final em solo britânico.

De volta à Inglaterra, Whitefield resumiu seu pesado esquema de pregações. Baseado predominantemente em Londres, o ministério não conhecia descanso. Ele fez sua viagem final de pregação até Edimburgo. Enfrentava menos perseguição onde quer que fosse e encontrava admiração cada vez maior. Contudo, não vivia sem tribulações. Veio a tristeza em 1768, quando a sua esposa, Elizabeth, faleceu repentinamente. Apesar de seu luto, sua crença na soberania de Deus permaneceu firme. Ele pregou o sermão funerário, extraído de Romanos 8.28, afirmando que “todas as coisas contribuem juntamente para o bem”. Continuou com suas pregações, visitando Trevecca e Gales em extenso labor de ministério. Em 16 de setembro de 1769, Whitefield pregou seu sermão final em Londres, em João 10.27–28.

Pouco tempo depois, foi de navio para a América, no que seria sua última viagem atravessando o Atlântico. Esta travessia foi especialmente difícil e perigosa, esgotando ainda mais as suas forças já escassas. Whitefield chegou a Charleston, onde pregou de todo coração durante dez dias consecutivos a grandes multidões. Viajou para o sul, para a Geórgia, onde passou o resto do inverno de 1769–1770. No final da primavera,

viajou ao norte para inaugurar mais uma campanha evangelística de longa duração por Filadélfia, Nova York e Nova Inglaterra. Sob as exigências de suas constantes viagens, bem como do peso das suas muitas pregações, seu corpo frágil mostrava sinais crescentes de deterioração.

Whitefield pregou seu último sermão em Exeter, New Hampshire, em 29 de setembro de 1770. Foi uma exposição de duas horas, que examinava a alma, intitulada "Examine a si mesmo", de 2Coríntios 13.5. Ao dar um passo à frente para pregar, Whitefield fez uma oração silenciosa: "Se eu ainda não tiver acabado meu curso, permita que eu vá e fale por ti mais uma vez nos campos, sele a tua verdade, volte para casa e morra."[47]

Depois disso, o evangelista esgotado foi a cavalo para Newburyport, Massachusetts, um pouco ao sul, onde pregaria no dia seguinte na Antiga Igreja Presbiteriana do Sul. Ao chegar, dirigiu-se a grande grupo de pessoas que se reunia na casa do pastor no sábado à noite. Tendo sofrido a vida inteira de severa asma cardíaca, teve dificuldade de respirar aquela noite. No domingo pela manhã, 30 de setembro de 1770, aproximadamente às seis da manhã, George Whitefield deu seu último fôlego, e entrou na presença daquele a quem tão fielmente proclamara. O biógrafo Sir Marcus Loane escreve: "Com a idade de cinquenta e cinco anos, o Príncipe dos pregadores ingleses estava morto, um príncipe sem igual."[48]

Conforme instruções que ele dera, Whitefield foi enterrado sob o próximo púlpito no qual teria pregado. De modo apropriado, seu corpo foi sepultado em uma cripta subterrânea, sob o púlpito da Antiga Igreja Presbiteriana do Sul. Foram realizados múltiplos serviços fúnebres nos dois lados do Atlântico, expressando tristeza e respeito por esse servo tão dotado. O culto em Newburyport foi assistido por cerca de seis mil pessoas. Tantos navios abarrotavam o porto que não cabiam mais naus. Em Londres, John Wesley pregou no culto memorial de Whitefield em uma das igrejas de Whitefield, a *Capela da Estrada de Tottenham Court*. Ali Wesley disse:

> Teríamos lido ou ouvido falar de outra pessoa desde os Apóstolos, que testificasse o Evangelho da graça de Deus por meio de um lugar tão amplamente extenso, por tão grande parte da terra habitada? Teríamos lido ou ouvido falar de outra pessoa que tenha chamado tantos milhares, tantas miríades de pecadores ao arrependimento? Acima de tudo, teríamos lido ou ouvido falar de outra pessoa que tenha sido instrumento tão abençoado nas mãos do Senhor, em trazer tantos pecadores "das trevas para a luz, e do poder de Satanás para Deus"?[49]

Não chegara aos cinquenta e seis anos quando morreu. Whitefield havia investido trinta e quatro anos extraordinários na obra de avançar o evangelho. Ele havia feito com suas mãos o trabalho de todo um exército de pregadores do evangelho. Mesmo uma fração dos empreendimentos evangelísticos de Whitefield teria exaurido os homens mais fortes. De uma perspectiva humana, jamais um homem sozinho teria exercido influência de tão longo alcance e obtido sucesso tão enorme, durante período tão extenso de tempo, quanto foi esta poderosa figura. Um século após a morte de Whitefield, J. C. Ryle comentou:

> Nenhum pregador da Inglaterra teve tanto sucesso em arrebatar a atenção de tantas multidões quanto aquelas às quais Whitefield constantemente falava nos arredores de Londres. Nenhum pregador foi tão universalmente popular em cada país que visitava, na Inglaterra, Escócia e na América. Nenhum outro pregador teria mantido seu interesse sobre os ouvintes quanto ele conseguiu durante trinta e quatro anos. A sua popularidade jamais diminuiu.[50]

O que marcou de maneira única este evangelista eminentemente dotado por Deus? Nos capítulos seguintes, examinaremos o zelo evangelístico desta incansável figura.

CAPÍTULO 2

Uma vida de dedicação singular

> *Whitefield foi o maior pregador inglês de todos os tempos. [...] A sua influência na Inglaterra, sua influência em Gales, sua influência na Escócia e sua influência na América em especial, está além do que se possa calcular.*[1]
>
> — Martyn Lloyd-Jones

Qualquer entendimento do zelo evangelístico de George Whitefield tem de começar com uma cuidadosa consideração de sua piedade pessoal. Mesmo uma investigação superficial de sua vida e de seu ministério revela um homem dominado por dedicação singular ao Senhor Jesus Cristo. Concedemos que poucos líderes espirituais tenham recebido tão enorme capacidade de pregação quanto obteve esse dotado servo do Senhor. Mas as razões do grande sucesso de Whitefield na pregação são muito mais profundas do que seu poder inigualável no púlpito. Maior que sua trovejante voz era seu imponente afeto pela glória de Deus. Sua efetividade sem paralelos como evangelista não pode ser entendida até que se veja a profundidade de sua comunhão com seu Senhor.

Ao observar essa profunda paixão por Deus, J. C. Ryle descreveu Whitefield como "homem de surpreendente falta de interesse em si mesmo, e singularidade de visão. Parece que ele vivia apenas com dois

objetivos — a glória de Deus e a salvação das almas."[2] O ministério evangelístico mundial de Whitefield jorrava de sua cordial busca da glória de Deus. Ele era consumido por fervoroso desejo de conhecer o próprio Deus. Esse desejo acendeu um fogo contagioso na alma, e isso por sua vez levou outros a um conhecimento de Cristo para a salvação.

Whitefield era, conforme Lloyd-Jones identificou, "um pietista, ou seja, alguém que via a devoção pessoal e prática ao Pai e ao Filho por meio do Espírito sempre como prioridade máxima do cristão."[3] Mark Noll explica: "Os pietistas estão sérios quanto à vida de santidade e gastam todos os esforços para obedecer a lei de Deus."[4] Com este fim, Whitefield orava sinceramente: "Deus, dá-me profunda humildade, zelo bem dirigido, ardente amor, e olhar somente a ti, e que homens ou diabos façam seu pior!"[5]

Em sua biografia definidora de Whitefield, E. A. Johnston notou: "Whitefield pregava porque realmente *cria* naquilo que pregava. Mais que isso, o que ele pregava, *ele realmente vivia*."[6] A mensagem proclamada por Whitefield jorrava de um coração ardente, fervoroso por seu mestre. Dito de maneira simples, o mensageiro e sua mensagem eram um. Não havia falsa dicotomia entre sua vida pessoal e seu ministério público, nenhuma parede guarda-fogo separando as duas coisas. Pelo contrário, a sua pregação continha as ardentes paixões e profundas convicções de sua própria jornada espiritual. De sua aliança genuína com Deus e Cristo, Whitefield levantou-se para proclamar as insondáveis riquezas do evangelho.

Lloyd-Jones descreveu ainda a vida de Whitefield como sendo caracterizada por "uma mui surpreendente piedade".[7] Essa piedade autêntica se manifestava através das cartas pessoais de Whitefield, nos comentários do seu diário, nos encontros que tinha diariamente com inúmeras pessoas, e em sua proclamação pública. Não há dúvida da razão porque Deus honrou de modo incomum o seu ministério de pregação.

Whitefield era capaz de colocar-se de pé diante dos homens, porque primeiramente se ajoelhara diante de Deus.

Neste capítulo examinaremos o coração dessa notável figura e descobriremos os principais aspectos do seu imenso amor por Cristo. Daremos cuidadosa consideração ao que atiçou o fogo ardente de seu zelo por Deus. Observaremos o que o levou cada vez mais próximo de uma comunhão mais profunda com seu Senhor. As páginas seguintes oferecerão penetrante perspicácia quanto à profundidade da comunhão íntima que Whitefield gozava com o Deus trino.

IMERSO NA ESCRITURA

A devoção espiritual de Whitefield foi estabelecida sobre seu compromisso inabalável com a Bíblia. Uma vez que se converteu, a Escritura imediatamente tornou-se seu alimento necessário e acendeu o fogo de sua alma por Deus. Quanto mais se imergia na Bíblia, mais profunda era sua dedicação por conhecer a Deus e promover o seu reino. A chama de sua alma se espalhou rapidamente, pondo fogo em sua vida recém-regenerada num período relativamente curto de tempo. Dentro de dois anos, a Palavra o transformou, de mero estudante em Oxford, a poderoso mestre de púlpito.[8]

O biógrafo Arnold Dallimore descreve os primeiros dias de Whitefield como crente, quando a única luz visível na cidade vinha de sua janela do segundo andar, enquanto ele ingeria as verdades da Escritura Sagrada. Dallimore escreve: "Podemos vê-lo às cinco da manhã em seu quarto, acima da livraria Harris. Ele está de joelhos, com sua Bíblia, seu Novo Testamento grego, e um volume de Matthew Henry espalhados diante dele."[9] De livros abertos diante de um coração disposto, Whitefield olha da Bíblia em língua inglesa para o grego e então para o comentário de Matthew Henry, procurando discernir e digerir as verdades divinas da Escritura.

Refletindo sobre esses primeiros dias em Cristo, Whitefield recorda: "Comecei a ler as Santas Escrituras de joelhos. [...] Isso realmente provou ser alimento e bebida para minha alma. Recebia diariamente luz e poder renovados do alto."[10] Como quem passou muito tempo sem comer devora a carne, ele descreveu como a Escritura tornou-se o "deleite de sua alma".[11] Whitefield confessou como sua devoção diária à Escritura tornou-se como fogo sobre o altar de sua alma, aumentando seu amor por Cristo.[12]

Após a leitura do texto, o jovem Whitefield orava sobre "'cada linha e cada palavra' tanto no inglês quanto no grego, banqueteando sua mente e coração, até seu significado essencial tornar-se parte de sua pessoa."[13] Whitefield devorava as palavras e verdades da Escritura como um banquete exposto diante de sua alma faminta. Pouco sabia naquele tempo que Deus usaria seu coração recém ateado como uma tocha, cujo fogo dominaria dois continentes. Enquanto a chama de vela bruxuleava naquela janela do segundo andar, Whitefield estava sendo preparado para ser entregue ao mundo com as boas novas de Jesus Cristo. Seu conhecimento pessoal da Palavra é visto mais claramente no vocabulário escriturístico da sua pregação. Ele utilizava prontamente as metáforas bíblicas, fazia analogias bíblicas e ilustrava as verdades bíblicas com outros trechos da própria Bíblia. As referências cruzadas nas Escrituras fluíam livremente de seus lábios, enquanto orava para que o Espírito Santo selasse a verdade sobre almas necessitadas da graça divina.

A Palavra de Deus tornou-se de tal forma consumidora na vida diária de Whitefield, que ele confessava ter pouco tempo para ler qualquer outra coisa: "Adquiri mais verdadeiro conhecimento pela leitura do Livro de Deus em um mês do que eu poderia *jamais* ter obtido de *todos* os escritos dos homens."[14] Ele ficou profundamente perturbado por aqueles que viam a Escritura como livro antiquado, de escritos irrelevantes. Numa época em que muitos evangélicos gastavam tempo considerável na leitura de filosofia secular, retórica, e lógica, Whitefield devorava a revelação divina. Ele lamentava o eclipse da Escritura na sua geração, afirmando com ousadia:

> Se em um tempo nos postarmos acima de nossas Bíblias e pararmos de fazer da Palavra de Deus escrita nossa única regra, tanto de fé quanto de nossa prática, logo acabaremos abertos a toda espécie de ilusão, estando em grande perigo de naufragar a fé e a boa consciência.[15]

Whitefield resolveu que nada substituiria a preeminência da Escritura em sua vida.

Enquanto vivia para Cristo, a Palavra de Deus tornou-se autoridade regente de sua vida. Marcava a trilha sobre a qual Whitefield constantemente descobria belas vistas de redenção, sacrifício, amor e alegria. A Escritura fez com que ele amasse ainda mais a seu Deus. "Estude para conhecê-lo cada vez mais, porque quanto mais o conhecer, mais você o amará",[16] disse ele. Whitefield desejava tornar-se mais como seu Senhor com cada palavra que lia, e foi forjado sobre a bigorna da Escritura. Sua grande devoção à Escritura tornou-se a comunhão de Deus que descia sobre ele.

SATURADO PELA ORAÇÃO

Além do mais, Whitefield era dedicado a Deus em oração sincera. Mediante tempo gasto de joelhos, sua devoção a Deus se desenvolvia e aprofundava mais. O verdadeiro segredo de seu ministério público não se encontrava primariamente em seu vocabulário vivaz, sua habilidade dramática ou cultura da universidade de Oxford. A verdadeira fonte de poder na sua pregação estava bem mais profundamente arraigada. Foi descoberta a portas fechadas, no tempo a sós com Deus. Ele insistia: "Estejam em muita oração secreta. Conversem menos com os homens, e mais com Deus."[17] Whitefield derramava seu coração a Deus em oração, e foi usado efetivamente diante dos homens.

O biógrafo Robert Philip identificou a vida de oração de Whitefield como sendo sua principal força de sucesso espiritual: "O grande segredo do poder de Whitefield era, como já percebemos e vimos, seu espírito *devocional*. Tivesse ele sido pessoa de menos oração, teria sido uma pessoa menos cheia de poder."[18] Whitefield era *por* Deus porque estava muito *com* Deus. Desde o momento em que Cristo raiou em seu coração, ele estava absorto pela íntima oração. Sabia que o servo não poderia cumprir seu dever sem uma audiência regular com seu Mestre. Quando novo convertido, ele comentou: "Eu estava de tal forma sobrepujado pelo senso da infinita majestade de Deus que era compelido a lançar-me por terra e oferecer minha alma como um vazio em suas mãos, para que ele escrevesse sobre ela o que desejasse."[19] Como Isaías, Ezequiel ou João, que se encontraram prostrados ante a infinita majestade de Deus, Whitefield sabia que era útil no reino de Deus, à medida que assumia essa postura tão humilde.

Longe de ver na oração trabalho penoso e vazio, Whitefield a via como puro prazer. Era um encontro particular com Deus. Com o véu aberto do

Santo dos Santos, ele entrava em comunhão com o Pai. Ao relatar determinado tempo de oração, ele disse: "Ah, que doce comunhão tenho eu experimentado a cada dia com Deus em oração. [...] Quantas vezes tenho sido carregado além de mim, mesmo quando medito docemente nos campos! Quão seguramente tenho sentido que Cristo vive em mim e eu vivo nele!"[20] Na realidade, o mundo inteiro era seu recôndito de oração, onde quer que sua pregação o levasse. Quer estivesse a bordo de um navio, andando a cavalo pelos campos ou em pé sobre um tonel de madeira como púlpito, Whitefield mantinha constante contato com o trono de graça.

Whitefield compreendia que a oração era uma disciplina espiritual necessária para a fundamentação e crescimento de sua alma. O diário de Whitefield começa com uma lista dos critérios que empregava regularmente como base para examinar a si mesmo e as suas ações. Segue aqui essa lista:

Tenho eu

1. Sido fervoroso em minhas orações particulares?
2. Usado horários declarados de oração?
3. Usado a oração toda hora?
4. Antes ou após cada conversa ou ação planejada, considerado como isso poderá resultar na glória de Deus?
5. Após qualquer prazer, imediatamente dado graças?
6. Planejado os afazeres para o dia?
7. Sido simples e recolhido em tudo?
8. Sido zeloso ao fazer e ativo em realizar o bem que eu puder?
9. Sido manso, animado, afável em tudo que disse ou fiz?
10. Sido orgulhoso, vaidoso, incasto ou invejoso de outros?
11. Moderado no comer ou beber? Grato? Temperado no sono?
12. Tomado tempo para agradecer de acordo com as regras de [William] Law?
13. Sido diligente nos estudos?

14. Pensado ou falado de maneira insensível sobre qualquer pessoa?
15. Confessado todos os meus pecados?[21]

A oração é mencionada em seis dessas quinze máximas, mais que qualquer das outras disciplinas espirituais. Aqui, a importância que Whitefield dava à oração pode ser vista com clareza. Ele via o tempo a sós com Deus como catalisador que traz "juntos Deus e o homem". Explicou: "Isso ergue o homem a Deus, e desce Deus ao homem."[22] Consequentemente, ele passava tempos prolongados em oração:

> Certa vez passamos uma noite inteira em oração e louvor. Muitas vezes, à meia noite e uma da manhã, depois de estar exausto, quase até a morte, na pregação, no escrever e no conversar, indo de um lugar a outro, Deus concedeu nova vida à minha alma, e me capacitou a interceder diante dele por uma hora e meia ou duas horas.[23]

Whitefield via a oração como fonte de água refrescante para uma alma sedenta. Quanto mais ele orava, mais poderosamente pregava, e maior número de pecadores se convertia a Cristo.

Com esta finalidade, Whitefield exortava outros a fazer o mesmo: "Sede muito firmes na oração secreta. Quando estiverdes nos afazeres comuns da vida, sede muito firmes em oração."[24] Insistia que nosso Deus infinito está fortemente cônscio dos pedidos das almas, até mesmo das mais pobres e exaustas. Whitefield testificava: "Ele é um Deus que ouve as orações",[25] e cria que a oração "é uma das mais nobres partes da armadura espiritual do crente".[26] Sua firme confiança no Deus que ouve as orações trazia-lhe repetidamente ao santuário interior, onde os anjos continuamente clamam: "Santo, santo, santo". Nisto está a verdadeira fonte de poder por trás de tão vigorosa pregação.

FOCADO EM CRISTO

Além do mais, a devoção de Whitefield significava que ele mantinha o foco singular sobre Jesus Cristo. Não pode haver entendimento do que impelia a Whitefield sem que se reconheça seu olhar fixo sobre Cristo. Lloyd-Jones comentou certa vez: "Nenhum homem conhecia mais do amor de Cristo que este. Às vezes ele era sobrepujado e quase esmagado fisicamente. Ele ficava banhado de lágrimas devido a tal amor."[27] Este intenso foco em Cristo era a nota dominante de toda sua vida e ministério extraordinários. Quanto a seu olhar míope sobre o Senhor, Whitefield insistia: "Uma só coisa é necessária."[28] Jesus Cristo era tudo — seu mestre, sua mensagem, e sua motivação.

Stephen Mansfield descreveu essa fixação obsessiva que Whitefield tinha com seu salvador quando escreveu:

> Seu único amor verdadeiro sempre foi a pessoa de Jesus. O Cristo ressurreto era a estrela guia da jornada de sua vida, o único objeto de seus afetos. Era para Jesus que ele vivia, Jesus era quem ele buscava agradar, e era em Jesus que ele esperava encontrar seu repouso. [...] Na verdade, conforme entendia Whitefield, a paixão por Jesus é a renovação pessoal da qual surgem os grandes reavivamentos.[29]

A lente de aumento pela qual Whitefield via a Cristo era a Escritura. Ele afirmava sempre:

> Procurai sempre, portanto, por Cristo na Escritura. É ele o tesouro escondido no campo, tanto no Antigo quanto no Novo Testamento. No Antigo, tu o encontrarás nas profecias, tipos, sacrifícios, e sombras; no Novo, manifestado em carne para se tornar propiciação pelos nossos

> pecados como sacerdote, e para, como profeta, revelar todo o conselho de seu Pai Celestial."[30]

Toda pedra na Escritura, ele cria, deveria ser revirada em busca de Cristo.

O Antigo Testamento servia como espelho obscuro pelo qual Whitefield contemplava a Cristo em parte, enquanto o Novo Testamento o revelava na sua plenitude. Whitefield implorava a seus ouvintes que sempre tivessem Cristo em vista ao estudar as Escrituras, usando cada versículo como veículo para trazê-los mais próximos ao Messias.[31] Estava convicto de que a Palavra escrita deveria sempre conduzir a uma experiência mais profunda com o verbo vivo, Jesus Cristo.

Acima de tudo, o desejo de Whitefield era conhecer Jesus Cristo. Declarou: "Não podemos pregar o Evangelho de Cristo além daquilo que já experimentamos de seu poder em nossos próprios corações."[32] Sendo Cristo o cerne do evangelho, Whitefield acreditava que devia ter forte devoção por ele, para que fosse efetivo na pregação dele. Um pregador proclama a Cristo em demonstração do poder conforme ele mesmo experimentou. Whitefield desejava um "Cristo sentido". Com isso, queria dizer que era necessário um conhecimento experiencial de Cristo, pelo qual cresceria mais próximo em sua caminhada pessoal com o Senhor. Inúmeras testemunhas oculares testificavam o medo durante a sua pregação, devido ao reconhecimento solene de que estavam na presença de Cristo.

Assim, Whitefield encorajava seus ouvintes a "viver próximos a Cristo. [...] Tende fome e sede diariamente pela justiça de Cristo."[33] Não podia haver substitutos nem maneira de encurtar o caminho ou desviar-se nessa jornada espiritual para a semelhança de Cristo. Ele afirmava:

> Quisera que todos os nomes entre os santos de Deus fossem engolidos numa única palavra: *cristão*. Anseio por professores que deixem de colocar

> sua religião dizendo: “Sou homem da Igreja”, “Sou um não-conformista”. Minha fala a tais pessoas é: “Tu és de Cristo? Se assim for, eu te amo de todo coração.”[34]

Há como perguntar a razão pela qual a pregação de Whitefield estava continuamente apontando Jesus Cristo para as pessoas? O seu foco devia ser o foco delas, e por isso era necessário que elas estivessem olhando para Cristo.

REVESTIDO DE HUMILDADE

Além disso, a piedade de Whitefield era evidente em sua profunda humildade. Ninguém consegue ler a respeito desse talentoso evangelista sem se impressionar pela sua modéstia. Através de todo seu ministério, Whitefield jamais perdeu de vista o fato de que era pecador indigno, salvo pela graça. Ele era, nas palavras de Lloyd-Jones, "um homem extremamente humilde".[35] J. C. Ryle acrescenta: "Com certeza, não havia homem mais humilde."[36] Assim mesmo, Whitefield confessava repetidamente: "Sou menor que os menores dos santos — sou dos principais pecadores."[37] Ele via a si mesmo como "menor que o menor de todos."[38] A despeito de alcançar *status* de celebridade, esse proeminente evangelista continuava possuindo um estado de espírito de humildade.

John Gillies, antigo biógrafo de Whitefield, notou que ele tinha "a mais profunda humildade e rebaixamento de si".[39] Esse bem dotado pregador não permitia que uma instituição cristã recebesse o seu nome. Nem permitia a qualquer movimento que carregasse seu nome. Jamais buscou a ribalta ou os aplausos. Pelo contrário, Whitefield buscava a honra de Jesus Cristo na salvação de almas perdidas. Jamais se esqueceu que era apenas um servo alistado no serviço do Mestre. Esse sóbrio reconhecimento criava nele um "coração humilde, grato e resignado".[40] Outro biógrafo de Whitefield, Arnold Dallimore, concorda: "Ele saiu do lugar de proeminência e tornou-se, conforme disse, 'simples servo de todos'."[41] Quanto a essa modéstia, Ryle concordava: "Vez após vez, no auge de sua popularidade, nós o encontramos falando de si mesmo e de suas obras com os termos mais humildes."[42]

Whitefield sabia que uma vida absorta em si mesma incapacitaria os seus esforços evangelísticos. Compreendia que qualquer obsessão consigo mesmo o tornaria sem efeito para os propósitos mais amplos de Deus.

Após o autoexame, ele lamentava, “Ah, esse amor próprio, essa vontade de exaltar o eu! É diabo dos diabos. Senhor Jesus, que teu bendito Espírito o purgue de todos os nossos corações!”[43] Ao olhar para dentro de si, observava seu próprio coração, tendente ao orgulho, amor próprio e “toda espécie de corrupção”.[44] Quanto mais olhava para a santidade de Cristo, mais se tornava cônscio do próprio pecado. Essa percepção de sua pobreza espiritual o impelia a confessar a corrupção do seu coração. Como um pincel sobre uma tela, passando para lá e para cá, até que surja o retrato pré-determinado,Whitefield via o negar a si mesmo como o movimento santificador sobre seu coração, criando a obra-prima de humildade semelhante à de Cristo.

Tal mansidão se evidenciava ainda em seu espírito disposto a aprender. Whitefield estava pronto a admitir o erro de seu caminho sempre que descobria estar errado. Confessou: “Espero que o Senhor me mostre quaisquer erros que eu tenha cometido ou seja culpado de fazer em meu ministério, e me dê a graça de consertá-los.”[45] Por exemplo, depois de rever a publicação de seus *Diários,* concluiu que havia sido injusto na crítica a outros. Para corrigir este erro, publicou uma nova edição em que reconheceu:

> Em meu *Diário* anterior, tomei demais as coisas pelo que havia ouvido de outros. Falei e escrevi precipitadamente, tanto das escolas quanto dos ministros da Nova Inglaterra. Agora, como fiz quando finalmente em Boston, de púlpito, tomo a oportunidade de pedir publicamente perdão da imprensa. Fui precipitado e não caridoso, e ainda que tivesse boas intenções, temo que tenha feriado a alguns.[46]

Desses males, Whitefield se arrependeu publicamente, pedindo perdão a todas as pessoas ofendidas:

> Em quantas coisas tenho eu julgado e agido erradamente! Fui apressado e precipitado em marcar o caráter tanto de lugares quanto de pessoas. Sendo apreciador da linguagem da escritura, frequentemente tenho utilizado um estilo demasiadamente apostólico, e ao mesmo tempo muito amargo em meu zelo. Foi misturado fogo a isso e descubro que com frequência eu escrevi e falei pelo meu próprio espírito, quando achava estar escrevendo e falando pelo auxílio do Espírito de Deus.[47]

Essa mansidão humilde era também vista nas saudações que escrevia no final de suas cartas. Frequentemente ele assinava: "Teu indigno amigo, irmão e servo na vinha de nosso amado Senhor";[48] "Vosso mui humilde servo no querido Senhor Jesus"[49] ou "Vosso muito afetuoso, embora indigno, irmão."[50] Essa autonegação era ouvida de seus lábios quando ele repetidamente exclamava: "Que pereça o nome de George Whitefield para que Cristo seja exaltado."[51] Jamais foi seu desejo ver aumentado o nome de *Whitefield*. Quanto mais contemplava a Cristo, mais reconhecia que convinha Cristo ser exaltado, e ele diminuído (João 3.30).

Porém, talvez o exemplo supremo da humildade de Whitefield tenha sido quanto às diferenças teológicas e relacionamento inamistoso com os irmãos Wesley. Por amor à paz, ele escolheu deixar seu papel de liderança no movimento metodista que havia ajudado a fundar. Assumiu um lugar inferior, a ponto de aparecer como "assistente" de John Wesley. Homem que depreciava a si mesmo, Whitefield se dispunha a submeter-se aos que se encontravam fora de suas próprias convicções teológicas.[52] O clamor interior do coração de Whitefield continuava a ser: "Deus, dá-me profunda humildade."[53] Essa era uma oração que Deus escolheu atender. Enquanto Whitefield se humilhava diante de Deus, ele se tornou principal catalisador no lançamento dos avivamentos que atravessaram o Atlântico no século XVIII.

LUTANDO POR SANTIDADE

Finalmente, a piedade de Whitefield foi testemunhada em sua constante busca por santidade pessoal. Ao ler a Bíblia e comungar com Deus, crescia espiritualmente, à medida que a obra divina da santificação era feita nele. O seu espírito humilde expunha seu pecado, dando forte consciência de sua necessidade de pureza moral. A santidade era o alvo de suas disciplinas espirituais. J. C. Ryle observou que, entre todos os pregadores do século XVIII, Whitefield era "uma das personagens mais santas, se não a mais santa de todas".[54] Tão piedoso era ele, que nunca houve escândalo legítimo em torno de sua vida pessoal. Ele permaneceu livre de qualquer acusação que pudesse ser levantada contra seu caráter interior ou sua conduta exterior.

Em meio a seu exigente ministério, Whitefield insistia que outras pessoas intercedessem por seu desenvolvimento em piedade. Implorou a seus seguidores: "Que nenhum de meus amigos diga a um verme tão lento, tépido, inaproveitável: Poupa-te. Pelo contrário, esporeia-me, vos peço, com a ordem: Desperta, ó tu que dormes, e começa a fazer algo em prol de teu Deus."[55] Por mais dedicado que fosse para com Deus, ele estava convicto de que teria de fazer mais, não obstante o preço pessoal que tivesse de pagar. Quanto mais reconhecia sua crescente necessidade de santidade, mais ele pedia a seus mantenedores que orassem por tal crescimento na graça.

Para se aprofundar na santificação, Whitefield entendia que teria de se desviar continuamente do pecado. Definiu esse arrependimento como "ódio ao pecado". Disse ele:

> Não basta confessar que somos pecadores nem apenas conhecermos nossa triste e deplorável condição enquanto continuamos no pecado. Nosso

> cuidado e esforços deverão ser para atingirmos plenamente o coração, a fim de que sintamo-nos criaturas perdidas e destituídas. [...] Resolvamos abandonar todos as nossas luxúrias e prazeres pecaminosos.[56]

A santidade não pode ser obtida, afirmava ele, enquanto estivermos agarrados ao pecado. Portanto, Whitefield, sabia que teria de estar constantemente batalhando para separar-se do pecado.

Whitefield contendia que o arrependimento quebra as comportas do pecado, as quais impediam que a plenitude da graça de Deus fluísse em sua vida. Ele declarou:

> Aborrece teu antigo curso pecaminoso de vida, e serve a Deus em justiça e santidade até o fim da vida que te resta. Se lamentares e chorares por pecados passados sem abandoná-los, teu arrependimento será em vão, estarás zombando de Deus, e enganado a tua própria alma. É necessário tirar o velho homem com suas obras, antes de revestir-te do novo homem, Cristo Jesus.[57]

O arrependimento do próprio Whitefield transformaria seu coração sem vida e morno para um ser vibrante e fervoroso diante de Deus. Whitefield sabia que, se quisesse pregar com poder, tal integridade e pureza teriam de estar presentes nele.

Durante toda sua caminhada cristã, Whitefield reconheceu a santidade como sendo uma transformação progressiva, de um grau de glória até outro (2Coríntios 3.18). A perfeição moral, dizia ele, não seria atingível completamente até que se entrasse no âmbito celeste. Tal entendimento era diametralmente oposto ao perfeccionismo ensinado pelos Wesleys, que afirmavam que o crente podia parar de pecar. Whitefield contradizia que a perfeita santidade jamais seria atingida enquanto estivéssemos sobre a terra. A sua santificação era um processo contínuo, realizado mediante as

disciplinas espirituais do estudo da Bíblia e da oração. Tais atividades, por sua vez, produziam nele a humildade e santidade.

Desde o chamado efetivo pelo Espírito para salvação até o último respirar sobre esta terra, Whitefield procurou diligentemente a santidade pessoal em sua vida e ministério. Seria de admirar que Deus escolhesse usar um vaso tão santo na pregação de sua Palavra?

Através dos séculos, poucos líderes cristãos têm demonstrado maior espiritualidade do que esse "Grande Itinerante". Ao "descascarmos as camadas" de George Whitefield e olharmos para dentro de sua alma, descobrimos a verdadeira fonte de seu poder espiritual. Por trás de sua avivada pregação havia ardente zelo pelo Senhor. As brasas de seu espírito intenso incandesciam calorosamente para Deus, resultando em um ministério de pregação imbuído de poder sobrenatural.

Tal dedicação a Deus dominava a vida de Whitefield. Essa notável paixão por piedade animava a sua pregação, de modo sem precedentes, de ambos os lados do Oceano Atlântico. Desnudando a sua alma, repetidamente ele se apresentou a Deus como sacrifício vivo e santo:

> Entrego a ele minha alma e meu corpo, a ser disposto e gasto em seu labor como ele desejar. Daqui em diante eu resolvo, com a sua assistência... viver uma vida mais restrita que antes, entregando-me à oração e ao estudo das Escrituras. [...] Deus me dê saúde, se for sua bendita vontade... Eu me entrego inteiramente a ele.[58]

Foi este o clamor do coração de um homem inteiramente entregue a Deus. A profundidade da espiritualidade de Whitefield dava lugar à larga amplidão de sua pregação do evangelho. Disse ele: "Sempre observei, enquanto crescia minha força interior, que minha esfera externa de ação aumentava proporcionalmente."[59] Esse correlato direto entre sua espiritualidade pessoal e seu ministério público têm de ser reconhecido.

Nos capítulos seguintes, notaremos como essa piedade interna de Whitefield informava a sua pregação, com efeitos que mudaram a história.

Que Whitefield sirva de exemplo para uma nova geração de soldados no exército de Cristo, a fim de que se tornem mais imersos na Escritura, saturados de oração, focados em Cristo, revestidos de humildade e lutem por santidade. Que Deus dê à sua igreja tais servos santificados.

CAPÍTULO 3

Uma Teologia de graça soberana

> *Whitefield possuía um verdadeiro entendimento das doutrinas da graça, não como um sistema abstrato de pensamento, mas como os ensinos das Escrituras e princípios básicos de sua caminhada diária na vida cristã.*[1]
>
> — Arnold Dallimore

Pode-se defender que George Whitefield fosse o mais prolixo evangelista desde o tempo dos apóstolos. No entanto, ao mesmo tempo, ele era firme calvinista. Por baixo de sua pregação apaixonada do evangelho havia uma inabalável crença na soberania de Deus na salvação do homem. Foram as doutrinas da graça que incendiaram sua alma com a santa compulsão de alcançar o mundo com a mensagem de Cristo. Alguns defendem que essas duas realidades — soberana graça e zelo evangelístico — não podem coexistir. Mas nada podia estar mais longe da verdade. Graça e zelo se encontram perfeitamente na Escritura, e existiam lado a lado no ministério de Whitefield. Nenhuma pregação será mais forte que a doutrina sobre a qual ela se baseia, e as verdades da graça soberana provaram ser forte fundamento para o ministério desse prolixo evangelista.

Whitefield possuía, de acordo com J. I. Packer, um "clássico arcabouço agostiniano da graça soberana".[2] O historiador Lee Gatiss, compilador dos

sermões de Whitefield, escreveu que ele era "um crente fiel da doutrina reformada da salvação e da teologia bíblica reformada."[3] Outro historiador da igreja, Mark Noll, concorda: "Ele pregava sobre a vontade escravizada pelo pecado, o poder eletivo de Deus, e a expiação limitada — todos temas do calvinismo tradicional."[4] Embora fosse calvinista restrito, Whitefield derivava as suas convicções teológicas, não da leitura dos escritos de João Calvino, mas pelo estudo da própria Escritura. As horas investidas no estudo da Palavra o levaram a abraçar com paixão o ensino claro das Escrituras sobre a graça soberana de Deus.

"Abraço o sistema calvinista, não por Calvino, mas porque Jesus Cristo o ensinou para mim",[5] Whitefield dizia. De fato, era raro ele mencionar Calvino em suas cartas ou sermões. Em vez disso, ele dependia, primeira e principalmente, do claro testemunho da Escritura. Numa de suas primeiras cartas a João Wesley, em 1740, Whitefield escreveu: "Infelizmente eu nunca li nada que Calvino escreveu; minhas doutrinas eu as recebi de Cristo e de seus apóstolos; deles eu aprendi sobre Deus."[6] Whitefield lia e estudava a Palavra de Deus, e dela obteve essas profundas convicções — as mesmas crenças centrais que Calvino também sustentava.

De acordo com E. A. Johnston: "Para entender George Whitefield e o que o motivava, temos de conhecer a sua teologia."[7] Além do mais, "É o *motivo* que o *movia*. [...] As doutrinas da graça deram-lhe fogo no púlpito, para clamar e advertir aos homens sobre a ira vindoura, para que dela fugissem e viessem aos amorosos braços de um maravilhoso Salvador."[8] As convicções teológicas de Whitefield lhe davam coragem em tudo que ele praticava e proclamava. Desde o início de seu ministério, a sua aderência às doutrinas da graça lançou o fundamento sobre o qual construiria todo o seu ministério.

Contrário ao estereótipo calvinista popular, Whitefield não era um intelectual estoico com uma abordagem sombria do cristianismo. Era fervorosamente estimulado pela soberana graça de Deus, ateando uma

intensa urgência em sua pregação do evangelho. Foi sua fé nas doutrinas da graça que impulsionou e levou adiante a sua proclamação do evangelho. Quanto mais fundo Whitefield mergulhava nessas verdades sagradas, mais alto ascendia em sua declaração das mesmas. Escrevendo a Howell Harris, líder do avivamento no País de Gales, Whitefield falou da necessidade de pregar a graça de Deus livremente elegendo seus ouvintes, especialmente aos não convertidos:

> Põe em suas mentes a liberdade e eternidade do amor eletivo de Deus, e insta com eles para que se apropriem da perfeita justiça de Jesus Cristo pela fé. Fala-lhes, ah, fala-lhes até à meia-noite, sobre as riquezas da graça que é suficiente para tudo. Fala-lhes, ah! Conta-lhes o que foi feito em prol de suas almas, e como ele está intercedendo intensamente por eles agora no céu. [...] Pressiona sobre eles para que creiam imediatamente! Misture suas orações junto às suas exortações, e por meio disso chama o fogo do céu, o fogo mesmo do Santo Espírito. [...] Fala, todas as vezes, querido irmão, como se fosse a sua última vez. Chora, se possível, a cada argumento, como se pudesse compeli-los a clamar: "eis como ele nos amava!"[9]

De pé na mais estreita solidariedade com os reformadores e puritanos, Whitefield asseverava:

> Sabeis quão fortemente afirmo todas as doutrinas da graça, conforme apresentadas na Confissão de Fé de Westminster e nos artigos doutrinários da Igreja da Inglaterra. A estes, confio eu, me aterei enquanto eu viver, porque verdadeiramente creio serem verdades de Deus, e tenho experimentado o poder das mesmas em meu próprio coração.[10]

Aqui vemos que a pregação de Whitefield era firmemente arraigada e alicerçada na soberania absoluta de Deus na salvação de pecadores caídos. Foram essas gigantescas verdades, às vezes identificadas como os cinco

pontos do calvinismo, que acenderam sua alma e deram poder à sua pregação, que foi transformadora da história sobre dois continentes. Remover as doutrinas da graça soberana da vida e do ministério de Whitefield teria sido extinguir o fogo que ardia em seus ossos.

Nos séculos anteriores a Whitefield, a teologia calvinista dominava o cenário da cristandade inglesa, desde o reinado de Elizabeth I até o final da Comunidade Britânica. Contudo, chegado o século XVIII, a doutrina reformada estava em franco declínio. J. I. Packer explica: "Após a Restauração, muitas mentes anglicanas, recuando de todas as coisas calvinistas, assumiram uma remodelação moralista, na verdade legalista, da justificação pela fé."[11] Até mesmo as novas colônias já sofriam da praga do arminianismo e do antinomianismo. A *Universidade de Harvard*, outrora baluarte da verdade calvinista, já havia sucumbido a essas doutrinas debilitantes e centradas no homem.

É atribuído a Whitefield o papel de liderança no ressurgimento do calvinismo dos dois lados do Atlântico. Em vez de recuar às sombras de um cristianismo sem vida, Whitefield corajosamente promovia o calvinismo bíblico, o qual produz conversões autênticas e sadias, avivamento genuíno e verdadeira piedade. Ele insistia: "São essas as doutrinas que, quando atendidas com divina energia e pregadas com poder, sempre tiveram, e sempre terão... seu caminho pelo mundo, por mais fraco que seja o instrumento que as entrega."[12] O calvinismo, asseverava Whitefield, é aquela verdade que propulsiona a obra de Deus no mundo, onde quer que ela seja proclamada.

Neste capítulo, consideraremos o compromisso de Whitefield com cada um das cinco doutrinas da graça. Whitefield bebeu profundamente do poço das doutrinas da graça, e isso provou ser fonte de tudo que ele cria e pregava. Cada princípio do calvinismo o moldou e formou para ser zeloso evangelista. Quando Whitefield se colocava em pé diante das pessoas para

pregar, era dominado por enorme confiança em Deus, crendo que seus eternos propósitos se moviam adiante, com inabalável certeza.

DEPRAVAÇÃO TOTAL

Whitefield cria na doutrina bíblica da depravação total do homem. Esse ensino das Escrituras diz que o pecado original de Adão foi imputado a toda a raça humana, condenando assim todas as gerações subsequentes. Da mesma forma, a natureza pecaminosa de Adão foi transmitida a toda pessoa no momento de sua concepção. Cada faculdade de cada pessoa –– mente, afetos, e vontade –– é fatalmente infectada pelo pecado. A raça caída não pode, por seus próprios esforços morais, salvar a si mesma. Nem qualquer criatura pecadora tem suficiente fé para crer em Cristo. Whitefield acreditava que o homem é totalmente morto em seus pecados, e sua vontade está escravizada.

R. Elliot, eminente ministro convertido no início do ministério de Whitefield, delineou a posição teológica do grande evangelista quanto à depravação total: "Ele ensinava a doutrina do pecado original, que consiste nestes dois aspectos: Primeiro, a ofensa pessoal de Adão foi imputada; e segundo, a depravação total de sua natureza caída foi comunicada a toda sua semente."[13] Whitefield insistia na imputação do pecado de Adão a toda a raça humana:

> Por pecado original, quero dizer nada menos que a imputação do primeiro pecado de Adão a toda sua posteridade, por meio de geração ordinária... a consequência é que, pela inerente corrupção da natureza, bem como pela sua propensão ao pecado, agora nascemos no mundo.[14]

Whitefield considerava essa verdade de tal importância, que chamava o pecado original de "o próprio fundamento da religião cristã."[15] Afirmava ainda que "Ninguém pode negar, quem quer que seja, que creia que as epístolas de São Paulo foram escritas por inspiração divina, onde nos é dito

que ‘em Adão todos morreram’, isto é, o pecado de Adão foi imputado a todos.”[16] Precisamente como ensina a Escritura, Whitefield cria que todas as pessoas são, por natureza, “pecadores e filhos da ira.”[17]

Whitefield mantinha que o pecado original deixa a raça humana espiritualmente morta. O ser humano pecador é moralmente incapaz de erradicar o pecado que tão firmemente se agarra à sua natureza caída. O homem é radicalmente depravado e incapaz de erguer a si mesmo do monturo da condição decaída. Negar esse ensino bíblico, afirmava Whitefield, “nada mais é que ser falto do fundamento firme”[18] na Escritura. Aqueles que recusam esta verdade podem até “se chamar de cristãos”,[19] disse ele, mas são demasiadamente “mornos de amor e afeto para com Jesus Cristo”.[20] Whitefield acreditava que o homem rejeita os ensinos do pecado original e da depravação total devido a seu orgulho inerente. O homem não gosta de ser retratado com cores tão sombrias, nem de ser declarado incapaz de erguer a si mesmo se assim quiser.[21]

Por sua natureza caída, os pecadores se rebelam contra a verdade sobre o pecado original, disse Whitefield, porque “obstinadamente fecham os olhos contra a luz do glorioso evangelho de Cristo”.[22] Explicou:

> Que as criancinhas sejam culpadas, ou seja, que foram concebidas e nascidas em pecado, fica claro por todo o conteúdo do Livro de Deus. Davi era homem segundo o próprio coração de Deus, no entanto, ele disse: “Fui concebido em pecado”. Jeremias, falando sobre o coração de todos, afirmou: “Enganoso é o coração do homem, e excessivamente mau sobre tudo.” Os servos de Deus em unanimidade admitem (e Paulo cita isso de um deles) que somos “totalmente abomináveis, totalmente destituídos de qualquer justiça original; não há nenhum bom (por natureza), não, nenhum sequer.[23]

O entendimento que Whitefield tinha da depravação total marcava indelevelmente a sua pregação. Virtualmente, todo sermão pregado por

Whitefield apontava o homem à sua desesperada condição de pecador. Ele confrontava seus ouvintes não convertidos: "Estais em estado de condenação. [...] eu te digo, ó homem; digo-te, ó mulher, quem quer que sejas, tu és um homem morto, tu estás morta, mulher, um homem condenado, uma mulher condenada, se não tiverdes novo coração."[24] Pregava que o homem tem de reconhecer sua total incapacidade antes de admitir a necessidade de abraçar a Cristo como sua única esperança.

Whitefield corajosamente imprimia essa verdade em seus ouvintes. Reiterava que o homem caído nasce espiritualmente morto, alienado de Cristo, e está sob juízo e ira do todo-poderoso Deus. "Afirmo que todos somos carentes de justificação, devido ao pecado de nossa natureza: fomos todos culpáveis do pecado original, ou seja, o pecado de nossos primeiros pais",[25] ele mantinha. Tal séria doutrina da total depravação assomava grandemente o arcabouço teológico de George Whitefield.

ELEIÇÃO INCONDICIONAL

Whitefield igualmente admitia a doutrina bíblica da eleição soberana. Afirmava que antes do começo dos tempos, Deus Pai escolheu livremente aqueles a quem salvaria dentre toda a raça caída. Tais escolhidos não foram eleitos com base em qualquer bem que pudesse ser neles previsto, e certamente não por qualquer previsão de fé que tivessem em Cristo. Deus escolheu demonstrar seu soberano amor sobre determinados indivíduos por razões que só ele conhece. Whitefield fala sobre essa verdade como "uma doutrina por meio da qual Deus é eminentemente glorificado e seu povo grandemente edificado e consolado".[26] Ele cria que Deus, por si mesmo, escolhera um povo para si, predestinado a ser salvo por Cristo.

Whitefield mantinha firme a posição reformada sobre a predestinação. Nessa visão bíblica, Deus decretou alguns para a eleição antes da fundação do mundo, e intervém em suas vidas para operar a regeneração e a fé por um ato divino de graça, conduzindo todos os eleitos a ele em uma eternidade futura. Whitefield via a eleição como "a fonte pela qual fluem todas as bênçãos".[27] Sustentava que a eleição "brilha com tão resplendente fulgor, que todas as bênçãos que eles [os crentes] recebem, todos os privilégios que têm ou que possam gozar, por meio de Jesus Cristo, fluem do amor eterno de Deus Pai."[28]

Em sermão chamado "O bom Pastor", Whitefield afirmou: "Somos dele por eterna eleição: *as ovelhas que tu me deste,* disse Cristo. Foram dadas por Deus Pai a Cristo Jesus, na aliança feita entre o Pai e o Filho, desde a eternidade."[29] Whitefield cria neste pacto eterno de que "se ele obedecesse e sofresse, tornando-se sacrifício pelo pecado, ele veria a sua descendência, prolongaria os seus dias, e o prazer do Senhor prosperaria em suas mãos."[30] Este pacto é tão imutavelmente firmado na eternidade passada

que todas as pessoas eleitas pelo Pai para a salvação foram dadas ao Filho como possessão, para jamais serem lançadas fora.

Nos dias de Whitefield, como em nossos dias, a doutrina da eleição incondicional permanecia desdenhada. Porém, Whitefield via esse ensino com grande prazer e deleite, porque nele brilhava a glória de Deus. Em vez de considerá-la apenas como um detalhe irrelevante, Whitefield cria ser a eleição uma verdade que transforma a vida e produz humildade:

> Não vejo como a verdadeira humildade de pensamento possa ser atingida sem o conhecimento do que seja a eleição; e embora eu não diga que quem a negue seja homem mau, contudo direi... é um sinal muito mau... pois se negamos a eleição, acabamos nos gloriando, pelo menos parcialmente, em nós mesmos."[31]

Aqueles que não se atêm a essa preciosa verdade, arriscam encontrar-se no perigoso pantanal do amor egoísta e glória de si mesmo. Contudo, Whitefield asseverava, aquele que assume a eleição incondicional se gloria em seu soberano Redentor.

Whitefield também estava convicto de que a doutrina da eleição tem grande poder de conversão. Longe de julgar a eleição como pedra de tropeço ao evangelismo, ele declarou:

> As doutrinas escriturísticas de eleição e predestinação, conforme as cremos e pregamos, não desanimam os pecadores, não barram a conversão de ninguém, pois nossa garantia de vir a Cristo não é o decreto e propósito secreto de Deus concernente a nós; porém o convite, o chamado e a ordem de Deus em sua Palavra são: arrependa-se e creia em Cristo.[32]

Com certeza Whitefield rejeitava a desculpa, "Não posso vir a Cristo e ser salvo porque não sou um dos eleitos." Ele afirmava que a eleição de

Deus não nega a responsabilidade do homem de ouvir os inúmeros convites da Escritura de vir a Cristo e crer nele. Pelo contrário, os pecadores encontram grande confiança na eleição incondicional porque quem crê e vem a Cristo está incluso entre os escolhidos de Deus.

Deus impede essa obra de graça salvadora aos que não são eleitos, preterindo-os e deixando-os para si, verdade bíblica essa conhecida como a reprovação. Em longa carta a João Wesley, escrita de Bethesda, Geórgia, em 24 de dezembro de 1740, Whitefield escreveu:

> Sem dúvida as doutrinas da eleição e reprovação têm de andar ou cair juntas. [...] creio na doutrina sobre os réprobos, de que Deus intenta entregar a graça salvadora por meio de Jesus Cristo apenas a certo número; e que o resto da humanidade, após a queda de Adão, justamente deixada por Deus a continuar em seu pecado, sofrerá por fim a morte eterna que é seu salário adequado.[33]

EXPIAÇÃO LIMITADA

Whitefield também defendia a doutrina da expiação limitada, também conhecida como redenção particular. Lee Gatiss escreveu:

> Whitefield se gloriava na... redenção particular, ou como é às vezes conhecida "expiação limitada". Tal ensino diz que a eleição da parte do Pai, a redenção realizada pelo Filho e a aplicação da salvação por parte do Espírito são todos coexistentes; Deus planejou salvar determinado povo, suas ovelhas... e enviou seu Filho explicitamente para alcançar esse objetivo.[34]

Deus Pai designou a morte do Senhor Jesus Cristo, com o propósito específico de salvar os seus eleitos. Cristo entregou sua vida por aqueles que o Pai lhe deu na eternidade passada. Dito simplesmente, Jesus morreu por suas ovelhas, a noiva escolhida de Cristo.

A expiação limitada era elemento essencial da explanação do evangelho feita por Whitefield. Ele declarou:

> Havia uma união eterna entre o Pai e o Filho. Certo número foi então dado a Cristo, como compra e recompensa de sua obediência e morte. Por estes ele orava, e não pelo mundo. Por estes, e somente por estes, intercede agora, e com sua salvação ele será plenamente satisfeito.[35]

A pregação de Whitefield florescia com referências ao propósito eterno da morte de Cristo. Ao descrever a cruz, ele proclamava: "[Cristo] estava prestes a entregar sua alma como oferta pelos pecados dos eleitos."[36] Whitefield cria que a extensão da morte de Cristo não incluía o mundo inteiro, mas somente aqueles a quem o Pai escolhera do mundo.

Essa convicção permaneceu firme em Whitefield até o fim. No que seria seu sermão final entregue em solo inglês, o grande evangelista declarou: "Cristo comprou aqueles a quem chama de seus; ele os redimiu com seu próprio sangue, de modo que lhe pertencem, não só por eterna eleição, mas também por real redenção."[37] Whitefield entendia a indivisível união entre a eleição soberana e a redenção particular, como crença fundamental em todo seu ministério de pregação.

Inversamente, Whitefield advertiu contra a crença em uma expiação universal, que conduz inevitavelmente à crença no livre-arbítrio do homem. Ele afirmava que essas duas posições — redenção universal e livre-arbítrio — estão unidas inseparavelmente:

> Se a redenção universal, tomada em sentido literal, for admitida, as noções igualmente não escriturísticas de salvação universal, ou de justificação pelas obras, e de salvação pelo livre-arbítrio do homem, junto com a possibilidade de cair do estado de graça, inevitavelmente seguirão total e finalmente.[38]

Whitefield insistia que a pregação de redenção universal faz com que um mundo perdido seja hipnotizado em falso senso de segurança e embalado no sono de uma paz não afiançada.

Muitos defendem que a expiação limitada tira a força do evangelismo. Contendem que isso torna sem sentido a pregação do evangelho. Mas até mesmo um exame superficial dos sermões de Whitefield revela justamente o oposto. Seria uma falsa conclusão achar que não se pode crer na expiação limitada de Cristo e ser apaixonado evangelista. Longe de solapar seu evangelismo, a redenção particular atiçava as chamas do zelo evangelístico de Whitefield.[39] Ele afirmou: "[Cristo] conhece a cada um por quem morreu; se um só de todos pelos quais Cristo morreu estivesse faltando, Deus o Pai o enviaria do céu para buscá-lo."[40] Whitefield oferecia

livremente a gloriosa boa nova da cruz de Cristo como sacrifício suficiente para todos quantos cressem.

Essa fé inabalável não anulava o senso de responsabilidade de Whitefield de proclamar o evangelho a todos, sem discriminação. Quase conseguimos ver seu rosto coberto de lágrimas rolando por sua face, e ouvir sua voz dramática instando com as multidões para que viessem a Cristo. No seu sermão sobre a conversão de Zaqueu, Whitefield exclamou:

> Ali, ali pela fé, ó pranteadores de Sião, veja vosso Salvador pendurado, de braços estendidos, e ouvi-o falar a vossas almas: Eis como eu vos amo! Olhai minhas mãos e meus pés! Olhai meu lado traspassado e vede um coração em chamas por amor; amor mais forte do que a morte. Vinde a meus braços, ó pecadores, vinde lavar vossas almas manchadas no sangue que jorra de meu coração."[41]

Inquestionavelmente, George Whitefield apresentava o sacrifício de expiação de Cristo como aplicável a todos quantos viessem buscar nele a salvação.

VOCAÇÃO EFICAZ

Whitefield pregava ainda que todos os escolhidos pelo Pai e redimidos pelo Filho seriam regenerados pelo Espírito Santo. A obra salvífica de Cristo na cruz é aplicada pelo chamado efetivo do Espírito Santo. Ele cria que a terceira pessoa da Trindade convenceria o pecador eleito, eficazmente atraindo-o a Cristo, e concedendo os dons de verdadeiro arrependimento e fé.

Quando Whitefield pregava o evangelho, cria que seus ouvintes seriam divinamente capacitados a responder. Sustentava que "eles terão de ser regenerados, nascidos de novo; terão de ser renovados em seu espírito, nas mais profundas faculdades de sua mente, antes que possam realmente chamar Cristo de 'Senhor, Senhor'."[42] Whitefield acreditava que a regeneração é monergística, obra exclusiva de Deus no coração humano, que precede e também produz a fé salvadora. Quando Deus exerce essa graça soberana na alma humana, entendia Whitefield, o Espírito sempre assegura o efeito que ela intenta.

De acordo com R. Elliot, Whitefield cria que "o homem não tem poder ou vontade para efetuar sua própria conversão, sendo que ela é inteiramente obra do Espírito de Deus."[43] Como o ser humano nasce espiritualmente morto, não existe absolutamente nada independente do Espírito que ele possa fazer para trazer salvação para a sua alma. A vontade de todo homem está presa pelo pecado e cativa por Satanás, não podendo se libertar, a não ser que o Espírito Santo o liberte para crer em Cristo. Sendo assim, o começo, meio e fim do novo nascimento são todos obra do Deus trino, pela qual ele terá de receber toda honra e glória na salvação.

Elliot continua: "Whitefield também sustentava consistentemente que a graça de Deus na conversão de um pecador é irresistível; e na verdade aquele que o nega não pode realmente crer que homem seja inteiramente

caído."[44] Quando Whitefield pregava às massas não convertidas, reconhecia que o Espírito teria de fazer com que os pecadores cressem: "Oh! Que ele vos chame pelo seu Espírito, vos faça povo disposto neste dia do seu poder! Pois sei que meu chamado nada fará, a não ser que ele, por sua graça eficaz, vos compila a entrar."[45] Whitefield não dizia que o homem não consegue resistir ao chamado externo de vir a Cristo para a salvação. A história do mundo está repleta de histórias da oposição do homem ao chamado do evangelho. Mas ele cria que Deus, por seu chamado interior, pode vencer essa resistência no coração dos eleitos. O Espírito terá de abrir seus ouvidos para o chamado efetivo do salvador à fé.

Sabendo que nenhum pecador pode causar a sua própria regeneração, Whitefield instava com os não convertidos a orar pedindo que Deus lhes concedesse novo coração e a fé para crer: "Ah! Se eu pudesse ver alguns de vós sensíveis a isso, e vos ouvisse clamar: 'Senhor, quebra este endurecido coração; Senhor, liberta-me do corpo dessa morte; atrai-me, Senhor, faz-me disposto a seguir após ti; estou perdido; Senhor, salva-me, ou perecerei!'"[46] Ele afirmava que os pecadores descrentes deveriam pedir que Deus os disponham a crer em Cristo.

Dizendo que o homem não regenerado é semelhante ao estado de um cadáver sem vida, Whitefield declarou: "O pecador não pode ressuscitar a si mesmo da morte do pecado, assim como Lázaro, que já estava morto havia quatro dias, até que Jesus veio e chamou: 'Lázaro, vem para fora'."[47] Quando o Espírito Santo chama os pecadores para que deixem a morte, eles são feitos novas criaturas em Cristo. Ressurretos de seu estado caído, seus corações de pedra são sobrenaturalmente recriados em corações de carne.

PERSEVERANÇA DOS SANTOS

Finalmente, Whitefield mantinha a doutrina bíblica da perseverança dos santos. A obra da graça soberana não termina na conversão. O que Deus predestinou a acontecer nos átrios da eternidade passada, ele o trará à completa conclusão na eternidade futura. Whitefield estava convicto de que Deus levaria todos os seus escolhidos para a glória futura. Aqueles que Deus elege e salva serão preservados pela graça, no tempo presente e na eternidade. Aqueles que Deus salva, ele salva para sempre. Jamais cairão eternamente. Nunca perecerão.

Elliot articulava a posição de Whitefield sobre essa doutrina da graça preservadora: "Ele ensinava e afirmava a perseverança final dos santos: não pelo poder de seu livre-arbítrio nem pela virtude de sua própria fidelidade, mas pelo poder e fidelidade de Deus; pois aqueles que justificou, ele também glorificou, Romanos 8.30."[48] Esse elo final na corrente dourada da salvação garante a segurança eterna de todos os crentes que foram eleitos.

Tal doutrina trouxe grande alegria a Whitefield no decorrer de sua vida e seu ministério cristão. Ao falar de João 10.28 — "Eu lhes dou a vida eterna; jamais perecerão, e ninguém as arrebatará da minha mão." — Whitefield exortou: "Oh! Que venham essas palavras aos vossos corações com tanto calor e poder quanto vieram ao meu, há trinta e cinco anos."[49] Para Whitefield, a perseverança dos santos é o grande crescente na sinfonia do plano de Deus para a salvação: "Alguns falam da justificação como ocorrendo no dia do juízo; isso não tem sentido; se não formos justificados aqui, não o seremos ali."[50] Ele cria na justificação somente pela fé como sendo uma transação acabada, resolvida para sempre no momento da conversão.

Aos que diziam que a justificação seria finalizada somente naquele dia final, Whitefield replicou que estavam construindo sobre areia movediça:

“Sendo que com isso a criatura é ensinada que sua manutenção em estado de salvação é devida a seu próprio livre-arbítrio, quão arenoso fundamento isso seria para uma pobre criatura construir suas esperanças de perseverança!”[51] A segurança eterna da salvação é o fundamento sólido sobre o qual todo crente verdadeiro edifica. “Ele os segura em suas mãos, ou seja, ele os segura por seu divino poder; ninguém poderá arrancá-los de sua mão”,[52] ele disse. Esta era a forte mensagem do evangelho que Whitefield oferecia às multidões, um evangelho que justifica imediatamente e para sempre.

Whitefield se espantava que qualquer crente pudesse duvidar ou negar a perseverança final dos santos: “Eu me surpreendo que qualquer pobre alma, e ainda pessoas boas, espero eu, possam lutar contra a doutrina da perseverança dos santos.”[53] Tal falácia doutrinária se encontra diretamente em contradição ao conjunto maior da verdade bíblica. Com senso de finalidade, Whitefield declarou: “Os dons e a vocação de Deus são irrevogáveis. Aquele a quem ele ama, estou persuadido, ele amará até o fim.”[54] Essa convicção profunda e confiança certeira de Whitefield davam poder à sua pregação.

Em 24 de dezembro de 1740, enquanto estava em Bethesda, Geórgia, Whitefield respondeu a seu amigo João Wesley sobre a controvérsia quanto as doutrinas da graça. Além de promover uma regeneração sinergística, em que Deus e o homem teriam de cooperar para realizar o novo nascimento, Wesley explicitamente negava a perseverança dos santos. Nesta sua carta famosa, Whitefield contradisse a Wesley:

> Esta doutrina é meu sustento diário: eu me afundaria totalmente sob pavor de sofrimentos iminentes, não estivesse eu firmemente persuadido de que Deus me escolheu em Cristo desde antes da fundação do mundo, e que agora, tendo sido efetivamente chamado, ele não permitirá que ninguém me arrebate de sua mão poderosa.[55]

É este o grande significado que Whitefield dava à segurança eterna de todo crente, doutrina essa de importância fundamental.

O zelo evangelístico de George Whitefield era seguramente ancorado nas doutrinas da graça. Whitefield entendia estar em uma longa fileira de homens piedosos que, através dos séculos, se firmavam na soberania de Deus na salvação humana. Em seu relato biográfico sobre Whitefield, Stephen Mansfield descreveu tais convicções: "Whitefield sentia-se ao lado de Paulo e Agostinho, Calvino e Lutero."[56] Quanto a essas doutrinas bíblicas, Whitefield sabia estar de pé, ombro a ombro, com outras figuras notáveis tais como John Knox, John Owen, Matthew Henry, John Bunyan, e os seus contemporâneos Jonathan Edwards e John Newton. Este grande evangelista proclamou com uma só voz ao lado desses luminares e outros incontáveis através dos séculos.

Essas imensas verdades vieram acompanhadas de grande poder santificador dentro da alma do próprio Whitefield. Mansfield notou:

> Para Whitefield, a predestinação era a maior razão para humildade, obediência e gratidão. [...] Quão gloriosa é a pregação desse privilégio: de colher aquilo que um homem não plantou e não pode fazer crescer por si mesmo! Era esta a glória do calvinismo, e Whitefield se deleitava nela, livre das obras, com a segurança da graça, e na ousadia de um homem seguro nas mãos de Deus.[57]

Pode-se dizer do que Whitefield acreditava e pregava: "Era um calvinismo em chamas e Whitefield o levou apaixonadamente para as nações."[58] Isso ele fez, talvez melhor que qualquer homem que tenha vivido. Com ardente desejo de ver Cristo exaltado, Whitefield escreveu uma carta a um amigo, sintetizando sua profunda convicção:

> As doutrinas de nossa eleição e livre justificação em Cristo Jesus... enchem minha alma de fogo santo e me dão grande confiança em Deus, meu salvador. Eu espero que o fogo pegue um do outro e que haja uma santa concorrência entre nós, de quem rebaixará mais o homem e exaltará ao Senhor Jesus. Nada senão a Reforma pode fazer isso. [...] Sei que Cristo é tudo em todos. O homem nada é: só tem livre-arbítrio para ir ao inferno, mas não o tem para ir ao céu, até que Deus opere nele por sua vontade e faça nele segundo seu bom prazer.[59]

Que Deus restaure novamente estas verdades transcendentes em sua igreja. Que ele prenuncie mais um Grande Avivamento nos dias de hoje. Como disse Whitefield, nada senão as doutrinas bíblicas da Reforma poderão realizar isso.

CAPÍTULO 4

Um Evangelho sem comprometimentos

> *Outros ministros, talvez pudessem pregar o Evangelho tão claramente, e no geral dizer as mesmas coisas. Mas, creio eu, nenhum homem vivo poderia dizê-las da maneira como ele as dizia. Nisso sempre pensei que ele fosse inigualável, e não espero ver outro igual enquanto eu viver.*[1]
>
> — John Newton

O século XVIII foi uma era de grandes pregadores, homens a quem Deus levantou para proclamar a sua Palavra e marcar a geração em que viviam. Um levantamento sobre o cristianismo moderno, com certeza, identificaria o maior pregador da Grã-Bretanha durante o período do reavivamento evangélico como sendo João Wesley, um dos fundadores do Metodismo. Semelhantemente, uma enquete atual de observadores dos primeiros avivamentos na América, sem dúvida, nomearia Jonathan Edwards, considerado por muitos como o maior pastor-teólogo da América, como principal pregador do Grande Avivamento nas colônias.

Porém, se voltássemos no tempo e avaliássemos aqueles que viviam durante o século XVIII, quer em Londres, Edimburgo, quer nos Estados Unidos, não há dúvida de que a resposta seria uma só. Na verdade, até mesmo João Wesley ou Jonathan Edwards certamente nomeariam o

mesmo homem. O homem considerado pelos contemporâneos como maior pregador de seu tempo foi George Whitefield.

Como ganhador de almas, Whitefield viveu para glorificar a Jesus Cristo e chamar pecadores perdidos ao arrependimento e fé nele. O foco de seu ministério extraordinário foi a simples proclamação do evangelho e o apelo aos não convertidos para que entrassem pelo caminho estreito. Onde quer que estivesse — em uma igreja, em campo aberto, na praça de uma cidade, em um navio, numa casa — e com quem estivesse — quer fosse da realeza, carvoeiros simples, os mais cultos, os mais rudes — Whitefield, corajosamente, sempre estava exaltando a Cristo e chamando com fervor por seu veredicto. Ele tinha o propósito de não estar com ninguém por mais de quinze minutos sem confrontá-lo com as reivindicações de Cristo.

No coração do prolixo ministério de Whitefield estava a mensagem do evangelho. Ele se deleitava nas verdades da livre graça de Deus na expiação substitutiva de Cristo. O próprio coração de Whitefield fora cativado pelo evangelho enquanto ainda estudante em Oxford, e ele havia resolvido levar essa mesma mensagem transformadora de vida para as massas. Escolheu não esperar que os não conversos viessem a ele. Como um que vai atrás de uma ovelha perdida que se desviou do aprisco, Whitefield ardentemente buscava os perdidos, necessitados de Cristo. Era este o cerne de sua pregação e a alma de seu ministério.

Neste capítulo, enfocaremos os principais elementos que definiam as atividades evangelísticas deste notável avivalista. Concentraremos no fato de que, em seu ministério evangelístico, ele continuamente expunha o pecado, exaltava a cruz, requeria a regeneração, convocava a vontade e apontava para a eternidade. Aqui estavam as forças motivadoras por trás dos esforços de Whitefield como ganhador de almas. Entender essas verdades essenciais é compreender a dinâmica do ministério que se estendia dos dois lados do oceano.

EXPONDO O PECADO

Whitefield estava convencido de que qualquer apresentação do evangelho teria de começar pela exposição do pecado do ouvinte e de sua necessidade premente de salvação. Portanto, era necessário que o pregador confrontasse a rebeldia de seus ouvintes contra Deus, e os advertisse das consequências eternas da rejeição divina. Whitefield entedia claramente que ninguém deseja corretamente o evangelho de Cristo até que conheça sua própria condenação diante de Deus. Ele pregava as verdades que revelam o pecado, ou seja, a santidade de Deus, a queda de Adão, as exigências da lei, a maldição da desobediência, a certeza da morte, a realidade do juízo final e a eternidade do castigo no inferno.

Quando se dirigia às massas não regeneradas, Whitefield procurava deixar totalmente claro o fato de sua total depravação. Martyn Lloyd-Jones aptamente afirmou: "Nenhum homem podia expor mais clara e poderosamente a condição do coração natural e não regenerado do que George Whitefield."[2] Somente quando confrontados com o seu pecado, insistia Whitefield, é que os descrentes procurariam abraçar a Cristo como salvador e senhor. Ele descascava e expunha as camadas exteriores da autojustiça das pessoas, a fim de fazer com que percebessem seus corações pecadores.

A obra de evangelismo exigia que ele tratasse, em sua pregação, dos efeitos totalmente arrasadores do pecado. Whitefield, como um vigia em uma torre, advertia sobre o pecado, a morte e o juízo. Buscava perturbar seus ouvintes com a condição perdida diante de um justo juiz no céu. "O pecado de vossa natureza, vosso pecado original, é suficiente para vos afundar em tormentos, dos quais não haverá fim", pregava ele. "Assim, se não recebestes o Espírito de Cristo, vós sois réprobos, e não podereis ser

salvos."[3] Ele cria que os perdidos tinham de ser impelidos até a beira do desespero total antes de chegarem à fé em Cristo.

Whitefield era mestre em varrer longe qualquer retórica inútil, a fim de os não convertidos reconhecerem sua necessidade desesperada do arrependimento. Ele lhes implorava:

> Estais perdidos, destruídos, sem ele, e se ele não for glorificado em vossa salvação, ele será glorificado na vossa destruição; se ele não entrar e fazer habitação nos vossos corações, vós tereis de assumir habitação eterna com o Diabo e os seus anjos.[4]

Ninguém que ouvisse Whitefield era adormecido por um falso senso de segurança.

Apontando de volta à transgressão de Adão, Whitefield enfatizava que todos nasceram com uma inerente natureza pecadora, desde o primeiro homem. Ele declarou: "Todos nós estamos carentes de sermos justificados, devido ao pecado de nossa natureza, pois somos todos culpáveis do pecado original, o pecado de nossos primeiros pais."[5] Essa forte crença no pecado original e na total depravação do ser humano fez com que todo sermão de Whitefield impelisse seus ouvintes a entender sua condição desesperada devido ao pecado. Ele cria que toda a humanidade nasceu espiritualmente morta:

> Podeis negar que sois todos criaturas caídas? Não descobris estar cheios de desordens, as quais tornam-vos infelizes? Não percebeis que não podeis mudar vossos próprios corações? Não resolvestes, incontáveis vezes, ser diferentes, e vossas corrupções ainda vos dominaram? Não sois vós escravos de vossas cobiças, e levados cativos pela vontade do Diabo?[6]

Os sermões de Whitefield estavam repletos de vivas advertências dos horríveis perigos de permanecer em estado de pecado. Em seu sermão "Andando com Deus", ele avisou que o inferno poderia estar apenas a um passo de seus ouvintes:

> Pois como sabes tu, ó homem, se o próximo passo que tomares será para o inferno? A morte poderá te agarrar, o juízo te encontrar, e então o grande abismo se fixará entre ti e a glória infinda, para sempre e sempre. Pensa nestas coisas, tu que ainda estás indisposto a caminhar com Deus. Põe essas coisas em teu coração.[7]

Whitefield entendia que a pregação do evangelho tinha de incluir a ameaça do inferno, cuja intenção é fazer com que os homens corram para Cristo e fujam de seus terrores.

Com declarações tão fortes assim, Whitefield fazia brilhar um foco de luz que expunha o pecado das fechas enegrecidas dos corações depravados. Somente assim poderiam os pecadores fugir para o pé da cruz do Senhor Jesus Cristo e ouvir de um Salvador que morreu por suas almas culpadas.

EXALTANDO A CRUZ

Whitefield, em seguida, procedia para a morte salvadora do Senhor Jesus Cristo. A mensagem do pecado é tenebrosa, mas por ela a verdade da salvação por meio da cruz brilha mais forte. Poucos homens têm proclamado a morte de Cristo com maior precisão e poder. Sempre que Whitefield pregava, falava da expiação perfeita realizada pela morte do Filho de Deus. Partindo da ruína do homem no pecado para a redenção de Cristo na cruz, Whitefield pregava Cristo crucificado, sua maior paixão e nota mais dominante.

Whitefield apresentava aos pecadores a morte de Cristo, e seu sangue expiatório, como único meio para a salvação. Implacavelmente, ele fazia o convite de vir ao Salvador pela fé e encontrar suficiente substituto pelos pecados de todos quantos creem nele:

> Nossas montanhas de pecados têm de cair todos diante desse grande Zerubabel. Sobre ele, Deus, o Pai, lançou as iniquidades de todos quantos cressem nele; e em seu próprio corpo ele os carregou sobre o madeiro. Ali, ali pela fé, ó aqueles que estão enlutados em Sião, podeis ver vosso Salvador pendurado, de braços estendidos, e ouvi-lo, como se fosse assim, falando às vossas almas: "Eis como eu vos amei! Eis minhas mãos e meus pés! Olhai meu lado traspassado, e vede um coração chamejante de amor: amor mais forte do que a morte. Vinde aos meus braços, ó pecadores, vinde lavar vossas maculadas almas no sangue de meu coração. Vede aqui uma fonte aberta para todos os pecados e toda impureza! Vede, oh almas culpadas, como a ira de Deus agora jaz sobre vós: vinde, apressai-vos, escondei-vos nas fendas de minhas feridas; pois fui ferido pelas vossas transgressões; estou morrendo para que vós possais viver eternamente. Eis, como Moisés levantou a serpente no deserto, aqui estou levantado sobre o madeiro. Vede como eu me tornei em maldição por vós: o castigo que vos traz a paz está sobre mim. Estou assim açoitado, assim fui ferido, assim crucificado, para

> que por minhas pisaduras vós fôsseis sarados. Oh, olhai para mim, todos vós pecadores que tremeis, até os confins da terra! Olhai para mim com fé, e sereis salvos."[8]

Utilizando linguagem vivaz, Whitefield descreveu os terrores da cruz, de onde Cristo carregou nosso pecado. Ele levou seus ouvintes de volta ao cenário da crucificação do Senhor Jesus. Instava com eles que olhassem para o Salvador ferido:

> Olhai então, olhai, com os olhos da fé, àquele Homem-Deus a quem vós traspassastes! Olhai aquele que sangra, geme, morre sobre a cruz, com braços abertos, prontos para abraçar-vos a todos. Eia! Como ele geme! Como toda a natureza agoniza! As rochas se fendem, as sepulturas abrem, o sol retira sua luz, como que envergonhado de ver o Deus da natureza sofrer; e isso tudo para abrir caminho para a grande redenção do homem.[9]

Ouça novamente a Whitefield implorando com seus ouvintes para que olhem a Cristo morrendo na cruz pelos pecadores, e creiam:

> Olhai suas mãos, furadas com pinos de ferro; olhai seu lado, lancetado com lança cruel, soltando as comportas de seu sangue, abrindo uma fonte pelo pecado, e por toda a iniquidade... somente crede nele, e então, ainda que tenhais crucificado novamente a ele, ele assim mesmo vos perdoará abundantemente; "ainda que vossos pecados sejam como a escarlate, serão brancos como a lã; embora mais profundos que o carmesim, serão mais alvos do que a neve."[10]

Whitefield pregava melhor, percebia ele, quando proclamava as glórias da cruz. Ele afirmou: "Nunca estou melhor do que quando estou conduzido ao pé da cruz."[11] Através de seus sermões, de suas entradas no diário, e correspondência, Whitefield repetidamente exaltava a cruz como a

singular e suprema esperança para os pecadores. Joseph Belcher descreveu a Whitefield como homem "cuja alma estava... em contato habitual com a cruz".[12] Era sua contemplação constante sobre a morte do Salvador crucificado que impelia Whitefield a buscar os perdidos com a mensagem da graça. Whitefield pregava a cruz como o propósito salvador pelo qual Cristo veio até a terra.

REQUERENDO A REGENERAÇÃO

De acordo com Lloyd-Jones, Whitefield, estava continuamente expondo a necessidade da regeneração como o "grande tema"[13] da sua pregação. Uma história repetida muitas vezes conta que uma mulher perguntou a Whitefield, após um culto de pregação: "Por que o Sr. fica dizendo-nos: Importa nascer de novo?" O grande evangelista respondeu, "Porque, querida senhora, é *preciso* que nasças de novo."[14] Era este o ímpeto central de seus muitos sermões, ou seja, a absoluta necessidade da regeneração para obtenção de entrada no reino de Deus.

No coração da pregação de Whitefield estava a doutrina do novo nascimento. Arnold Dallimore asseverou:

> Por meio desses sermões corre apenas uma grande verdade das Escrituras — a verdade indicada por Whitefield quando ele resumiu seu ministério inicial e seus efeitos, dizendo: "A doutrina do novo nascimento... entrou como raios e relâmpagos na consciência dos ouvintes." Ele se posicionava, não como quem declarava mensagem própria, mas quem falava da parte de Deus, conforme exposta em sua Palavra: "Importa-vos nascer de novo."[15]

Estabelecendo ainda que esse novo nascimento era primaz na pregação de Whitefield, Dallimore disse: "A única grande verdade fundamental do ministério de Whitefield, desde o começo, era a do novo nascimento."[16] Aqui estava o cerne da pregação de Whitefield.

Dallimore nota que o sermão de Whitefield intitulado "A Natureza e necessidade do novo nascimento" foi seu "discurso mais amplamente difundido".[17] Disse ainda:

> Não pode haver dúvida de que se fosse perguntado ao homem nas ruas de Bristol, Gloucester e Londres, em 1739, "No que Whitefield e os Metodistas creem?", ele teria respondido: "Eles afirmam que todo mundo tem de nascer de novo."[18]

Outro observador notou o seguinte na pregação de Whitefield: "A regeneração era mais uma grande doutrina, sobre a qual esse homem excelente muito insistia; quase nenhum sermão passava sem que ele mencionasse isso, às vezes mais que duas vezes."[19] Henry Stout, professor da Universidade de Yale, observou, seguindo as mesmas linhas, que na pregação de Whitefield, o novo nascimento era o "principal produto."[20]

A regeneração não havia sido foco central dos Reformadores, mas Whitefield tornou-a ênfase dominante em sua pregação. Nunca deixando que fosse relegada a posição secundária, o evangelista escreveu: "A doutrina de nossa regeneração ou novo nascimento em Cristo Jesus... [é] uma das mais fundamentais doutrinas de nossa santa religião" e é "a dobradiça sobre a qual gira a salvação de cada um de nós."[21] Esta era uma verdade levantada e levada a fundo para os corações de seus ouvintes repetidas vezes.

Tal foco primário sobre a regeneração volta à própria experiência de salvação de Whitefield. Quando estudante em Oxford, ele veio a Cristo com a leitura de *The Life of God in the Soul of Man* [A vida de Deus na alma do homem], de Henry Scougal. Esta obra explicava que a salvação é pela graça divina, não por esforços de autojustiça do homem. Conforme sugere o título de Scougal, a realidade da regeneração é a vida de Deus na alma do homem. Uma vez nascido de novo, Whitefield jamais se esqueceu dessa experiência pessoal. Estava constantemente proclamando essa verdade fundamental a seus ouvintes descrentes.

Whitefield repetidamente afirmava a necessidade de seus ouvintes de encontrar sua identidade somente em Cristo. Depender de laços

denominacionais e filiação religiosa, contendia ele, simplesmente não bastariam. Enquanto pregava em Filadélfia, Whitefield exclamou:

> Pai Abraão, a quem tens no céu? Alguns Episcopais? Não. Quaisquer Presbiterianos? Não. Alguns Batistas? Não. Tens aí Metodistas, Separatistas, ou Independentes? Não, não. Por que, então quem tens aí? Aqui não conhecemos esses nomes. Todos que temos aqui são cristãos, crentes em Cristo — homens que venceram pelo sangue do Cordeiro e pela Palavra de seu testemunho.[22]

Os homens têm de nascer de novo, afirmava Whitefield, para estar bem com Deus. Têm de estar em Cristo "mediante uma transformação interior, pureza de coração e coabitação de seu Santo Espírito."[23] Isso ocorre pela soberana operação de Deus na regeneração: "Deus é agente soberano. Seu Santo Espírito sopra onde e como quer."[24] Por trás da verdade sobre a regeneração está a doutrina da eleição. Whitefield exultava: "[Deus] terá misericórdia sobre quem ele quiser ter misericórdia."[25] Assim como não há nada que o homem possa fazer para causar seu nascimento físico, nada se pode fazer para que o homem induza um parto espiritual no novo nascimento. Esta era uma verdade em que Whitefield acreditava profundamente e pregava sempre ao instar com seus ouvintes: vós *tendes* de nascer de novo.

INTIMANDO A VONTADE

Whitefield pressionava o coração dos ouvintes por uma resposta imediata. Não bastava que as pessoas soubessem a verdade do evangelho. Elas teriam de fazer um compromisso completo de sua vida com Jesus Cristo. "Embora eu creia na eleição particular, ainda assim, ofereço Jesus livremente a toda alma individual",[26] dizia ele. Whitefield estava constantemente chamando homens e mulheres a virem a Cristo.

Martyn Lloyd-Jones implorou: "Espero eu que deixemos, de uma vez para sempre, aquela mentira que diz que o calvinismo e o interesse no evangelismo não são compatíveis."[27] Lloyd-Jones argumentava que os grandes evangelistas na história da igreja eram de teologia calvinista:

> Eis temos aqui o maior evangelista que a Inglaterra produziu, e ele era calvinista. Charles Haddon Spurgeon, maior evangelista do século passado, confessava ter se modelado — naquilo que pudesse ter como modelo qualquer pessoa –– em George Whitefield. E ele também era calvinista.[28]

O biógrafo de Whitefield, Lee Gatiss comentou:

> Toda vez que [Whitefield] apela a seus ouvintes para que respondam ao que ouviram pela Palavra viva e ativa de Deus, os seus apelos eram diversamente baseados no texto e podiam ser convites para gozar dos benefícios dos quais falava, advertências para fugir da ira vindoura, pedidos para receber a oferta dada ou mandamentos para se arrepender e obedecer a um novo Senhor."[29]

Enquanto Whitefield pregava, estava chamando seus ouvintes a responder pela fé.

Pode-se defender que a palavra predileta de Whitefield em sua pregação fosse a palavra *vinde*. Repetidamente instava com os ouvintes a *vir* a Cristo pela fé. Considere o seguinte convite apaixonado:

> *Vinde*, todos vós, *vinde* e contemplai-o estendido por vós; vede suas mãos e seus pés cravados na cruz. Ó, *vinde, vinde*, meus irmãos, e pregai vosso pecados sobre ela. *Vinde,vinde e vede* seu lado traspassado, de onde flui uma fonte aberta para o pecado e para a impureza: Ó lavai, lavai e sede limpos: *vinde* e vede sua cabeça coroada de espinhos, e tudo isso por vós. Podeis pensar em um Jesus que geme, sangra, morre, e não tendes pena do que ele sofreu? Ele sofreu tudo isso por vós. *Vinde* a ele pela fé; apropriai-vos dele: há misericórdia para toda alma que *vier* até ele. Portanto, não vos demoreis; voai para os braços desse Jesus, e sereis limpos no seu sangue.[30]

Ouça o insistente e apaixonado pedido de Whitefield, enquanto chama seus ouvintes a responder pela fé e vir a Cristo imediatamente:

> *Vinde,* portanto, a Cristo, todos que me ouvem nesta noite. Ofereço-vos Jesus Cristo, seu perdão e salvação a todos quantos o aceitarem. *Vinde,* vós embriagados, deixai de lado vossos copos, não bebais mais em excesso; *vinde* e bebei da água que Cristo vos dará, e não tereis mais sede. *Vinde*, vós ladrões; aquele que tem roubado, não roube mais, mas voai até Cristo, e ele vos receberá. *Vinde* a ele, vós meretrizes; deixai de lado vossa luxúria e voltai ao Senhor, e ele terá misericórdia de vós; e vos limpará de todo pecado e vos lavará em seu sangue. *Vinde*, todos vós mentirosos; *vinde*, todos vós fariseus; *vinde*, vós fornicadores todos, adúlteros, blasfemadores; *vinde* a Cristo, que limpará de vós toda iniquidade; ele vos purificará da poluição, e vossos pecados serão apagados. *Vinde*, *vinde*, meus irmãos culpados; eu vos imploro por amor de Cristo, e pelo amor de vossa alma imortal, *vinde* a Cristo.[31]

Com intensa paixão e persuasão convincente, Whitefield implorava a seus ouvintes:

> *Vinde*, eu vos imploro que venham a Jesus Cristo. Ah! Que minhas palavras penetrem a alma! Ah, que Jesus Cristo fosse em vós formado! Ah, que volteis para o Senhor Jesus Cristo, a fim de que ele tenha misericórdia de vós! Eu vos falaria até à meia-noite, sim, falaria até não mais poder falar, para que fosse meio para conduzir-vos a Jesus. Permiti que o Senhor Jesus entre em vossas almas, e encontrareis a paz que o mundo não pode dar nem pode tirar.[32]

"Vinde!" Exclamou Whitefield. Vinde sendo culpados, incapazes, pecadores merecedores do inferno, e encontrai justiça e vida em Cristo: "Somente nele está vossa ajuda; correi para ele pela fé; dizei-lhe, como disse o pobre leproso: 'Senhor, se tu queres', tu podes fazer-me desejar; e ele lhe estenderá a mão direita de seu poder para assisti-lo e aliviá-lo."[33]

Fica bastante claro que Whitefield acreditava ser necessário um convite aos perdidos para que viessem a Cristo. Mesmo assim, ele não praticava o que se chama de "chamada ao altar", nem encorajava estímulo emocional entre sua congregação. Ele dizia: "Ofereço-vos hoje a salvação; a porta da misericórdia ainda não se fechou, ainda resta um sacrifício pelo pecado para todos quantos aceitarem o Senhor Jesus Cristo."[34] Tal apelo ao evangelho representa inúmeros convites feitos por Whitefield a seus ouvintes.

Os que estavam debaixo do som de sua voz não podiam demorar mais nem um instante. Whitefield insistia que eles agissem decisivamente e abraçassem a Jesus Cristo, que morreu pelos pecadores:

> Apressai-vos, portanto, ó pecadores, correi e *vinde* pela fé, a Cristo. Neste dia, nesta mesma hora, neste momento, se crerdes, Jesus Cristo virá e fará sua eterna morada em vossos corações. [...] Eis! Por que estais parados aí?

> Como sabeis se haverá outra ocasião em que Jesus Cristo vos chamará? *Vinde,* portanto, pobres e culpados pecadores; *vinde* para ele, pobres, perdidos, desventurados publicanos: apressai-vos, digo, e vinde para Jesus Cristo.[35]

Whitefield buscava intensamente despertar os pecadores de seu sono espiritual, exortando-os a correr para Cristo. Ele o fazia dizendo que eles não teriam nenhuma desculpa quando estivessem diante juiz de todas as eras:

> Neste dia eu vos convido a todos, até mesmo o pior dos pecadores, que se casem com o Senhor Jesus. Se perecerdes, lembrai que isso não acontece por falta de convite. Vós mesmos estareis de pé no último dia, e aqui eu vos convoco a encontrar-me diante do trono de juízo de Cristo, limpos diante de meu Mestre e de mim. Se o choro e as lágrimas prevalecessem sobre vós, eu desejaria que minha cabeça fosse águas, meus olhos fontes de lágrimas, para que eu pudesse apagar todo argumento, derretendo-vos diante do amor. Se houvesse qualquer coisa que eu pudesse fazer ou sofrer para influenciar vossos corações, eu o faria. Arrancaria meus próprios olhos ou até mesmo entregaria minha vida por amor de vós.[36]

Era esta a urgência com a qual ele chamava a vontade humana e instava por um compromisso decisivo com Deus. J. I. Packer comentou que a pregação de Whitefield insistia em "entradas, no momento presente, para a realidade do novo nascimento."[37] Aqui estava Whitefield implorando para que seus ouvintes atendessem ao evangelho e abraçassem a Cristo.

APONTANDO PARA A ETERNIDADE

Whitefield ainda impressionava seus ouvintes quanto à certeza da eternidade que estava diante deles. Ele lhes falava com poderoso senso de Deus e pesado senso de eternidade. Pregava como se o juízo final, céu e inferno estivessem assomando o horizonte imediato. Em quase todo sermão, Whitefield afirmava que o dia da eternidade estava próximo. O Juiz está à porta, exclamou ele, pronto a pisar em cena. Essa espécie de pregação pressionando para a eternidade — tanto do céu quanto do inferno — caracterizava o impulso evangelístico de George Whitefield.

Whitefield falava do céu como gloriosa realidade, e lar futuro para onde todos os santos iriam. Ele proclamava: "No céu o iníquo cessará de perturbar-vos, e vossas almas cansadas gozarão descanso eterno; os seus dardos chamejantes não poderão mais vos alcançar nessas regiões de felicidade: Satanás nunca mais virá perturbar, incomodar ou acusar os filhos de Deus, quando o Senhor Jesus Cristo tiver fechado a porta."[38] Estar livre do pecado, na presença de Cristo, é a bênção suprema do céu; a grande separação acontecerá, removendo os crentes dos descrentes e os justos dos injustos.

Com palavras gráficas e voz arrebatadora, Whitefield tinha a capacidade de representar de maneira dramática os horrores do inferno. Seu linguajar vivaz na descrição do lago de fogo fazia com que as pessoas sentissem estar prestes a cair a qualquer momento dentro do abismo sem fundo. Choro, gritos e soluços podiam ser ouvidos enquanto Whitefield pregava a respeito do castigo dos ímpios em chamas. Em um sermão, Whitefield desafiou assim os seus ouvintes:

> Pensai com frequência nas dores do inferno; considerai, se não seria melhor cortar a mão direita ou o pé, e arrancar um olho direito, se esses nos

> ofendem (ou fazem que nós pequemos) "ao invés de serdes lançados no inferno, onde não morre o verme e o fogo não se apaga." Pensai em quantos milhares estão agora ali reservados, com espíritos condenados em cadeias de trevas para o juízo do grande dia. [...] Pensais vós, que imaginam Jesus Cristo como sendo mestre severo; ou melhor, não pensais que eles dariam dez mil vezes, dez mil mundos, se apenas pudessem voltar novamente à vida, e tomar o jugo suave de Cristo sobre eles, não o fariam? Poderemos suportar o fogo eterno mais do que eles?... Como poderemos suportar a sentença irrevogável: "Afastai-vos de mim, malditos, para o fogo eterno, preparado para o Diabo e seus anjos"?[39]

Muitas eram as vezes em que Whitefield fazia perguntas desafiadoras a seus ouvintes, forçando-os a pensar aonde passariam a eternidade. Por suas próprias respostas, os que o escutavam, muitas vezes, condenavam a si mesmos.

> Como podereis estar diante do tribunal de um Juiz que se ira e vinga do pecado, vendo tantos discursos que desprezastes, tantos ministros, que ansiavam e labutavam em prol da salvação de vossas preciosas e imortais almas, apresentadas como tantas testemunhas velozes contra vós? Será que bastará então alegar que só fostes ouvi-los por curiosidade, para passar o tempo ocioso, para admirar a oratória ou ridicularizar a simplicidade do pregador?[40]

Nenhuma decisão por Cristo, Whitefield asseverava, poderia ser feita após nossa morte. Ele implorava: "Enquanto não forem vossos pecados arrependidos, estais em perigo de morte, e se morrerdes, perecereis para sempre. Não há esperança para qualquer que viva em seus pecados, a não ser de habitar com os diabos e espíritos condenados por toda a eternidade."[41] A não ser que as almas perdidas recebam a Cristo nesta vida,

não haverá esperança para os condenados na eternidade de escapar da punição.

Eram tão poderosos os apelos de Whitefield em seus sermões que "os zombadores eram silenciados, e as fortalezas de Satanás eram derribadas".[42] Conta-se que em certa ocasião, em um clube de bebedeiras em Filadélfia, havia um menino que

> costumava imitar as pessoas para seu divertimento. Persuadido pelos senhores, o rapaz (ainda que relutantemente) levantou-se e imitou Whitefield, dizendo: "Digo a verdade em Cristo, eu não minto; se não vos arrependerdes, sereis todos condenados." Essa palestra inesperada (citada de um dos sermões de Whitefield), desfez o clube, que nunca mais se reuniu.[43]

Embora estivesse fisicamente ausente, os fortes apelos de Whitefield ressoavam pelos bares e vielas de todas as cidades onde pregava.

A mensagem alarmante para o auditório de Whitefield era que, se não cressem em Cristo, as suas almas perdidas com certeza entrariam em uma eternidade da ira de Deus: "Ó pecador! Imploro-te a arrepender-te, para que a ira de Deus não se acenda! Que os fogos da eternidade não sejam acesos contra vós!"[44] Seu fervor o levava a forçar as realidades do céu e do inferno sobre o coração de seus ouvintes. Whitefield sempre vivia à luz da eternidade, e pregava como quem sentisse o dia se aproximando cada vez mais.

O zelo evangelístico de George Whitefield fluía de seu amor pelo glorioso evangelho da graça. Foi esse amor e essa dedicação suprema que o impeliam a procurar os perdidos, revelar o pecado, exaltar a cruz, convocar a vontade, e apontar para a eternidade. De teologia totalmente calvinista, este fervoroso evangelista apresentava a única mensagem salvadora que

existe para os pecadores culpados. Ele se deleitava em chamá-los para a fé em Cristo e deixar os resultados para Deus, pois somente ele pode salvar.

Arnold Dallimore escreveu: "Seu ministério apresenta exemplo sem paralelo da declaração da soberania de Deus, juntamente com o livre oferecimento da salvação a todos quantos cressem em Cristo."[45] Whitefield oferece exemplo ímpar de quem tinha em uma mão as doutrinas da graça e na outra mão o livre oferecimento do evangelho. Saber isso a respeito de Whitefield é conhecer o homem, e conhecer o homem é ter um mui excelente exemplo a seguir.

Carecemos de semelhante coragem, como de pedra, em nossa mensagem do evangelho. Precisamos voltar para Paulo, para Agostinho, Lutero, Calvino e os Reformadores, para os Puritanos, e enfim, para Whitefield. Precisamos novamente de arautos como estes, que não se envergonhavam de pregar sobre pecado e juízo, céu e inferno, arrependimento e fé, justiça e santidade. Temos de pregar a necessidade da transformação radical de vida, que só provém da realidade do novo nascimento.

Que Deus levante em nossos dias uma multidão de vozes de clarim, que proclamem esta mesma mensagem do evangelho.

CAPÍTULO 5

Uma paixão que consumia

> A pura verdade é que a Igreja da Inglaterra daqueles dias não estava pronta para um homem como Whitefield. A Igreja estava em sono profundo e era incapaz de entendê-lo, *se vexava com um homem que não se calava e não deixava o Diabo sossegado.*[1]
>
> — J. C. Ryle

Na manhã de 23 de outubro de 1740, em um campo da Paróquia de Kensington, perto do que hoje é Berlin, Connecticut, um fazendeiro colonial de nome Nathan Cole recebeu a notícia de que o grande evangelista George Whitefield estaria pregando na cidade próxima de Middletown. Imediatamente, deixou suas ferramentas e correu até sua casa. Agarrando depressa a esposa, selou o cavalo e correram, ele e ela, para o local anunciado da reunião de Whitefield, a doze milhas de distância. Cole e sua esposa alternavam entre andar a cavalo e correr a pé até Middletown, pois simplesmente *tinham* de estar presentes para ouvir o célebre pregador.

Ainda a uma boa distância da cidade, Cole e sua esposa observavam as encostas das montanhas cobertas do que parecia uma neblina crescente.[2] Chegando mais perto descobriram que a nuvem baixa era de poeira da estrada, enquanto uma inundação de pessoas desciam para Middletown a

cavalo e carruagem. Ansiosos por ouvir Whitefield pregar, umas quatro mil pessoas já haviam se reunido na praça da cidade. Cole estava em pé entre a multidão e observava quando o evangelista apareceu. Mais tarde ele admitiu: "Quando vi o Sr. Whitefield vir até o palanque, ele parecia quase um anjo."[3] Descreveu a Whitefield como "jovem esbelto, magro, diante de milhares de pessoas, com rosto ousado e destemido."[4] A conversa que circulava entre a multidão era que "Deus estava com ele em todo lugar".

Quando Whitefield começou a pregar, Cole sentiu grande medo agarrando sua alma. A pregação veio com muito poder sobre o coração não convertido desse fazendeiro. Cole disse que o jovem pregador "parecia revestido de autoridade vinda do grande Deus, e uma doce solenidade repousava sobre seu cenho". Testificou ainda: "O que eu o ouvia pregar feriu meu coração. Pela bênção de Deus, minha antiga fundação foi quebrada e eu vi que minha justiça jamais poderia me salvar."[5] Toda a força da pregação de Whitefield provou ser irresistível. Cole olharia para trás, para esse dia em Middletown, como o tempo em que Deus usou o martelo sobre seu coração endurecido e começou a convencê-lo de seu pecado, atraindo-o totalmente a si.

Era esse o caso de muitos que ouviam Whitefield pregar. Não apenas o ouviam, como também *sentiam* a compaixão desse homem. Mesmo Jonathan Edwards, uma altaneira figura intelectual, chorava no primeiro banco quando Whitefield pregou em Northampton. Esse relato revela bastante da força da pregação de Whitefield. Em uma época quando a entrega no púlpito havia degenerado em seco ritual, que nada envolvia a não ser uma leitura monótona de um sermão manuscrito, Whitefield rompeu em cena com uma intensa *pregação*. Ou seja, esse célebre evangelista veio exortando, implorando, cortejando, chamando, pedindo, até mesmo chorando diante de seus ouvintes. Com profunda emoção, seu coração sangrava enquanto declarava o evangelho. Falava com linguagem corporal e gestos imponentes, que assomavam maiores que a vida.

Whitefield brilhava com a glória de Deus enquanto proclamava o evangelho de Cristo.

O que marcava o intenso fervor da pregação de Whitefield? Quais eram os elementos da calorosa emoção com a qual ele falava? Neste capítulo, queremos considerar as características distintas do fogo consumidor que ardia brilhantemente em seu coração e se espalhava aos outros, ou seja, suas profundas convicções, sinceridade a prova de sangue, zelo ardente, amor fervoroso e sua diligência intensa.

PROFUNDAS CONVICÇÕES

A paixão de Whitefield surgia das profundezas de suas convicções bíblicas. As fortes crenças foram acesas primeiramente em seu coração no momento de sua conversão. Essas verdades firmemente cridas foram cultivadas com o passar dos anos por meio de intensa oração e diligente estudo da Palavra. Muitos pregadores têm convicções fracas, e, portanto, pouca paixão. George Whitefield, porém, possuía uma profunda persuasão quanto à verdade, o que por sua vez, alimentava a sua paixão na pregação. Sua crença no evangelho da graça soberana atiçou as chamas do coração a ponto de tornarem-se uma fornalha ardente.

J. C. Ryle declarou corretamente: "[Whitefield] teve sucesso em demonstrar às pessoas que ele cria em tudo aquilo que estava dizendo, e que seu coração, sua alma, sua mente e sua força estavam todos propensos a fazer com que eles também viessem a crer."[6] Mesmo sob pancada de tomates podres jogados enquanto pregava, gatos mortos jogados contra o palanque, e a barulheira odiosa de interrupções, Whitefield era impelido adiante em todo seu ministério, por seu convencimento da verdade, que era sólido como rocha. Quer em campo aberto, numa casa ou em um navio, Whitefield acreditava estar pregando por chamado divino. A reputação de sua coragem e convicção ia adiante dele, e o avivamento seguia no seu encalço.

Sempre que estava de pé atrás de uma Bíblia aberta, Whitefield era inteiramente convicto de estar entregando a verdade de Deus. Acreditava firmemente estar alimentando pão da vida a mendigos famintos. Tal convicção interior criava uma paixão ardente em sua pregação. Como árvore arraigada em solo rico, Whitefield era inabalável. Permaneceu firme nas doutrinas cardeais que cria serem essenciais para a salvação. Quando falava, usava palavras simples para se dirigir a toda ordem e condição entre

seus ouvintes. Ele o fazia com a certeza de que era porta-voz divinamente comissionado por Deus, e trazia a verdade divina em seu favor:

> Agradeço a Deus, por estar tão longe de mudar meus princípios, dos quais tenho certeza que fui ensinado pela palavra e pelo Espírito de Deus, que sou cada vez mais confirmado, de que se eu tiver de morrer neste exato momento, espero ter a força e coragem que me foi dada a dizer: Estou mais convencido da eficácia e do poder destas verdades que eu pregava quando tinha vinte anos, do que quando primeiro as preguei.[7]

Essas convicções faziam de Whitefield uma autoridade de Deus. Ele cria ter sido enviado por Deus a levar a mensagem divina documentada pelas infalíveis Escrituras. Tal crença aprofundava sua paixão quando ele falava. Ele não pregava suas próprias opiniões, mas a própria sabedoria de Deus, que abalava e sacudia seus ouvintes de qualquer enfado:

> "Se eu viesse falar-vos em meu próprio nome, poderíeis repousar os cotovelos sobre os joelhos, a cabeça sobre as mãos e dormir, e de vez em quando levantar a cabeça para dizer 'Do que fala esse tagarela?' Mas eu não vim no meu próprio nome. Não, eu venho em nome do Senhor Deus dos Exércitos", e — aqui ele de repente batia a mão e o pé, fazendo a casa inteira ressoar — "e tenho se ser ouvido, e serei ouvido! Todos na casa deram um sobressalto, até o velho pai, que sempre ficava dormindo com os outros. "Sim, sim," continuou o pregador, olhando para ele: "Eu te acordei, não foi? Foi de propósito. Não vim pregar a paus e pedras; vim até vós em nome do Senhor Deus dos Exércitos. Tenho de ter ouvintes e eu os terei."[8]

Tais convicções de Whitefield dominavam o coração de seus ouvintes. Até mesmo os descrentes eram atraídos à força de sua firme fé na verdade. David Hume, filósofo e céptico escocês, foi desafiado ao ser visto indo ouvir George Whitefield pregar: "Pensei que você não acreditasse no

evangelho", alguém lhe disse. Hume replicou: "Não acredito, mas ele acredita".[9] Era essa pujante convicção na verdade da Palavra de Deus que atraía, como ímã, as grandes multidões para ouvir sua pregação.

SINCERIDADE A PROVA DE SANGUE

Whitefield pregava com profunda sobriedade, ou o que se poderia chamar de sinceridade a prova de sangue. Cada vez que subia ao púlpito, sua alma se compungia pelo fato do destino eterno dos homens estar na balança. Sabia que a mensagem que trazia era a mais importante verdade que seus ouvintes teriam ocasião de ouvir. Pregava a pesada mensagem de um salvador crucificado, que garantiu a salvação eterna para pecadores que estavam a caminho do inferno. Tal pregação tinha de ser marcada por gravidade e não leviandade, solenidade e não apatia.

A seriedade com que Whitefield tratava a pregação era visível a todos. Ele proclamava o evangelho, notou Gillies com "solenidade de modo" que transmitia "um senso da importância do que estava prestes a dizer."[10] J. C. Ryle concordava, observando a "tremenda sinceridade"[11] da pregação de Whitefield. Ian Paisley acrescentou: "Whitefield era mortalmente sincero. Pregava como quem 'havia medido a eternidade e tomado as dimensões de uma alma.'"[12] Tal *gravidade* era o peso do Senhor sobre sua alma e trazia sobriedade à sua entrega da mensagem no púlpito.

Com intensa paixão, Whitefield acreditava ser curto o seu tempo para pregar a Palavra de Deus. Em certa ocasião, ele observou:

> Encontrei cerca de mil almas esperando até oito da noite para ouvir a Palavra. Embora a natureza dissesse: "Poupa-te", penso que a fé e o dever disseram: "Vai em frente na força do Senhor, e fala-lhes." Eu o fiz, baseado nessas palavras do nosso querido Senhor: "Tenho de fazer as obras daquele que me enviou, enquanto for dia: a noite vem quando ninguém pode trabalhar."[13]

Whitefield pregava cada sermão como se fosse sua última mensagem. Ele se derramava em cada verdade que procedia de sua boca.

Embora muitas vezes pregasse sob ameaça de perder a própria vida, o perigo apenas aumentava o empenho de Whitefield. Relatando uma ocasião específica, Whitefield comentou:

> Escapei com vida por um fio; pois quando passava do púlpito ao coche, senti minha peruca e meu chapéu quase derrubados. Virei para trás e observei uma espada apenas tocando minha têmpora. Um malandro bem jovem, conforme mais tarde descobri, estava decidido a me golpear, mas um senhor, ao ver a espada empenhada contra mim, bateu nela com sua bengala, e assim providencialmente, a vítima a que foi destinado ficou ilesa.[14]

Desde o início de seu ministério, Whitefield determinou no coração que haveria de pregar o evangelho, não obstante qualquer perigo. Não somente a vida de seus ouvintes estava nas mãos de Deus, como também a sua própria vida.

A inflexível realidade da morte causava com que ele pregasse como se os ouvintes estivessem à beira da eternidade, prestes a dar um passo ou para o céu ou para o inferno. Whitefield era tão sincero, explicou Ian Paisley, que

> a congregação só enxergava um profeta contemplando o próprio trono de Deus, e em termos de familiaridade com os seres celestiais. Ele pregava com tal empenho ao descrever a alma como uma nau à deriva, tendo perdido seus mastros, no fim de suas vigas, que, quando ele perguntava "O quê?", os marinheiros na congregação freneticamente respondiam: "Toma o escaler!"[15]

Ao final de um sermão pregado em Edimburgo, Whitefield impeliu em sua congregação a realidade de suas mortes iminentes com o imediato aparecimento diante de Deus:

> "O anjo que atende está prestes a deixar este limiar e ascender ao céu; será que ele não subirá levando consigo a notícia de um pecador, dentre toda essa multidão, que tenha sido corrigido do erro de seus caminhos?" Então, com mãos erguidas e olhos mirando o céu ele diz: "Para, Gabriel! Para, Gabriel! Para antes de entrar nos portais sagrados, leva contigo a notícia de um pecador convertido a Deus!"[16]

De tal maneira Whitefield elevava a importância da pregação que ele declarou: "Que eu morra pregando".[17] Outra vez: "Espero ainda morrer no púlpito, ou logo após descer dele".[18] Na providência de Deus, Whitefield realizou este mesmo desejo. Em uma sacada não longe de seu leito de morte, ele pregou seu último sermão a uma grande multidão que enchera a rua em frente da casa pastoral. Morreu horas depois de oferecer o convite a todos para que abraçassem a Cristo.

ZELO ARDENTE

A alma de Whitefield era incendiada por ardente zelo em sua pregação. Sua zelosa pregação não pode ser explicada, como alguns tentaram, por seus dias de juventude no palco teatral ou por sua educação superior em Oxford. Pelo contrário, Whitefield era cheio de fogo e fervor na pregação porque estava cheio de Deus. John Carrick escreveu: "Quando ele pregava sua pessoa inteira ficava desperta em um poderoso... movimento do corpo, a expressão de seu rosto e as modulações de sua voz."[19] J. I. Packer acrescentou que Whitefield possuía "uma paixão de levantar os braços e bater os pés... com uma inundação de afeto e compaixão."[20] Amos Stevens Billingsley declarou sucintamente: "Whitefield era uma chama de fogo",[21] que ardia brilhantemente para a glória de Deus.

João Gillies notou que a pregação de Whitefield possuía "extraordinário grau de sinceridade e zelo".[22] Ou seja, sua paixão excedia em muito qualquer medida normal de intensidade de alma. "Whitefield pregava como um leão", asseverou Gillies. "A força, veemência e paixão de sua oratória maravilhavam os seus ouvintes, fazendo-os tremer como Félix diante do apóstolo."[23] Consequentemente, os ouvintes de Whitefield não apenas escutavam sua pregação — eles a *sentiam*: "Muitos, confio eu, têm sentido e por muito tempo ainda sentirão o impacto de seu zelo e fogo, a paixão e a chama de suas expressões."[24]

Ninguém descreve melhor a entrega apaixonada dos sermões por Whitefield do que seu colaborador no evangelho, João Wesley. Este antigo companheiro de classe na faculdade notava que Whitefield falava com *divino patos*, querendo dizer emoções divinamente despertadas que provocavam os sentimentos em outros. Além do mais, Wesley dizia que seu amigo pregava com "fervente zelo, inigualável desde os dias dos apóstolos".[25] O poder da pregação de Whitefield, Wesley mantinha, "não

era da força de sua cultura; não, nem pelo conselho de seus amigos. Não era nada senão a fé em um Senhor de sangue derramando."[26] Whitefield falava com "eloquência" e "surpreendente força persuasiva, a qual os mais endurecidos pecadores não podiam resistir".[27]

Outros que ouviam Whitefield pregar descreveram sua entrega como sendo "apaixonada, intensa, cheia de fogo e zelo". "Whitefield tendia a falar com as mãos tanto quanto com os lábios e a boca",[28] comentou Martyn Lloyd-Jones. De fato, Whitefield frequentemente pregava com uma inundação de lágrimas enquanto instava aos pecadores para abraçarem a Cristo. Afeto de tal monta não podia ser resistido por seus ouvintes. Um observador notou:

> Quase não pude suportar tal uso irrestrito de lágrimas, e o espaço que ele dava aos sentimentos, pois às vezes ele chorava excessivamente, batia forte e apaixonadamente no chão, e frequentemente estava tão passado, que por alguns segundos se poderia suspeitar que ele nunca mais conseguiria se recuperar. Quando o fazia, a natureza requeria um tempinho para se recompor. Quase nunca o vi passar um sermão sem chorar com maior ou menor intensidade, e creio que eram realmente lágrimas sinceras.[29]

Cheio de ímpeto, fogo e dramaticidade, a pregação de Whitefield vinha com profunda paixão surgida de dentro de sua alma. Quando criticado por sua exibição de emoções, ele respondia:

> Vós me culpais por chorar, mas como posso evitar fazer isso quando vós mesmos não chorais, ainda que vossas almas imortais estejam à beira da destruição. Pelo que sabeis, pode ser que estejais ouvindo vosso último sermão, e pode ser que nunca mais tereis oportunidade de que Cristo vos seja oferecido?"[30]

No fundo, Whitefield sentia o impacto da verdade que pregava. Ele proclamava graça, fé, inferno, céu e eternidade porque acreditava que eram realidades divinas.

Em cada sermão, Whitefield lançava uma corda salva-vidas aos que se afogavam no oceano do próprio pecado, implorando que eles agarrassem a corda e fossem salvos. Isso demandava uma nota de urgência da sua parte. Até o final, Whitefield pregava com "uma frequência e um fervor que parecia exceder a força natural dos mais resistentes".[31] Ele nunca amainou sua mensagem, mas permaneceu marcado "por fervente zelo, e por uma entrega formidável e extremamente persuasiva".[32]

Em onze de novembro de 1770, John Newton, autor do hino memorável "Amazing Grace" [Graça Sublime], pregou um sermão comemorativo da morte de Whitefield. Newton comparava a pregação de Whitefield a uma luz ardente, que trazia calor a todos que se assentavam sob ele. "Quer consideremos a intensidade de seu zelo, a grandeza de seus talentos ministeriais, quer a extensa utilidade com a qual o Senhor o havia honrado" disse Newton, "...ele foi levantado para brilhar em um lugar escuro".[33]

A zelosa pregação de Whitefield era forte contraste às práticas letárgicas dos seus dias. Aos púlpitos do século XVIII faltavam paixão, zelo e qualquer força de convicção, falta essa severa. Os pregadores haviam sido esfriados pelas filosofias humanistas da época, que embalavam as suas proclamações outrora zelosas em estupor sem vida. Stephen Mansfield notou: "O sermão havia sido sepultado como forma de arte religiosa. [...] Quando Whitefield chegou em cena, ele o socorreu. Fez do sermão o que deveria ter sido em todo o tempo: um apelo desesperado a um povo que perece, um confronto com a palavra do Deus vivo."[34]

Ministros anglicanos daqueles dias eram calmos, controlados, dignificados, sofisticados e maçantes em suas pregações. Contudo, Whitefield era totalmente diferente. Ele rompeu no cenário com novo

fervor de coração, que não havia sido visto desde a grande era dos puritanos. Com brilhante afeto, Whitefield levantou e restaurou o padrão de pregação para as futuras gerações de púlpitos protestantes até os dias atuais.

AMOR FERVOROSO

A intensa paixão de Whitefield era atiçada por seu amor cada vez mais profundo por Deus e Jesus Cristo, que, por sua vez, incendiou sua compaixão pelos pecadores perdidos. O biógrafo Joseph Belcher descreve Whitefield como "incendiado pelo amor, por estar em contato habitual com a cruz".[35] O afeto de Whitefield por Deus era alimentado por sua reflexão sobre a grandeza do caráter do Senhor. Além do mais, seu coração amoroso era atiçado pela comunhão pessoal com Jesus Cristo. Tal conhecimento íntimo de Cristo era tema consistente, que enchia sua alma e aumentava ainda mais seu afeto. Belcher acrescentou que Whitefield era consumido por "um coração que ardia com amor e zelo por seu Senhor e Mestre".[36]

O amor fervente estava no cerne da efetividade de Whitefield como evangelista. Quando pregava, o seu amor pelos pecadores parecia sobrepujá-los. "Em todos os seus discursos", observa John Gillies, "havia fervente caridade que derretia, e sinceridade persuasiva com um derramamento de superabundante amor".[37]

Muitas vezes Whitefield chorava enquanto pregava. Marcus Loane escreve: "Poucos suportavam a cena, que despertava os afetos e tocava as cordas escondidas do coração como nunca antes. Os homens não conseguiam odiar alguém que os amava e chorava por suas almas."[38] De tal maneira ele foi compungido pelo amor de Cristo, que encontrava grande dificuldade para parar de insistir pelas almas de seus ouvintes.

Profunda compaixão pelos descrentes movia Whitefield em sua pregação. Certa vez ele declarou:

> O amor de Jesus Cristo me constrange a levantar a voz como trombeta. Meu coração agora está cheio; da abundância do amor que tenho por vossas

> preciosas almas imortais, minha boca fala, e agora não só poderia continuar a discorrer até à meia-noite, como poderia continuar falando até não mais poder falar.[39]

Ele se desgastava de todo coração na busca dos perdidos, eles bem o sabiam, e eram atraídos a seus argumentos sinceros.

O princípio regente do coração de Whitefield era o amor de Cristo demonstrado na cruz. "O amor de Jesus... é insondável", declarou. "Ó altura, profundidade, extensão e amplitude desse amor, que levou o Rei da Glória para sair de seu trono, para morrer por rebeldes tais como nós, quando nós agimos com tanto desamor contra ele, e nada merecíamos senão a condenação eterna."[40] Tal afeto contagioso pelos pecadores fluía da convicção de Whitefield de que Cristo ama indiscriminadamente a todos que chegam a ele em fé.

Não obstante a severidade da poluição moral dos pecadores, Whitefield proclamava o amor de Cristo para perdoar até mesmo o mais vil e imundo transgressor. A despeito da sua maldade, ele estendia apelos apaixonados a virem a Cristo para ver purificados seus pecados. "Por que temeis que Jesus Cristo não vos aceite?",[41] perguntava. Whitefield desejava remover toda hesitação que impedisse que os incrédulos chegassem a Cristo:

> Vossos pecados não serão impedimento, vossa indignidade não será obstáculo. Se vossos próprios corações corruptos não vos impedirem nada impedirá que Cristo vos receba. Ele ama ver pobres pecadores vindo a ele. Ele se alegra em vê-los prostrados a seus pés pedindo por suas promessas, e se assim indignos vierdes a Cristo, ele não vos mandará embora sem o seu Espírito; não, mas vos receberá e abençoará.[42]

O amor incondicional de Cristo pelos pecadores foi forte catalisador da pregação de Whitefield: "Meus amigos, confio sentir o distinto amor de

Deus sobre meu coração! Portanto, tenho de... convidar pobres pecadores sem Cristo a vir para ele e aceitar a sua justiça, para que possam receber vida."[43]

Tal amor divino o impelia a pregar aos carentes de Cristo. A sua ardente pregação tornou-se conduíte pelo qual fluía amor pelas pessoas. Quem sabe fosse esse mesmo elemento que tenha feito que seu ministério florisse sobre o palco do mundo. Ele se estendia indiscriminadamente ao rico e ao pobre, igualmente à ducado e ao mendigo. Não pode haver verdadeiro entendimento da pregação evangelística de Whitefield sem entender essa realidade fundamental do amor a Deus governando sua alma.

DILIGÊNCIA INTENSA

Um entendimento do ministério de Whitefield tem de reconhecer sua busca implacável dos perdidos. O mundo do século XVIII jamais havia testemunhado pregador dessa estirpe, que não se confinava dentro das paredes de um edifício de igreja, mas se lançava ao mundo. Ao descrever tal ousada iniciativa, J. C. Ryle notou:

> Ele era o primeiro a perceber que os ministros de Cristo deviam cumprir a tarefa de pescadores. Não podiam esperar que as almas viessem a eles, mas deveriam ir atrás delas, "compelindo-as a entrar". Ele não ficava sentado calmamente ao lado da lareira. [...] Se enfiava em buracos e cantos em busca dos pecadores. Procurava como caçador a ignorância e o vício onde quer que estivessem. Em suma, ele iniciou a caminhada em um sistema de ação que, até sua época, tinha sido comparativamente desconhecido.[44]

Como Jesus e seus apóstolos, Whitefield pôs-se a caminho no mar aberto da humanidade para tornar-se pescador de homens. "O mundo inteiro é agora a minha paróquia", exclamou. "Onde quer que meu Mestre me chamar, estou pronto para ir pregar o Evangelho eterno."[45]

Sem vacilar em sua disposição, Whitefield não se detinha com quaisquer dificuldades ou oposição de pregar em todo lugar onde pisava seus pés. Das viagens de Whitefield, John Newton comentou: "Este mensageiro de boas novas pregou o evangelho eterno em quase todo lugar considerável da Inglaterra, Escócia, Irlanda, e por todo o Império Britânico na América, que é uma extensão de mais de mil milhas."[46] Até mesmo durante uma época de viagens de carroça e cavalo, duras viagens pelo mar, e árduas condições de viagem, Whitefield não permitia que nada o impedisse de espalhar as boas novas de Cristo a todos em seu redor.

Whitefield é lembrado como um dos primeiros a pregar aos escravos africanos nas colônias. O historiador Thomas Kidd comentou: "Whitefield expressava crescente consciência e preocupação com a situação dos afro-americanos, tanto do norte quanto do sul."[47] Whitefield tinha, escreveu Kidd, "esperanças altaneiras" de proporcionar uma educação aos escravos africanos com instrução espiritual.[48] Erskine Clarke, em sua épica obra *Our Southern Zion* [Nosso Sião do Sul], notou o clima perigoso em que Whitefield entrou:

> Whitefield chegou em Charlestown em janeiro de 1740, menos que quatro meses depois da rebelião dos escravos Stono ter sido esmagada. Rebeldes fugitivos ainda estavam soltos e outra conspiração escravagista era fomentada no condado de Berkeley, que arrebentaria dentro de poucos meses.[49]

Nesses tempos perigosos e tumultuados, enquanto "o fogo do Grande despertamento varria as terras baixas [da Carolina do Sul]",[50] Whitefield foi até os escravos e pregava a Cristo.

A primeira mulher afro-americana a ter sua obra publicada, Phillis Wheatley, compôs um poema animado sobre George Whitefield após a morte dele. Lady Huntingdon, de quem Whitefield havia se tornado capelão, era amiga da família dos Wheatleys e mais tarde financiou a publicação de volume de poemas de Phillis. A poesia prestava tributo a Whitefield, como o instrumento usado por Deus para trazer uma mensagem de esperança a um povo em meio ao desespero. Em memorial desse homem que estendeu o amor de Deus aos escravos americanos, Wheatley, aos dezessete anos, reconheceu a compaixão que ele demonstrava aos escravizados, apresentando-lhes a mensagem da vida eterna:

Tomai a ELE, "meus queridos AMERICANOS", ele disse,
Sejam vossas queixas lançadas sobre o seu peito:
Tomai a ELE, vós *africanos,* ele anseia por vós;
SALVADOR imparcial, é seu título devido;
Se escolherdes andar na estrada da graça,
Vós sereis filhos, e reis, e sacerdotes para DEUS.[51]

Sem discriminação ou preconceito, quer livre quer escravo, Whitefield via a *todos* os homens como escravizados ao pecado, e os buscava com determinação, sem diferencia-los, a fim de demonstrar o caminho que Wheatley chamava de "caminho da graça". Ele elevava aqueles que eram escravos, reconhecendo ser eles almas preciosas a quem Deus chama para ser seus filhos. Na pregação de Whitefield, "todo que quiser" era nota contínua que ele tocava.

Neste capítulo, observamos a intensa paixão de Whitefield na pregação. Suas profundas convicções, sua sinceridade a prova de fogo, zelo ardente, amor fervoroso, e sua diligência intensa mostram que ele era um homem sancionado por Deus a proclamar as insondáveis riquezas da verdade divina. Tal mandato deve fazer intenso qualquer homem. Este foi o efeito inegável sobre a alma de Whitefield. Ele conta a seguinte história que demonstra melhor este ponto:

> O Arcebispo da Cantuária, no ano de 1675, conhecia Sr. Butterton [o ator]. Certo dia, o Arcebispo... disse a Butterton... "peço que me informes, Sr. Butterton, qual a razão que vós atores no palco conseguires afetar vossas congregações ao falar de coisas imaginárias, como se elas fossem reais, enquanto nós na igreja falamos de coisas reais, às quais nossas congregações recebem apenas como se elas fossem imaginárias?" "Pois, meu Senhor", disse Butterton, "a razão está bem clara. Nós atores no palco falamos de coisas imaginárias como se elas fossem verdadeiras, e vós, nos púlpitos, falais de coisas reais como se forrem imaginárias".[52]

Whitefield, então, fazia a aplicação para sua própria vida, dizendo: “Portanto, berrarei [gritarei bem alto]; não serei pregador de boca de veludo.”[53]

A pregação com todo o coração era demonstração do pleno envolvimento de Whitefield em tudo que ele dizia. Foi por isso que em certa ocasião ele disse aos ouvintes, “Voltarei para casa com pesado coração, a não ser que alguns de vós vos levanteis e venhais ao meu Jesus. Desejo pregar a ele e não a mim mesmo; não descansarei enquanto outros não ouvirem e me seguirem.”[54] Com isso, ele instava e implorava que seus ouvintes cressem em Cristo e fossem salvos.

É dessa espécie de pregação apaixonada que precisamos novamente no tempo atual. Com certeza poderemos passar sem palestras exegéticas mofadas do púlpito. Guardai-as para a sala de aula. Podemos passar com menos corações e personalidades frívolas, levianas no púlpito. O que precisamos desesperadamente nestes dias é de mais apelos urgentes e intensos, conforme exemplificado pelo talentoso evangelista, George Whitefield.

CAPÍTULO 6

Um mandado do Senhor

> *Whitefield nos diz mais que qualquer outra coisa –– não basta a ortodoxia. Em certo sentido, João Calvino sempre precisa de George Whitefield. Com isso quero dizer que o perigo dos que seguem os ensinos de Calvino, o que fazem corretamente, é que tendem ... a se afundar no que eu descreveria como uma "ortodoxia ossificada". Isso não tem valor, meu amigo. É necessário o poder do Espírito sobre a ortodoxia.*[1]
>
> — Martyn Lloyd-Jones

Em 1753, Samuel Davies, sucessor de Jonathan Edwards como presidente da *Universidade de Princeton*, e o ministro presbiteriano Gilbert Tennent, tomaram navio saindo da América. Dirigiam-se à Inglaterra, em uma missão para levantar fundos para aquela instituição ainda iniciante. Sua viagem atravessando o Atlântico foi turbulenta, e eles temeram naufragar diversas vezes. Finalmente chegaram em Londres numa manhã de sábado. Imediatamente procuraram saber: "O Sr. Whitefield está na cidade?" Para sua alegria, foi-lhes dito que ele deveria pregar na manhã seguinte. Com grande antecipação, esses dois líderes espirituais se aproximaram para ouvir Whitefield pregar.

Refletindo sobre o culto, Davies escreveu: "Ficou muito claro para mim, desde o início do culto, que o Sr. Whitefield tivera uma semana

excepcionalmente ocupada; era óbvio que ele não teve tempo de preparar o sermão adequadamente." Acrescentou: "Do ponto de vista da construção e ordenação dos pensamentos era deficiente e cheio de defeitos; era um sermão fraco." "Mas", disse ele, "a unção que o atendia era tal que eu teria arriscado os rigores do naufrágio no Atlântico muitas vezes mais, a fim de apenas estar ali e vir sob sua graciosa influência."[2]

Davies foi espectador do poder do Espírito Santo, que alimentava tão visivelmente o ministério de pregação de George Whitefield. Aqui se encontrava um homem dotado de poderosa influência da parte de Deus ao desempenhar a proclamação da Palavra. Quando Whitefield se punha em pé para declarar o evangelho, era fortalecido no Senhor. O poder do Espírito capacitou esse talentoso evangelista a realizar uma obra monumental e testemunhar resultados surpreendentes.

O efeito da influência do Espírito na vida de Whitefield não pode ser exagerado. Era essa força divina que o capacitava a atravessar todo o cenário das Ilhas Britânicas e viajar pelas colônias americanas proclamando a Jesus Cristo. Foi pelo poder do Espírito que ele viu dois continentes abalados pelo evangelho.

Whitefield acreditava ser crucial que o Espírito Santo fosse realidade experimentada em sua vida e ministério. No aniversário de 250 anos do nascimento de Whitefield, o pastor da Irlanda do Norte, Ian Paisley, notou a crença de Whitefield de que "o poder de Deus, o Espírito Santo, tinha de ser manifesto e pode ser experimentado".[3] O próprio Whitefield asseverava: "Os crentes podem sentir o Espírito de Deus em suas impressões santificadoras e salvadoras testemunhando com nossos próprios espíritos."[4] Qualquer observador do extenso ministério de Whitefield concluiria corretamente que esse evangelista itinerante era dotado com uma medida incomum do divino poder do Espírito Santo.

Neste capítulo conclusivo, nosso foco será o poder do Espírito Santo no ministério de pregação de George Whitefield. Consideraremos como, tendo

recebido uma missão do Senhor, Whitefield foi soberanamente chamado, implacavelmente impelido, espiritualmente energizado, divinamente consolado e sobrenaturalmente efetivo.

SOBERANAMENTE CHAMADO

Whitefield cria que Deus o havia chamado soberanamente para pregar o evangelho. Ele não podia explicar seu ministério à parte dessa obra divina dentro dele. Inicialmente estava aterrorizado com a ideia de pregar – jamais teria escolhido esse papel. Lloyd-Jones comentou:

> Ele sentia que era uma tarefa tão sagrada; quem era ele para entrar num púlpito para pregar? Pensava em correr mil milhas para fugir de pregar. Tal era a sua visão disso tudo, e era essa a visão que ele tinha de si e de sua própria condição indigna, que levou muito para persuadir a George Whitefield a subir ao púlpito para pregar.[5]

O Espírito venceu seus temores e suas apreensões. Nas profundezas da alma, Whitefield sabia ter sido chamado para pregar — e *tinha* de pregar. Ao refletir sobre seu chamado ao ministério, Whitefield disse que era o Espírito quem o convocara a pregar:

> Fui para Oxford sem um amigo sequer; não tinha um servo, não tinha uma só pessoa para me apresentar; mas Deus, por seu Santo Espírito, se agradou de me levantar para pregar, por amor de seu grande nome: mediante seu Espírito divino continuo até o dia de hoje e sinto que meus afetos estão, como sempre, dirigidos à obra e ao povo do Deus vivo.[6]

Uma vez convertido Whitefield imediatamente possuía plena segurança de que Deus, em sua soberania, o havia chamado para si mesmo. Igualmente, estava persuadido ter recebido poder para o ministério do evangelho. Seus sermões eram cheios do Espírito, e era óbvio a seus ouvintes que Deus falava quando ele abria a boca para pregar.

Whitefield acreditava que muitos pastores na Igreja da Inglaterra não eram convertidos nem chamados. Esses pregadores não regenerados não tinham sido designados por Deus ao ministério, e pregavam sermões vazios e sem vida. J. I. Packer disse: "O clero anglicano escrevia e lia sermões chatos, da espécie levemente moralista e apologética."[7]

Em forte contraste a essa retórica vazia, Whitefield pregava de maneira mais semelhante à pregação dos apóstolos. Packer explicou ainda:

> Whitefield pregava de improviso sobre céu e inferno, pecado e salvação, o amor de Cristo até a morte, e o novo nascimento, revestindo seus simples esboços expositivos com brilhante e dramática retórica, que desafiava as consciências, reforçando suas alterações vocálicas de suavizar e cutucar com grande quantidade de movimentos e gestos corporais, assim acrescentando grande energia às coisas que dizia.[8]

Era o Santo Espírito que estimulava a mente de Whitefield, colocava fogo em sua alma, inflamava seu coração, alimentava sua paixão e fortalecia seu corpo. A sua pregação reintroduziu as verdades antigas da Escritura à atmosfera seca da pregação do evangelho. Ele empregava todos os seus dons e talentos a essa tarefa sagrada. Mas somente o chamado e a dotação do Espírito podem explicar a extensão do impacto de Whitefield.

IMPLACAVELMENTE IMPELIDO

Propulsionado pelo poder do Espírito Santo, Whitefield ia adiante no ministério, como uma tempestade. O implacável impulso do esforço hercúleo de Whitefield era propelido pelo poder do alto. Considere o passo sem paralelo do ministério itinerante de Whitefield. Não importava o que estivesse a sua frente, fosse oportunidade ou obstáculo, a determinação espiritual de Whitefield não podia ser abafada. Quando lhe negavam acesso a um púlpito de igreja ele ia ao campo aberto. Se perseguido por uma multidão irada ele perseverava, apesar das ameaças à sua segurança e à própria vida. Depois que pregava em um continente tomava um navio e navegava até o outro lado do Atlântico. Esse arauto persistente, como poucos, possuía uma assídua propensão a proclamar Cristo.

A produtividade de Whitefield se estendia além da sua pregação. Whitefield dava miríades de entrevistas pessoais a indivíduos que procuravam seus conselhos, mantendo um prodigioso ministério de escrever cartas. Fundou três igrejas e uma escola, e fundou e assumiu a responsabilidade por um orfanato em Savannah, na Geórgia. Disse ele: "Tenho de me dedicar mais e mais ao esforço de fazer o bem às almas preciosas e imortais."[9] Seu coração era de tal maneira inundado em favor dos outros que ele sentia-se compelido a levar-lhes a Palavra de Deus. Era essa a determinação de Whitefield.

As constantes demandas sobre sua vida o esticavam além dos limites. Esse "pregador intercontinental do evangelho"[10] era um evangelista infatigável, muitas vezes pregando cinco ou seis sermões em um só dia, por até quarenta horas por semana. Viajar no século XVIII era muito árduo, e o horário de Whitefield — indo de uma cidade a outra, um país a outro, até mesmo de um continente a outro — teria desgastado

completamente outro homem. É surpreendente que ele tivesse vivido tanto quanto viveu sob um peso tão exaustivo.

Pessoas sempre insistiam com Whitefield para ir mais devagar, diminuir o passo de seu ministério. Uma resposta típica era: "Prefiro me desgastar a me enferrujar".[11] Era simplesmente incapaz de encurtar o passo, mesmo enquanto seu tempo sobre a terra chegava ao fim. Quando Whitefield se preparava para entregar o que seria seu sermão final, alguém lhe disse: "Senhor, estás mais apto a ir para a cama do que para pregar". Whitefield olhou para o céu de disse: "Senhor Jesus, estou cansado em tua obra, mas não estou cansado de tua obra".[12] Embora estivesse esgotado por seus estupendos labores no ministério do evangelho, Whitefield deu um passo adiante para completar a carreira que lhe havia sido proposta.

O único jeito de Whitefield suportar tudo que fazia, viajar tanto quanto ele viajava, pregar tanto quanto ele pregava e exercer a força que despendia, era pelo poder do Espírito Santo. Whitefield continuamente testificava quanto a isso em seus *Diários*: "Deus deu-me capacidade de falar com demonstração do Espírito e com poder."[13] Noutra ocasião ele comentou: "Preguei com... tanta demonstração do Espírito como nunca antes... Deus realmente tem me concedido porção dobrada de seu Espírito."[14] No meio de seu passo exaustivo, certa vez Whitefield comentou: "Dormi bem pouco essa noite como também na noite anterior; mas fui mui fortalecido pelo Espírito."[15] Na sua própria fraqueza, o Espírito lhe dava poder sobrenatural para compensar aquilo que faltava fisicamente, emocionalmente e espiritualmente.

Até o fim, Whitefield era implacavelmente dirigido pelo Espírito Santo a realizar tudo que suas mãos haviam disposto a fazer. A sua efetividade não estava apenas em sua eloquência ou seu zelo, mas surgia do fato de que Deus havia "concedido a ele e a seu ministério 'uma poderosa efusão do Espírito Santo'; e era esse, o poder divino, o primeiro segredo de seu sucesso."[16]

ESPIRITUALMENTE ENERGIZADO

A vida de Whitefield demonstra que nem mera concordância com a verdade nem a correção doutrinária basta para exercer influência evangelística efetiva. Tem de haver o poder do Espírito acompanhando essa verdade, tanto no pregador quanto no ouvinte. Como escreveu Whitefield: "Ah, como as verdades divinas encontram seu próprio caminho quando atendidas pelo poder divino."[17] Qualquer poder que Whitefield possuísse não era proveniente de suas capacidades humanas natas, mas do Espírito que nele habitava.

"A ortodoxia não basta", Martyn Lloyd-Jones escreveu. "Havia pessoas ortodoxas no tempo de Whitefield, mas eram comparativamente inúteis. É possível exibir uma ortodoxia morta."[18] Refletindo sobre a obra do Espírito em Whitefield, Lloyd-Jones acrescentou:

> O poder do Espírito é essencial. Temos de ser ortodoxos, mas Deus nos livre de repousar em nossa ortodoxia. Temos de buscar o mesmo poder do Espírito que foi dado a George Whitefield. Esse nos dará uma tristeza pelas almas, uma profunda preocupação com elas, e o zelo necessário para nos capacitar a pregar com poder e convicção a todas as classes e todos os tipos de homens.[19]

O profundo amor de Whitefield pelas almas de homens e mulheres não teve origem nele mesmo. Foi Deus que lhe deu amor incomum por aqueles a quem ele pregava. O Espírito dava também a Whitefield perseverança para realizar cada vez mais. Para um pastor em Charleston, Carolina do Sul, ele escreveu: "Fui capacitado a preparar nove discursos para serem impressos. Meu corpo está mais forte, e ontem à noite, o grande Deus, de

maneira gloriosa, encheu e protegeu minha alma. Estou suspirando pela completa santidade de Jesus, meu Senhor."[20]

Não existe explicação para aquilo que Whitefield realizou, a não ser pelo poder de Deus em sua vida. Mesmo quando ele sentia desespero ao olhar para suas circunstâncias adversas e provações, Whitefield recebia força do Espírito para firmemente perseverar. Em certa ocasião, ele relatou:

> Pela sua misericórdia infinita, pude ser fortalecido no Senhor meu Deus. Estou desanimado, mas não destruído; perplexo, mas não desesperado. Poucos dias atrás, ao ler a *Vida de Calvino*, de Beza, estas palavras muito me impressionaram: "Calvino foi expulso de Genebra, mas eis que surge uma nova igreja!" Jesus, o amoroso, sempre e totalmente amável Jesus, se compadece de mim e me consola.[21]

Em outra ocasião, Whitefield escreveu: "Fui fortalecido para pregar duas vezes por dia, e andar várias milhas a cada vez. As congregações têm sido surpreendentemente grandes; a palavra é assistida com poder, e os alertas pela terra são maiores que nunca."[22] De Gloucester, em 5 de fevereiro de 1742, ele escreveu: "Ontem preguei três vezes, e visitei também uma sociedade particular pela noite. Hoje, pude pregar três vezes com grande poder. Aqui está havendo tal despertamento, jamais visto antes por esses lados."[23] Embora estivesse fisicamente exausto e mentalmente esgotado pelos rigores dos dias anteriores, Whitefield era espiritualmente energizado para cada novo dia: "Parece que tenho um novo corpo, e o Senhor enriquece grandemente a minha alma."[24] Vez após vez, Whitefield atribuía a efetividade, influência e âmbito de seu ministério ao efeito vivificador do Espírito Santo.

O Espírito também deu a Whitefield resiliência em face da oposição à mensagem que pregava. Ele escreveu sobre meninos e meninas atirando ovos e terra contra ele,[25] e relatou que noutra ocasião, "algumas pobres

almas começaram a me insultar, mas Jesus muito me fortaleceu. Foram jogados vários torrões de terra, um sobre minha cabeça e outro batendo em meus dedos, enquanto eu estava orando. Um doce espírito evangélico me foi dado."[26] Quando enfrentava tal oposição, Whitefield sentia como se estivesse opondo-se diretamente a Satanás. Nenhum mensageiro humano que dependa de sua própria força, contendia Whitefield, poderia esperar sucesso na confrontação direta com o adversário. Ele compreendeu as palavras do apóstolo João: "Maior é aquele que está em vós do que aquele que está no mundo" (1João 4.4).

O poder do Espírito Santo fez dele um vencedor em seu conflito com o príncipe do poder do ar. A respeito de um desses conflitos com o Diabo, Whitefield comentou:

> Fui até St. Helen's, onde Satanás me enfrentou grandemente — de repente sentime abandonado, e minha força se esvaiu de mim. Mas achei ser isso obra do Diabo, e assim determinei resisti-lo firme na fé. Sendo assim, ainda que eu estivesse excessivamente doente na leitura e nas orações, e quase incapaz de falar quando entrei no púlpito, Deus deu-me coragem para começar, e antes que eu acabasse, já me encontrava aquecido e fortalecido no Espírito, e pude oferecer livremente a Jesus Cristo.[27]

Em 1739, em Basingstoke, na Inglaterra, Whitefield pregou por uma hora em uma sala grande, repleta de pessoas, enquanto do lado de fora uma turba gritava e jogava pedras nas janelas. Ele relembrou: "Depois disso, meu espírito reviveu, meu corpo se fortaleceu, e Deus me deu fortes palavras, e assim eu falei com liberdade... a Palavra de Deus."[28] Exemplos como estes servem para demonstrar o efeito energizante do Espírito sobre o ministério de pregação de Whitefield enquanto ele proclamava fielmente a mensagem salvadora de Cristo, mesmo em meio a esses adversários.

DIVINAMENTE CONSOLADO

Whitefield recebia o consolo divino em meio às muitas circunstâncias adversas em sua vida e ministério. Foi confrontado com múltiplas dificuldades durante toda sua vida e enfrentava resistência da parte de muitos. Qualquer desses problemas bastaria para desanimar até mesmo os mais fortes entre os homens. No entanto, ao ler sobre a vida de Whitefield, vemos um servo do Senhor que não era diminuído pelo desânimo nem se afogava no desespero, mas em alegria abundante que transbordava de paz. Isso tem de ser atribuído à suficiência do Espírito Santo que habitava nele.

Às vezes, Whitefield sentia-se abandonado pelo Senhor. Nessas horas o Senhor vinha com grande poder para escorá-lo na sua fraqueza. Whitefield refletia: "às vezes eu me sinto abandonado e muito oprimido por um tempo, especialmente antes da pregação, mas logo o conforto começa a me inundar."[29] O refrão: "Sentia-me abandonado antes de subir ao púlpito" era repetido frequentemente por Whitefield, mas inevitavelmente era seguido por: "Deus me fortaleceu para falar".[30] O reconhecimento que Whitefield tinha de sua própria fraqueza fez com que dependesse exclusivamente de Deus e de seu poder que a tudo sustenta.

Conforme disse Whitefield tão acertadamente: "Ando continuamente no consolo do Espírito Santo."[31] Ele recebia encorajamento constante do Consolador, sem o qual jamais poderia ter continuado com coração calmo em meio às muitas tempestades turbulentas. Em uma ocasião desafiadora, ele comentou: "Minha alma estava repleta de consolo e alegria inefáveis no Espírito Santo."[32] Whitefield encontrava no Espírito Santo fonte inesgotável de alegria em meio aos muitos reveses enfrentados.

Em 1738, tomou o navio *Mary*, em viagem de Charleston para a Inglaterra. Com exceção de dois ou três dias, o primeiro mês da viagem para casa foi uma tempestade contínua sobre mar aberto. Durante a

primeira semana Whitefield nunca pôde despir-se, mas ficou deitado sobre o convés, ou em cima de um baú a cada noite. Em três de outubro, quando tinham velejado umas 150 milhas, depararam com uma tempestade violenta que cortou quase todas as velas do navio. A rede de dormir do capitão na cabina maior estava cheia de água até pela metade. Whitefield, em sua cabina, estava encharcado. A maior parte das provisões frescas foi levada ao mar pelas ondas, e os cordames foram seriamente danificados.[33]

No meio desse temporal tão turbulento, Whitefield manteve-se em paz pela presença consoladora e sustentadora do Espírito Santo. Ele escreveu sobre a experiência: "Tenho estado um tanto enjoado, e embora não pudesse trocar as roupas e tivesse ficado deitado sobre o convés ou sobre um baú a cada noite, a bondade de Deus tem me mantido com força e saúde, dando-me sentimento de estar possesso pelo seu Espírito Santo."[34] Foi esse Espírito que lhe deu calma e confiança durante essas circunstâncias mais adversas.

Whitefield entendia que o ministério interior do Espírito, embora inexplicável, era real. Certa vez quando ele se sentiu exaurido, declarou: "Depois disso, encontrei renovada a minha força e minha alma se encheu do divino amor e da alegria do Espírito Santo. Ah! Que mistério é a vida escondida do cristão."[35] Ao enfrentar essas muitas tribulações de vida e de ministério — o conflito com os Wesley, o peso financeiro do *Orfanato Betesda*, as longas viagens oceânicas, a morte prematura de seu filho recém-nascido, a perda de sua esposa, e crescente número de perturbadores das pregações em meio às multidões — este valoroso soldado da cruz encontrava consolo sobrenatural no Senhor, mediado pelo Espírito Santo. Sem essa alegria e paz interior as multidões não teriam sido atraídas ao evangelho que ele apresentava.

O testemunho desse auxílio divino era seu constante refrão. Em seus *Diários* Whitefield testificava, vez após vez, que era o Espírito Santo que concedia paz e alegria sobrenaturais à sua alma aflita: "Há muito sabemos

que o Reino de Deus não consiste em coisas externas, mas em justiça, e paz, e alegria no Espírito Santo."[36] Outra vez: "Glória seja dada a Deus que me enche continuamente não só de paz, como também de alegria no Espírito Santo."[37] Ou: "Deus me enche de amor, paz e alegria no Santo Espírito, Ah! Como o Espírito Santo faz com que eu me alegre em Deus!"[38] Whitefield encontrava no Espírito fonte de inesgotável graça a banhar seu coração exausto, consolando, levantando e sustentando-o a cada difícil passo de sua extensa jornada.

SOBRENATURALMENTE EFETIVO

Whitefield entendia que os efeitos de sua pregação eram determinados pela soberania de Deus. A sua responsabilidade era entregar a mensagem e deixar os resultados inteiramente para Deus. No decurso da pregação de Whitefield, vidas foram visível e dramaticamente afetadas e alteradas. Tais resultados eram efeito claro da mão de Deus. Iain Murray observou: "A pregação de Whitefield era acompanhada por efeitos similares aos produzidos pela pregação da era apostólica."[39] J. C. Ryle comentou: "Ele era um dos homens mais poderosos e pregadores mais efetivos que já viveram."[40] Estes homens entenderam que essa efetividade era resultado direto do poder de Deus no ministério de Whitefield.

Desde o início de seu ministério, Whitefield relatava a evidência do Espírito Santo sobre a sua pregação. Depois de seu primeiro sermão, em 30 de junho de 1736, em Gloucester, ele escreveu:

> Foi-me dado falar com grande grau de autoridade no evangelho. Poucos zombavam, mas a maioria estava tocada, e tenho ouvido, desde então, que foi feita uma queixa ao bispo, de que a pregação levou quinze pessoas naquele primeiro sermão. O digno prelado, fui informado, desejou que essa loucura não fosse esquecida antes do domingo seguinte.[41]

Mesmo em seu sermão inicial, Whitefield reconheceu o efeito sobrenatural sobre seus ouvintes.

Mais tarde, na Escócia, Whitefield relatou: "O Santo Espírito pareceu vir sobre mim como impetuoso vento... todo dia ouço falar de algum novo bem realizado pelo poder de Deus. Mal consigo deixar a Escócia."[42] Onde quer que fosse, o efeito do Espírito no seu ministério era notável pelo convencimento e pela conversão das almas.

Incontáveis exemplos podem ser dados desses efeitos gerados pelo Espírito. Em 19 de julho de 1740, George Whitefield escreveu em seus *Diários* sobre a efetividade de seu ministério em Charleston, Carolina do Sul: "Na verdade, muitas vezes a Palavra veio como martelo e fogo."[43] Whitefield atribuía esse poder na pregação ao Espírito Santo. Reconhecia que seus sermões continham o poder para conversão que só pode ser atribuído a Deus. A. S. Billingsley notou:

> Quando o Sr. Whitefield pregou em Nova York com "choro, pranto e gemidos" por toda a congregação, um menino pequeno sentado nas escadas do púlpito foi de tal forma tocado que mal pode ficar de pé. Perguntaram lhe por que chorava, ao que respondeu: "Quem pode evitar. A Palavra me cortou o coração." Quando ele pregou em Baskinridge disse ele: "Não havia discursado muito até que em todas as partes da congregação alguém tinha começado a chorar em alta voz, e quase todos estavam banhados em lágrimas."[44]

Noutra ocasião, Billingsley explicou, "Whitefield deu uma palavra de exortação com efeito de derreter o coração. Um que recebeu a Cristo clamou: 'Ele veio! Ele veio!' E mal podia sustentar a descoberta que Jesus Cristo fez a sua alma."[45] Outra vez ainda, Whitefield relatou:

> As pessoas estavam tão sinceras na descoberta do Senhor Jesus para suas almas, que seu choro ansioso me obrigou a parar, e eu orava sobre eles ao ver aumentar sua agonia e angústia. No fim, minha própria alma estava tão cheia que eu me retirei, e estive em forte angústia por um tempo. Chorei sob profundo senso de minha própria vileza e a soberania e grandeza do amor eterno de Deus.[46]

Whitefield sabia que tal operação do Espírito não poderia ser transferida automaticamente em escritos publicados. Quando lhe pediram

uma cópia de sermão para publicação, ele disse: “Não tenho objeção, se puserdes nele os raios e trovões e arco-íris juntos.”[47] Com humilde reconhecimento, Whitefield via a si mesmo como um canal pelo qual fluía o Espírito:

> O Espírito Santo operou de modo tão poderoso sobre meus ouvintes, tocando seus corações, e os derretendo em uma inundação de lágrimas de tal maneira que um homem espiritual comentou “que jamais tinha visto igual”. Deus está comigo... Meu entendimento é mais esclarecido, meus afetos mais inflamados, e meu coração está transbordando do amor a Deus e ao homem.”[48]

É a única explicação que consegue interpretar corretamente a pregação de Whitefield — foi pela operação do Espírito em sua própria vida e na de seus ouvintes, que produzia efeitos extraordinários.

O mesmo Espírito que habitou Whitefield tem sua residência real no coração de todo crente em Cristo. O mesmo Espírito que chamou Whitefield da obscuridade para a influência mundial tem colocado o mesmo chamado sobre o coração de cada cristão, de testificar do evangelho. O mesmo Espírito que deu poder a Whitefield em seus numerosos esforços pode impulsionar a todo seguidor de Cristo a servir em seu nome. O mesmo Espírito que deu força a Whitefield dará a divina energia e poder sobrenatural hoje para realizar todo seu querer. É essa influência do Espírito Santo, vista na pregação de Whitefield, que é tão necessária ser recuperada novamente. Sobre essa pregação ousada, feita pelo Espírito, Robert Philip escreveu:

> Já há muito tempo a igreja de Cristo deve considerar, não apenas o dever de depender do Espírito, como também a importância da “demonstração do Espírito” na pregação. Isso é mais que demonstrar ortodoxia. É mais que a demonstração de estudos proveitosos e sadios e profundos. É ainda mais

> que demonstração de mera sinceridade e fidelidade. A sinceridade pode ser fria e é possível uma fidelidade severa.[49]

Uma ortodoxia morta jamais transmitirá vida ao ministério do evangelho. Ao contrário, o poder do Espírito Santo é essencial na pregação do evangelho para infundir vida às almas humanas. Whitefield com certeza estava imbuído desse divino poder na pregação evangelística. Tal poder vindo do céu tem de ser restaurado aos púlpitos de hoje. Que o soberano chefe da igreja, que possui toda autoridade nos céus e na terra, dê à sua igreja mensageiros dessa estirpe, dotados pelo Espírito.

CONCLUSÃO

Queremos novamente pessoas da estirpe de Whitefield!

> *Já lemos ou ouvimos dizer de qualquer pessoa que tenha chamado tantos milhares, tantas miríades de pecadores ao arrependimento? Acima de tudo, teríamos lido ou ouvido dizer de outro que tenha sido bendito instrumento de Deus para trazer tantos pecadores das trevas para a luz e do poder de Satanás para Deus como foi Whitefield?*[1]
>
> — João Wesley

É virtualmente impossível ler sobre a vida e ministério de George Whitefield sem se impressionar com seu zelo evangelístico. Temos nele um homem que se entregou inteiramente ao chamado mais nobre de todos –– a pregação para as almas dos homens. Sem truques e acessórios, sem fumaça e espelhos, aqui está um humilde mensageiro, armado apenas com o evangelho, encorajado pelo Espírito, buscando reavivar a igreja e ganhar os perdidos para Cristo. Temos aqui uma alma em fogo e uma vida zelosa por proclamar o glorioso evangelho.

Whitefield jamais perdeu de vista o fato de que era vil pecador, salvo pela incomparável graça do Redentor. Jamais promoveu a si mesmo, mas desejava simplesmente que Cristo fosse glorificado por meio de seus muitos labores. Ele não permitiu que nenhuma instituição cristã ou

movimento religioso recebesse seu nome. Era modelo de humildade retraída, até mesmo quando estava entre dolorosas controvérsias. Jamais defendia sua própria causa, nem buscava a atenção do público. Em vez disso, Whitefield buscava apenas a honra de Deus na salvação das almas perdidas.

O que mais aprendemos da vida de George Whitefield? Entre suas muitas qualidades que vale à pena imitar, vemos a primazia do evangelho em sua pregação. Ele vivia para proclamar a mensagem salvadora de Jesus Cristo. Nos dias atuais em que muitos no ministério tentam ser muitas coisas, tais quais empresários, marqueteiros, estrategistas, comunicadores, atores, dramaticistas, organizadores, promotores, e coisas semelhantes, nos deparar face a face com alguém como Whitefield é um desafio.

É isso que deve ser recuperado nos dias presentes. Charles Spurgeon profeticamente descreveu a grande necessidade desta hora:

> Carecemos novamente de Luteros, Calvinos, Bunyans, Whitefields – homens dignos de marcar as épocas, cujos nomes respiram pavor aos ouvidos de nosso inimigo. Temos muita necessidade de tais. De onde eles nos virão? Eles são dons de Jesus Cristo à igreja, e virão em tempo oportuno. Ele tem poder de nos devolver uma era de ouro de pregadores, e quando a boa e antiga verdade for mais uma vez pregada por homens cujos lábios são tocados como que por uma brasa viva tirada do altar, este será o instrumento na mão do Espírito para promover um reavivamento grande e completo de fé na terra.[2]

Com inabalável convicção, Spurgeon concluiu:

> Não procuro outro meio de converter os homens além da simples pregação do evangelho e abertura dos seus ouvidos para escutá-la. No momento em que a igreja de Deus desprezar o púlpito, Deus desprezará a igreja. Tem sido

> por meio do ministério que o Senhor sempre se agradou de rever e abençoar suas igrejas.[3]

O exemplo que perdura deste "Grande Itinerante" coloca diante de nós o que deveria estar na alma de todo pregador. Em sua obra magistral sobre George Whitefield, Arnold Dallimore ansiava por aquilo que com certeza está em nossos corações:

> Este livro foi escrito com o desejo — quem sabe com uma medida de certeza interior — de que vejamos o Grande Cabeça da igreja trazendo à existência seus especiais instrumentos de avivamento, novamente levantando para si certos jovens a quem poderá usar nesta gloriosa tarefa. Que espécie de homens serão? Homens poderosos nas Escrituras, cujas vidas são dominadas por um senso da grandeza, majestade e santidade de Deus, e de cujas mentes e corações brilhe as grandes verdades das doutrinas da graça. Serão homens que aprenderam o que significa morrer para si, para os alvos humanos e as ambições pessoais; homens dispostos a ser "loucos por amor a Cristo", que suportem exprobração e censura, que labutem e sofram, e cujo desejo supremo seja, não conseguir o louvor da terra, mas ganhar a aprovação do Mestre, quando se apresentarem diante de seu maravilhoso e terrível juízo. Serão homens que preguem com corações quebrantados e olhos cheios de lágrimas, sobre cujos ministérios Deus concederá extraordinária efusão do Espírito Santo. [...] Na verdade, este livro vai adiante com sincera oração para que, em meio à iniquidade desmedida e patente apostasia do século vinte, Deus o utilize para levantar tais homens e conceder um poderoso reavivamento, como aquele que foi visto há duzentos anos.[4]

Que o Senhor levante uma nova geração de zelosos evangelistas, que jamais percam de vista a necessidade de pregar o evangelho com um senso de urgência e paixão. Agora mais que nunca, precisamos de homens dominados pela glória de Deus, que exponham a Escritura, proclamem as

doutrinas da graça, e chamem homens e mulheres para seguir a Cristo pela fé. Que o Senhor conceda aos pregadores, e igualmente a cada cristão, a mente, o coração e a paixão de George Whitefield –– uma mente regida pela verdade, um coração compungido pelo mundo, e uma paixão pela glória de Deus.

Realmente, carecemos novamente de pessoas como Whitefield!

NOTAS

Prefácio: Raios de um céu sem nuvens

1. Iain H. Murray, *Heroes* (Edimburgo: Banner of Truth, 2009), 53.
2. Martyn Lloyd-Jones, *The Puritans: Their Origins and Successors* (Edimburgo: Banner of Truth, 1996), 107.
3. Murray, *Heroes*, 49.

Capítulo Um: Uma força para o evangelho

1. *C H Spurgeon Autobiography, Vol 2* (Londres: Passmore and Alabaster, 1898), 66.
2. Whitefield, Letter 110, *The Works of the Reverend George Whitefield, Vol I* (Londres: Edward and Charles Dilly, 1771), 105.
3. W. Cooper, "Mr. Cooper's Preface to the Reader," *The Works of Jonathan Edwards,Vol 2*, revisado e corrigido por Edward Hickman (1834, repr.; Edimburgo: Banner of Truth, 1979), 258.
4. John Newton, citado por J. B. Wakeley, *Anecdotes of the Rev George Whitefield* (1879, repr.; Weston Rhyn, Inglaterra: Quinta, 2003), 20.
5. Augustus Toplady, "A Concise Character of the Late Rev. Mr. Whitefield," em *The Works of Augustus Toplady, B A* (Londres: J. Chidley, 1837), 494.
6. J. C. Ryle, *The Christian Leaders of the Last Century* (1868, repr.; Moscow, Ida.: Charles Nolan, 2002), 44.
7. *C H Spurgeon's Autobiography, Vol II* (1898, repr.; Pasadena, Tex.: Pilgrim, 1992), 66.
8. Ian R. K. Paisley, "George Whitefield — Or From Pub to Pulpit: A Sermon Preached on the 250th Anniversary of Whitefield's Birth" (Belfast: Puritan, 1964), 1.
9. Martyn Lloyd-Jones, *The Puritans: Their Origins and Successors* (Edimburgo: Banner of Truth, 1996), 104, 111.
10. Paisley, "George Whitefield," 1.
11. Edwin Charles Dargan, *A History of Preaching, Volume II* (Grand Rapids, MI.: Baker, 1974), 307.
12. Michael A. G. Haykin, *The Revived Puritan* (Dundas, Ontario: Joshua, 2000), 33. [Harry S. Stout, "Heavenly Comet," *Christian History*, 38 (1993), 13.]
13. Lloyd-Jones, *Puritans*, 105.
14. Lloyd-Jones, *Puritans*, 106.
15. Arnold A. Dallimore, *George Whitefield: God's Anointed Servant in the Great Revival of the Eighteenth Century* (Wheaton, Ill.: Crossway, 1990), 17.

16. Ibid., 17.
17. *George Whitefield's Journals* (1738–1741, repr.; Edimburgo: Banner of Truth, 1998), 58.
18. *George Whitefield's Letters* (1771, repr.; Edimburgo: Banner of Truth, 1976), 16.
19. *Whitefield's Journals*, 80.
20. *Whitefield's Journals*, 89, 83.
21. George Whitefield conforme citado por Robert Philip, *The Life and Times of George Whitefield* (1837, repr.; Edimburgo: Banner of Truth, 2007), 103–104.
22. *Whitefield's Journals*, 260–277.
23. *Whitefield's Journals*, 277.
24. Whitefield, Letter 300, em *The Works of the Reverend George Whitefield*, *Vol I* (Londres: Edward and Charles Dilly, 1771), 277.
25. Whitefield, Letter 1414, em *The Works of the Reverend George Whitefield*, *Vol III* (Londres: Edward and Charles Dilly, 1771), 387.
26. *Whitefield's Journals*, 227.
27. Whitefield, Letter 1004 (cf. Letter 1389, 372), em *Works, Vol III*, 42.
28. Arnold Dallimore, *George Whitefield: The Life and Times of the Great Evangelist of the 18th Century Revival, Vol 1* (1970, repr.; Edimburgo: Banner of Truth, 1995), 268.
29. Haykin, *The Revived Puritan*, 33–34. [*The Journal of the Rev John Wesley, A M,* ed.Nehemiah Curnock (1911 ed.; repr. Londres: Epworth, 1960), II, 256–257, n.1.]
30. Andrew A. Bonar, *Memoir and Remains of Robert Murray M'Cheyne* (1844, repr.; Edimburgo: Banner of Truth, 2009), 146.
31. Lloyd-Jones, *Puritans*, 110.
32. J. I. Packer, "The Spirit with the Word: The Reformational Revivalism of George Whitefield," em *The Bible, the Reformation and the Church: Essays in Honor of James Atkinson*, ed. W. P. Stephens (Sheffield, England: Sheffield Academic, 1995), 167.
33. *Benjamin Franklin's Autobiography and Selected Writings,* ed. Dixon Wecter e Larzer Ziff (New York: Holt, Rinehart and Winston, 1967), 110.
34. Walter Isaacson, *Benjamin Franklin: An American Life* (Nova York: Simon and Schuster, 2003), 111.
35. Amos Stevens Billingsley, *The Life of the Great Preacher, Reverend George Whitefield:Prince of Pulpit Orators and Specimens of His Sermons* (1878, repr., Charleston, S.C.: Nabu, 2010), 180.
36. *Whitefield's Journals,* 477.
37. Jonathan Edwards, conforme citado em *The Cambridge Companion to Jonathan Edwards*, ed. Stephen J. Stein (New York: Cambridge, 2007), 137.
38. Perry Miller, *Jonathan Edwards* (New York: William Sloan Associates, 1949), 134.
39. Billingsley, *The Life of the Great Preacher*, 187.
40. Wakeley, *Anecdotes*, 61.
41. Whitefield, Letter 1170, em *Works*, *Vol III*, 208.
42. Dallimore, *George Whitefield: God's Anointed Servant*, 196.
43. Mr. M'Cullock, citado por Robert Philip, *The Life and Times*, 376.
44. Whitefield, Letter 547, em *Works, Vol II*, 52.

45. Whitefield, Letter 784, em *Works, Vol II*, 289.
46. *The Journal of John Wesley* (Chicago: Moody, 1974), 284.
47. John Gillies, *Memoirs of George Whitefield* (New Haven, Conn.: Whitmore and Buckingham and H. Mansfield: 1834), 216.
48. Sir Marcus Loane, *Oxford and the Evangelical Succession* (Ross-shire, Escócia: Christian Focus, 2007), 55.
49. John Wesley, *Sermons on Several Occasions, Volume 1* (Londres: Printed for Thomas Tegg, 73, Cheapside, 1829), 596.
50. J. C. Ryle, "George Whitefield and His Ministry," em *Select Sermons of George Whitefield*, ed. J. C. Ryle (1958, repr.; Edimburgo: Banner of Truth, 1997), 32.

Capítulo Dois: Uma vida de dedicação singular
1. Lloyd-Jones, *Puritans,* 104–105.
2. J. C. Ryle, *Select Sermons of George Whitefield* (1958, repr.; Edimburgo: Banner of Truth, 1997), 41.
3. Packer, "The Spirit with the Word," 173.
4. Mark A. Noll, "Pietism," em *Evangelical Dictionary of Theology* (Grand Rapids, Mich.: Baker, 1999), 855–856.
5. *Whitefield's Letters,* 33.
6. E. A. Johnston, *George Whitefield: A Definitive Biography, Vol 1* (Stoke-on-Trent, Inglaterra: Tentmaker, 2008), 498.
7. Lloyd-Jones, *Puritans*, 118–119.
8. *Whitefield's Journals*, 48.
9. Dallimore, *George Whitefield: The Life and Times, Vol 1*, 22.
10. *Whitefield's Journals*, 60.
11. Ibid., 48.
12. Ibid.
13. Dallimore, *George Whitefield: The Life and Times, Vol 1*, 22.
14. *Whitefield's Journals*, 60.
15. Whitefield, Sermon 2, em *The Works of the Reverend George Whitefield, Vol V* (Londres: Edward and Charles Dilly, 1772), 27.
16. Haykin, *The Revived Puritan*, 105.
17. Whitefield, Letter 381, em *Works, Vol I,* 28.
18. Philip, *The Life and Times,* 565.
19. *Whitefield's Journals*, 83–84.
20. Ibid., 61.
21. Dallimore, *George Whitefield: The Life and Times, Vol 1*, 80. "Law's rules" (as regras de Law" são um conjunto de diretrizes para a vida santa, formulados pelo by the English minister e mestre inglês William Law, publicados em 1729.
22. Whitefield, Sermon 2, em *Works, Vol V*, 28.

23. *Whitefield's Journals*, 91.
24. Ibid.
25. Whitefield, Letter 35, em *Works, Vol I*, 38.
26. Whitefield, Sermon 2, em *Works, Vol V*, 28.
27. Lloyd-Jones, *Puritans,* 127.
28. Whitefield, Sermon 31, em *Works, Vol V*, 457.
29. Stephen Mansfield, *Forgotten Founding Father: The Heroic Legacy of George Whitefield* (Nashville: Cumberland House, 2001), 214, 216.
30. *Sermons of George Whitefield* (Peabody, Mass.: Hendrickson, 2009), 199–200.
31. Ibid., 199–200.
32. *Whitefield's Journals*, 347–348.
33. Whitefield, Letter 262, em *Works, Vol I*, 245.
34. Whitefield, Letter 120, em *Works, Vol I*, 115.
35. Lloyd-Jones, *Puritans*, 106.
36. Ryle, *Select Sermons*, 5 – 6.
37. Whitefield, Letter 267, em *Works, Vol I*, 250.
38. Whitefield, Letter 271, em *Works, Vol I*, 255.
39. Gillies, *Memoirs* (Whitmore), 216 – 219.
40. Whitefield, Letter 991, em *Works, Vol III*, 29.
41. Arnold Dallimore, *George Whitefield: The Life and Times of the Great Evangelist of the 18th Century Revival, Vol 2* (Edimburgo: Banner of Truth, 1995), 258.
42. Ryle, *Select Sermons*, 39.
43. Whitefield, Letter 1102, em *Works, Vol III*, 144.
44. Haykin, *The Revived Puritan*, 103.
45. Whitefield, Letter 298, em *Works, Vol I*, 275.
46. *Whitefield's Journals*, 462.
47. Whitefield, Letter 640, em *The Works of the Reverend George Whitefield, Vol II* (Londres: Edward e Charles Dilly, 1771), 144.
48. Whitefield, Letter 68, em *Works, Vol I*, 66.
49. Whitefield, Letter 52, em *Works, Vol I*, 55.
50. Whitefield, Letter 66, em *Works, Vol I*, 64.
51. *Whitefield's Journals*, 17.
52. Lee Gatiss, introduction to *The Sermons of George Whitefield, Part 1*, organizado e com introdução de Lee Gatiss (Wheaton, Ill.: Crossway, 2012), 29.
53. Whitefield, Letter 29, em *Works, Vol I*, 33.
54. Ryle, *Select Sermons*, 5.
55. Whitefield, Letter 1017, em *Works, Vol III*, 56.
56. Whitefield, Sermon 32, em *The Works of the Reverend George Whitefield, Vol VI* (Londres: Edward e Charles Dilly, 1771), 6–7.
57. Ibid., 7.
58. *Whitefield's Journals*, 61.

59. Ibid.

Capítulo Três: Uma teologia de graça soberana

1. Dallimore, *George Whitefield*: *The Life and Times, Vol 1*, 409.
2. Packer, "The Spirit with the Word: The Reformational Revivalism of George Whitefield," 173.
3. Gatiss, introdução de *Sermons of George Whitefield, Part 1*, 32.
4. Mark A. Noll, *Biographical Entries from Evangelical Dictionary of Theology, Vol 1* (Grand Rapids, Mich.: Baker, 1997, 1984), 1273.
5. Whitefield, Letter 458, em *Works, Vol I*, 442.
6. Ibid., 205.
7. Johnston, *George Whitefield: A Definitive Biography, Vol I,* 498.
8. Ibid.
9. Whitefield, Letter 92, em *Works, Vol I*, 88.
10. Whitefield in Gillies, *Memoirs of Rev George Whitefield* (Middletown, Conn.: Hunt e Noyes, 1839), 95.
11. Packer, "The Spirit with the Word," 180.
12. *The Works of the Reverend George Whitefield, Vol IV* (Londres: Edward and Charles Dilly, 1772), 247.
13. R. Elliot, "A Summary of Gospel Doutrina Taught by Mr. Whitefield", em *Select Sermons of George Whitefield* (1958, repr.; Edimburgo: The Banner of Truth Trust, 1997), 52–53.
14. Whitefield in Gillies, *Memoirs* (Hunt and Noyes), 247.
15. *Sermons of George Whitefield*, 235.
16. Ibid., 234.
17. Johnston, *George Whitefield: A Definitive Biography, Vol I*, 503.
18. *Sermons of George Whitefield,* 235.
19. Ibid.
20. Ibid.
21. Ibid., 72.
22. Ibid., 235.
23. Ibid., 72–73.
24. Haykin, *The Revived Puritan*, 45. [Tyerman, Life, II, 242.]
25. *Sermons of George Whitefield,* 234.
26. Elliot, *Select Sermons*, 57.
27. Whitefield in Gillies, *Memoirs* (Hunt and Noyes), 366.
28. Whitefield, Sermon 44: "Christ the Believer's Wisdom, Righteousness, Sanctification, and Redemption", in *Works, Vol VI*, 188–189.
29. Whitefield em Gillies, *Memoirs* (Hunt and Noyes), 599.
30. Ibid., 366.
31. Whitefield, Sermon 44: "Christ the Believer's Wisdom, Righteousness, Sanctification, and Redemption", em *Works, Vol VI*, 188–189.

32. Elliot, *Select Sermons*, 69.
33. Whitefield em Gillies, *Memoirs* (Hunt and Noyes), 629–630.
34. Gatiss, introdução de *The Sermons of George Whitefield, Part 1*, 33.
35. Whitefield em Gillies, *Memoirs* (Hunt and Noyes), 641.
36. Whitefield, Sermon 38, em *Works, Vol VI*, 92.
37. Whitefield, "The Farewell Sermon," em *Select Sermons of George Whitefield* (1958, repr.; Edimburgo: Banner of Truth, 1997), 190.
38. *Select Sermons of George Whitefield,* 62.
39. Gatiss, introdução de *The Sermons of George Whitefield, Part 1*, 33.
40. Whitefield, Sermon 61: "The Good Shepherd," em *The Sermons of George Whitefield, Part 2*, organizado e com introdução de Lee Gatiss (Stoke-on-Trent, Inglaterra: Tentmaker, 2010), 455.
41. Whitefield, Sermon 35, em *Works, Vol VI* , 62.
42. Whitefield, "On Regeneration," em *Sermons of George Whitefield*, *Part 2*, 276.
43. Elliot, *Select Sermons*, 54.
44. Ibid.
45. Whitefield, Sermon 35, em *Works, Vol V,* 61.
46. Whitefield, Sermon 35, em *Works, Vol VI* , 61.
47. Whitefield, Sermon 39, em *Works, Vol VI*, 123–124.
48. Elliot, *Select Sermons*, 56.
49. *Sermons of George Whitefield,* 333.
50. Ibid., 334.
51. *Whitefield's Journals*, 581.
52. *Sermons of George Whitefield,* 334.
53. Ibid.
54. Whitefield, conforme citado em Haykin, *The Revived Puritan*, 107.
55. *Whitefield's Journals*, 578.
56. Stephen Mansfield, *Forgotten Founding Father: The Heroic Legacy of George Whitefield* (Nashville: Highland, 2001), 156.
57. Ibid., 261.
58. Ibid.
59. George Whitefield, conforme citado em Dallimore, *George Whitefield: God's Anointed Servant,* 69–70.

Capítulo Quatro: Um evangelho sem comprometimentos

1. John Newton, conforme citado por J. R. Andrews, *George Whitefield: A Light Rising in Obscurity* (Londres: Morgan & Chase, 1864), 389.
2. Lloyd-Jones, *Puritans,* 120.
3. *Sermons of George Whitefield* (Peabody, Mass.: Hendrickson, 2009), 284.
4. Whitefield, Sermon 35, em *The Works of the Reverend George Whitefield, Vol VI* (Londres: Edward and Charles Dilly, 1772), 60–61.

5. *Sermons of George Whitefield*, 222.
6. Whitefield, Sermon 44, em *Works, Vol VI*, 200.
7. *Sermons on Important Subjects by the Rev George Whitefield* (Londres: B. Fisher, 1841), 57.
8. Whitefield, Sermon 35, em *Works, Vol VI*, 62.
9. *Sermons of George Whitefield*, 110.
10. Whitefield, Sermon 35, em *Works, Vol VI*, 60.
11. *George Whitefield's Journals* (1738–1741, repr.; Edimburgo: Banner of Truth, 1998), 495.
12. Joseph Belcher, *George Whitefield: A Biography with Special Reference to His Labors in America* (New York: American Tract Society, 1857), 514.
13. Lloyd-Jones, *Puritans*, 120.
14. Conforme citado em Sinclair B. Ferguson, *In Christ Alone: Living the Gospel Centered Life* (Orlando, Fla.: Reformation Trust, 2007), 127.
15. Arnold A. Dallimore, *George Whitefield: The Life and Times of the Great Evangelist of the 18th Century Revival, Vol 1* (Edimburgo: Banner of Truth, 1970), 127–128.
16. Dallimore, *Whitefield: Life and Times*, *Vol 1*, 345. Dallimore também observa que por meio de sua interação com o Arcebispo Tillotson (ver abaixo), Whitefield "focalizou a atenção de milhares sobre a grande verdade central do avivamento: a necessidade do novo nascimento" (p. 483).
17. Dallimore, *Whitefield: Life and Times, Vol 1*, 124.
18. Ibid., 345.
19. George Whitefield, Samuel Drew and Joseph Smith, "Sermons on Important Subjects," em *Commendations by Notable Preachers, the Works of George Whitefield* (Weston Rhyn, England: Quinta [First published 1825] 2000), 31.
20. Harry S. Stout, "Whitefield in Three Countries," em *Evangelicalism: Comparative Studies of Popular Protestantism in North America, The British Isles, and Beyond, 1700–1900,* ed. Mark A. Noll, David Bebbington, and George A. Rawlyk (Nova York: Oxford University Press, 1994), 58–59. "o seu produto — o novo nascimento — ele ofereceria na… praça pública…"
21. Whitefield, Sermon 49, em *Works, Vol VI*, 257.
22. Billingsley, *The Life of the Great Preacher*, 136.
23. Whitefield, Sermon 49, em *Works, Vol VI*, 259.
24. Whitefield, Sermon 41, em *Works, Vol VI*, 149.
25. Ibid.
26. George Whitefield, conforme citado por Sir Marcus Loane, *Oxford and the Evangelical Succession* (Londres: Butterworth, 1950), 41.
27. Lloyd-Jones, *Puritans*, 125.
28. Ibid., 126.
29. Lee Gatiss, introdução de *The Sermons of George Whitefield, Vol 1*, editado e com introdução de Lee Gatiss (Wheaton, Ill.: Crossway, 2012), 22.
30. Whitefield, Sermon 32, em *Works, Vol VI*, 18. Emphasis added.
31. Whitefield, Sermon 51, em *Works, Vol VI*, 298. Emphasis added.
32. *Sermons of George Whitefield*, 159. Emphasis added.
33. Whitefield, Sermon 36, em *Works, Vol VI*, 78.

34. Whitefield, Sermon 22, em *The Works of the Reverend George Whitefield, Vol V* (Londres: Edward and Charles Dilly, 1772), 325–326.
35. Whitefield, Sermon 35, em *Works, Vol VI*, 60. Emphasis added.
36. Whitefield, Sermon 36, em *Works, Vol VI*, 77–78.
37. J. I. Packer, "The Spirit with the Word: The Reformational Revivalism of George Whitefield," in *The Bible, the Reformation and the Church,* ed. W. P. Stephens (Sheffield, Inglaterra: Sheffield Academic, 1995), 186.
38. *Sermons of George Whitefield*, 228.
39. Whitefield, Sermon 29, em *Works, Vol V*, 428.
40. Whitefield, Sermon 28, em *Works, Vol V*, 426.
41. *Sermons of George Whitefield*, 154.
42. Billingsley, *The Life of the Great Preacher*, 149.
43. Ibid., 149.
44. Arnold Dallimore, *George Whitefield: The Life and Times of the Great Evangelist of the 18th Century Revival, Vol 2* (Edimburgo: Banner of Truth, 1995), 122.
45. Arnold Dallimore, "George Whitefield," em *New Dictionary of Theology*, eds. Sinclair Ferguson and David Wright (Downers Grove, Ill.: InterVarsity Press, 1988), 721.

Capítulo Cinco: Uma paixão que consumia

1. Ryle, "George Whitefield and His Ministry," em *Select Sermons,* 21.
2. Dallimore, *George Whitefield: The Life and Times*, 541.
3. Nathan Cole, conforme citado por Iain H. Murray, *Jonathan Edwards: A New Biography* (Edimburgo: Banner of Truth, 1987), 214.
4. Ibid.
5. Nathan Cole, *Spiritual Travels,* conforme citado em *Whitefield's Journals*, 562.
6. Ryle, "George Whitefield and His Ministry," em *Select Sermons*, 36.
7. Whitefield, "Neglect of Christ," em Gillies, *Memoirs* (Whitmore), 590.
8. Edward S. Ninde, *George Whitefield: Prophet-Preacher* (New York: Abingdon, 1924), 176–177.
9. R. Kent Hughes, *Romans: Righteousness from Heaven* (Wheaton, Ill.: Crossway, 1991), xii.
10. Gillies, *Memoirs* (Whitmore), 273–274.
11. Ryle, "George Whitefield and His Ministry," em *Select Sermons*, 36.
12. Paisley, "George Whitefield," 10–11.
13. Whitefield, Letter 733, em *Works, Vol II*, 230.
14. Whitefield, Letter 412, em *Works, Vol I*, 387.
15. Paisley, "George Whitefield," 11.
16. Ibid.
17. Whitefield, Letter 916, em *Works, Vol II,* 432.
18. Whitefield, Letter 597, em *Works, Vol II*, 105.
19. John Carrick, *The Imperative of Preaching* (Edimburgo: Banner of Truth, 2002), 43–44.
20. Packer, "The Spirit with the Word," 180.

21. Billingsley, *The Life of the Great Preacher,* iii.
22. Gillies, *Memoirs* (Whitmore), 24.
23. Ibid.
24. Ibid., 262.
25. John Wesley, citado por Gillies, *Memoirs* (Whitmore), 244.
26. Ibid., 247.
27. Ibid.
28. Lloyd-Jones, *Puritans*, 117.
29. Philip, *The Life and Times*, 557.
30. Whitefield, citado por Gillies, *Memoirs* (Whitmore), 274.
31. Ibid., 235–236.
32. Ibid.
33. Ibid., 243.
34. Mansfield, *Forgotten Founding Father*, 124–125.
35. Belcher, *George Whitefield*, 514.
36. Ibid., 351.
37. Gillies, *Memoirs* (Whitmore), 24.
38. Loane, *Oxford and the Evangelical Succession* (Christian Focus), 61.
39. Whitefield, Sermon 38, em *Works, Vol VI*, 101.
40. *Selected Sermons of George Whitefield* (Philadelphia: Union, 1904), 91.
41. Whitefield, Sermon 22, em *Works, Vol V*, 325–326.
42. Ibid.
43. Whitefield, Sermon 14, em *Works, Vol V*, 230.
44. Ryle, *Christian Leaders*, 37.
45. Whitefield, Letter 110, em *Works, Vol I*, 105.
46. Gillies, *Memoirs* (Whitmore), 243.
47. Thomas S. Kidd, *The Great Awakening: The Roots of Evangelical Christianity in Colonial America* (New Haven, Conn.: Yale, 2007), 61.
48. Ibid.
49. Erskine Clarke, *Our Southern Zion: A History of Calvinism in the South Carolina Low Country*, 1690–1990 (Tuscaloosa, Ala.: University of Alabama Press, 1996), 77.
50. Ibid.
51. *The Poems of Phillis Wheatley* (Chapel Hill: University of North Carolina Press, 1989), 134.
52. Harry S. Stout, *The Divine Dramatist: George Whitefield and the Rise of Modern Evangelicalism* (Grand Rapids, Mich.: Eerdmans, 1991), 239–240.
53. Ibid.
54. Whitefield, Sermon 27, em *Works, Vol V*, 416.

Capítulo Seis: Um mandado do Senhor

1. Lloyd-Jones, *Puritans*, 126–127.

2. Samuel Davies, conforme citado por Lloyd-Jones, *Puritans,* 123–124.
3. Paisley, "George Whitefield," 9.
4. Ibid.
5. Lloyd-Jones, *Puritans*, 119.
6. *Sermons of George Whitefield*, 335.
7. Packer, "The Spirit with the Word," 170.
8. Ibid.
9. Whitefield, Letter 588, em *Works, Vol II*, 96.
10. J. I. Packer, foreword to *George Whitefield: A Definitive Biography*, *Vol 1,* by E. A. Johnston, xvii.
11. Wakeley, *Anecdotes*, 28.
12. Ibid., 29.
13. *Whitefield's Journals*, 200–201.
14. *Whitefield's Journals*, 203.
15. Ibid., 203.
16. Dallimore, *George Whitefield: The Life and Times,* 117.
17. *Whitefield's Journals*, 429.
18. Lloyd-Jones, *Puritans*, 126.
19. Ibid., 126–127.
20. Whitefield, Letter 250, em *Works, Vol I*, 237.
21. Whitefield, Letter 272, em *Works*, *Vol I*, 257.
22. Whitefield, Letter 300, em *Works*, *Vol I*, 276.
23. Whitefield, Letter 396, em *Works*, *Vol I*, 368.
24. Billingsley, *The Life of the Great Preacher*, 185.
25. Whitefield, Letter 312, em *Works, Vol I*, 388.
26. Whitefield, Letter 544, em *Works, Vol II*, 47.
27. *Whitefield's Journals*, 206.
28. Ibid., 211.
29. Ibid., 195.
30. Ibid., 462.
31. Philip, *The Life and Times,* 248.
32. *Whitefield's Journals*, 210.
33. Ibid., 167–180.
34. Ibid., 166.
35. Ibid., 251.
36. Ibid., 256.
37. Ibid., 195.
38. Ibid., 201.
39. Murray, *Heroes*, 52.
40. J. C. Ryle, *A Sketch of the Life and Labors of George Whitefield* (New York: Anson D. F. Randolph, 1854), 4.
41. Whitefield, Letter 16, em *Works, Vol I*, 19.

42. Whitefield, Letter 369, em *Works, Vol I*, 337.
43. *Whitefield's Journals*, 444.
44. Amos Stevens Billingsley, *The Life of the Great Preacher Reverend George Whitefield* (Philadelphia: P. W. Ziegler, 1878), 183.
45. Ibid.
46. Ibid., 184.
47. Lloyd-Jones, *Puritans*, 122.
48. *Whitefield's Journals*, 197.
49. Philip, *The Life and Times*, 212.

Conclusão: Queremos pessoas da estirpe de Whitefield novamente!

1. *The Works of the Reverend John Wesley, A M Vol 1* (New York: Emory and Waugh, 1831), 477.
2. *C H Spurgeon Autobiography, Vol 1: The Early Years, 1834–1859*, compiled by Susannah Spurgeon and Joseph Harrald (Carlisle, Pa.: Banner of Truth, 1897– 1900, 1962), v.
3. Ibid.
4. Dallimore, *George Whitefield: The Life and Times, Vol 1*, 16.

BIBLIOGRAFIA

Andrews, J. R. *George Whitefield: A Light Rising in Obscurity* Londres: Morgan & Chase, 1864.

Belcher, Joseph. *George Whitefield: A Biography with Special Reference to His Labors in America*. Nova York: American Tract Society, 1857.

Billingsley, Amos Stevens. *The Life of the Great Preacher Reverend George Whitefield* Filadélfia: P. W. Ziegler, 1878.

———. *The Life of the Great Preacher, Reverend George Whitefield: Prince of Pulpit Orators and Specimens of His Sermons*. 1878. Reimpressão. Charleston, S.C.: Nabu, 2010.

Bonar, Andrew A. *Memoir and Remains of Robert Murray M'Cheyne*. 1844. Reimpressão, Edimburgo: Banner of Truth, 2009.

Carrick, John. *The Imperative of Preaching*. Edimburgo: Banner of Truth, 2002.

Clarke, Erskine. *Our Southern Zion: A History of Calvinism in the South Carolina*

Low Country, 1690–1990. Tuscaloosa: University of Alabama Press, 1996.

Cooper, W. "Mr. Cooper's Preface to the Reader," em *The Works of Jonathan Edwards, Vol 2,* revisado e corrigido por Edward Hickman. 1834. Reimpressão, Edimburgo: Banner of Truth, 1979.

Dallimore, Arnold. *George Whitefield: God's Anointed Servant in the Great Revival of the Eighteenth Century*. Wheaton, Ill.: Crossway, 1990.

———. "George Whitefield." em *New Dictionary of Theology*, eds. Sinclair Ferguson e David Wright. Downers Grove, Ill.: InterVarsity Press,

1988.

———. *George Whitefield: The Life and Times of the Great Evangelist of the 18th Century Revival, Vol 1* 1970. Reimpresão, Edimburgo: Banner of Truth, 1995.

———. *George Whitefield: The Life and Times of the Great Evangelist of the 18th Century Revival, Vol 2*. Edimburgo: Banner of Truth, 1995.

Dargan, Edwin Charles. *A History of Preaching, Volume II*. Grand Rapids, MI: Baker, 1974.

Elliot, R. *Select Sermons of George Whitefield*. 1958. Reimpresão, Edimburgo: The Banner of Truth Trust, 1997.

Ferguson, Sinclair B. *In Christ Alone: Living the Gospel Centered Life*. Orlando, Fla.: Reformation Trust, 2007.

Franklin, Benjamin. *Benjamin Franklin's Autobiography and Selected Writings*. Editado por Dixon Wecter e Larzer Ziff. New York: Holt, Rinehart and Winston, 1967.

Gatiss, Lee. Introduction to *The Sermons of George Whitefield, Part 1,* organizado e com introdução de Lee Gatiss. Wheaton, Ill.: Crossway, 2012.

Gillies, John. *Memoirs of Rev George Whitefield* Middletown, Conn.: Hunt and Noyes, 1839.

———. *Memoirs of Rev George Whitefield* New Haven, Conn.: Whitmore and Buckingham and H. Mansfield: 1834.

Haykin, Michael A. G. *The Revived Puritan*. Dundas, Ontário: Joshua, 2000. [Harry S.

Stout. "Heavenly Comet." Christian History, 38 (1993).]

Hughes, R. Kent. *Romans: Righteousness from Heaven*. Wheaton, Ill.: Crossway, 1991.

Johnston, E. A. *George Whitefield: A Definitive Biography, Vol 1*. Stoke-on-Trent, Inglaterra: Tentmaker, 2008.

Isaacson, Walter. *Benjamin Franklin: An American Life*. New York: Simon and Schuster, 2003.

Kidd, Thomas S. *The Great Awakening: The Roots of Evangelical Christianity in Colonial America*. New Haven, Conn.: Yale, 2007.

Loane, Sir Marcus. *Oxford and the Evangelical Succession*. Londres: Butterworth, 1950.

———. *Oxford and the Evangelical Succession* Ross-shire, Scotland: Christian Focus, 2007.

Lloyd-Jones, Martyn. *The Puritans: Their Origins and Successors*. Edimburgo: Banner of Truth, 1996.

Mansfield, Stephen. *Forgotten Founding Father: The Heroic Legacy of George Whitefield*. Nashville: Cumberland House, 2001.

Miller, Perry. *Jonathan Edwards*. New York: William Sloan Associates, 1949.

Murray, Iain H. *Heroes*. Edimburgo: Banner of Truth, 2009.

———. *Jonathan Edwards: A New Biography*. Edimburgo: Banner of Truth, 1987.

Ninde, Edward S. *George Whitefield: Prophet-Preacher.* New York: Abingdon, 1924.

Noll, Mark A. *Biographical Entries from Evangelical Dictionary of Theology, Vol 1*. Grand Rapids, MI: Baker, 1997, 1984.

———. "Pietism." em *Evangelical Dictionary of Theology*. (Grand Rapids, MI: Baker, 1999.

Packer, J. I. Foreword to *George Whitefield: A Definitive Biography, Vol 1,* por E. A.

Johnston. Stoke-on-Trent, Inglaterra: Tentmaker, 2008.

———. "The Spirit with the Word: The Reformational Revivalism of George Whitefield." em *The Bible, the Reformation and the Church: Essays in Honor of James Atkinson*, editado por W. P. Stephens. Sheffield, England: Sheffield Academic, 1995.

Paisley, Ian R. K. “George Whitefield — Or From Pub to Pulpit: A Sermon Preached on the 250th Anniversary of Whitefield’s Birth”. Belfast: Puritan, 1964.

Philip, Robert. *The Life and Times of George Whitefield* 1837. Reimpresão. Edimburgo: Banner of Truth, 2007.

Ryle, J. C. *A Sketch of the Life and Labors of George Whitefield*. New York: Anson D. F. Randolph, 1854.

———. “George Whitefield and His Ministry.” em *Select Sermons of George Whitefield,* ed. J C. Ryle. 1958. Reimpresão. Edimburgo: Banner of Truth, 1997.

———. *The Christian Leaders of the Last Century*. 1868. Reimpresão, Moscow, Ida.: Charles Nolan, 2002.

Spurgeon, Charles H. *C H Spurgeon Autobiography, Vol 1: The Early Years, 1834–1859*, compilado por Susannah Spurgeon e Joseph Harrald. Carlisle, Pa.: Banner of Truth, 1897–1900, 1962.

———. *C H Spurgeon Autobiography, Vol 2*. Londres: Passmore and Alabaster, 1898.

———. *C H Spurgeon’s Autobiography, Vol II*. 1898. Reimpressão, Pasadena, Tex.: Pilgrim, 1992.

Stein, Stephen J. *The Cambridge Companion to Jonathan Edwards*. New York: Cambridge, 2007.

Stout, Harry S. *The Divine Dramatist: George Whitefield and the Rise of Modern Evangelicalism*. Grand Rapids, MI: Eerdmans, 1991.

———. “Whitefield in Three Countries.” Em *Evangelicalism: Comparative Studies of Popular Protestantism in North America, The British Isles, and Beyond,1700–1900*. Organizado por Mark A. Noll, David Bebbington e George A. Rawlyk. New York: Oxford University Press, 1994.

Toplady, Augustus. “A Concise Character of the Late Rev. Mr. Whitefield,” em *The Works of Augustus Toplady, B A*. Londres: J. Chidley, 1837.

Wakeley, J. B. *Anecdotes of the Rev George Whitefield* 1879. Reimpresso, Weston Rhyn, Inglaterra: Quinta, 2003.

Wesley, John. *Sermons on Several Occasions, Volume 1* Londres: Impreso for Thomas Tegg, 73, Cheapside, 1829.

———. *The Journal of John Wesley*. Chicago: Moody, 1974.

———. *The Works of the Reverend John Wesley, A M Vol 1*. New York: Emory and Waugh, 1831.

Wheatley, Phillis. *The Poems of Phillis Wheatley*. Chapel Hill: University of North Carolina Press, 1989.

Whitefield, George. *George Whitefield's Journals*. 1738–1741. Reimpressão. Edimburgo: Banner of Truth, 1998.

———. *Selected Sermons of George Whitefield*. Philadelphia: Union, 1904.

———. *Select Sermons of George Whitefield*. 1958. Reimpressão. Edimburgo: Banner of Truth, 1997.

———. *Sermons of George Whitefield*. Peabody, Mass.: Hendrickson, 2009.

———. *Sermons on Important Subjects by the Rev George Whitefield*. Londres: B. Fisher, 1841.

———. *The Sermons of George Whitefield, Part 1*. Organizado e com uma introdução de Lee Gatiss. Wheaton, Ill.: Crossway, 2012.

———. *The Sermons of George Whitefield, Part 2*. Organizado e com uma introdução de Lee Gatiss. Stoke-on-Trent, Inglaterra: Tentmaker, 2010.

———. *The Works of the Reverend George Whitefield, Vol I*. Londres: Edward and Charles Dilly, 1771.

———. *The Works of the Reverend George Whitefield, Vol II*. Londres: Edward and Charles Dilly, 1771.

———. *The Works of the Reverend George Whitefield, Vol III*. Londres: Edward and Charles Dilly, 1771.

———. *The Works of the Reverend George Whitefield, Vol IV*. Londres: Edward and Charles Dilly, 1772.

———. *The Works of the Reverend George Whitefield, Vol V.* Londres: Edward and Charles Dilly, 1772.

———. *The Works of the Reverend George Whitefield, Vol VI.* Londres: Edward and Charles Dilly, 1771.

———. *Whitefield's Letters* 1771. Reimpressão, Edimburgo: Banner of Truth, 1976.

Whitefield, George, Samuel Drew, and Joseph Smith, "Sermons on Important Subjects," em *Commendations by Notable Preachers, the Works of George Whitefield*. Weston Rhyn, England: Quinta (1ª publicação 1825), 2000.

Sobre o autor

Dr. Steven J. Lawson é pastor titular da Igreja Batista da Comunidade de Cristo em Mobile, Alabama, tendo servido como pastor em Arkansas e Alabama por mais de trinta anos.

É professor adjunto e membro do conselho de *Ligonier Ministries*, e professor de pregação em *The Master's Seminary*. É formado pela Universidade Técnica do Texas (B.B.A.), Seminário Teológico de Dallas (Th.M.), e Seminário Teológico Reformado (D.Min.). Dr. Lawson é autor de vinte livros, sendo os mais recentes *In It to Win It: Pursuing Victory in the One Race That Really Counts* [Nele para o vencer: buscando vitória na única corrida que realmente tem valor] e *The Kind of Preaching God Blesses* [O tipo de pregação que Deus abençoa]. Outros de seus livros incluem *A Heróica Coragem de Martinho Lutero*; *Fundamentos da Graça* e *Pilares da Graça,* da série *Um Perfil de Homens Piedosos* (publicados em português pela Editora Fiel); *Famine in the Land: A Passionate Call to Expository Preaching* [Fome na terra: uma apaixonado chamado à pregação expositiva]; *Psalms* volumes 1 e 2 e *Job* [Salmos e Jó] na série Holman de comentários do Antigo Testamento; *Made in Our Image* [Criados a nossa imagem]; e *Absolutely Sure* [Absolutamente certo]. Seus livros têm sido traduzidos em diversas línguas, incluindo Russo, Italiano, Português, Espanhol, Alemão, Albaniano e Indonésio. Ele tem contribuído artigos para *Bibliotheca Sacra*, *The Southern Baptist Journal of Theology*, *Faith and Mission*, revista *Decision*, *Discipleship Journal*, e *Tabletalk*, entre outros periódicos e revistas.

O ministério de púlpito de Dr. Lawson o leva em volta ao mundo, incluindo países como Rússia, Ucrânia, Gales, Inglaterra, Alemanha, Itália, Suíça, Nova Zelândia, Japão e muitas conferências nos Estados Unidos,

dentre elas *The Shepherd's Conference and Resolved,* na Igreja Comunidade da Graça, em Sun Valley, Califórnia.

É presidente de *One Passion Ministries*, ministério projetado para provocar reforma bíblica na igreja de hoje. Serve na comissão executiva de *The Master's Seminary and College*, é professor de pregação expositiva no *The Master's Seminary,* no programa de doutorado em ministério, e apresenta a conferência de expositores na Igreja Batista Comunidade de Cristo. Dr. Lawson tem participado da série de palestras de Acadêmicos Distintos no Seminário *Master's* e serve no conselho consultivo do *Samara Preachers' Institute* e do Seminário Teológico de Pregadores de Samara, na Rússia.

Dr. Lawson e sua esposa, Anne, têm três filhos, Andrew, James e John, e uma filha, Grace Anne.



O Ministério Fiel tem como propósito servir a Deus através do serviço ao povo de Deus, a Igreja.

Em nosso site, na internet, disponibilizamos centenas de recursos gratuitos, como vídeos de pregações e conferências, artigos, e-books, livros em áudio, blog e muito mais.

Oferecemos ao nosso leitor materiais que, cremos, serão de grande proveito para sua edificação, instrução e crescimento espiritual.

Assine também nosso informativo e faça parte da comunidade Fiel. Através do informativo, você terá acesso a vários materiais gratuitos e promoções especiais exclusivos para quem faz parte de nossa comunidade.

Visite nosso website

www.ministeriofiel.com.br

e faça parte da comunidade Fiel